

**MARIA CRISTINA CAVALEIRO**

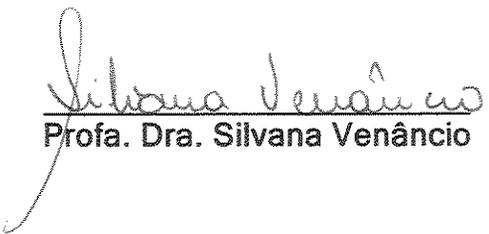
**“MULHERES EM MOVIMENTO”:  
IDENTIDADE COLETIVA E SUBJETIVIDADES  
NAS PRÁTICAS CULTURAIS DE LAZER NA  
CIDADE DE DIADEMA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP  
Faculdade de Educação Física**

**Campinas, 2004**

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

Este exemplar corresponde à redação final  
da dissertação de mestrado, defendida  
por Maria Cristina Cavaleiro  
e aprovada pela Comissão Julgadora  
em 06/07/2004.

  
Prof. Dra. Silvana Venâncio

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	
	T/Unicamp
	C314m
✓	EX
COMBO BC	60443
PROC.	6-113-04
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11,00
DATA	19-11-04
1ª CPD	

B6 #1 329940

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF - UNICAMP

C314m Cavaleiro, Maria Cristina  
 “Mulheres em movimento”: identidade coletiva e subjetividade nas práticas culturais de lazer na cidade de Diadema / Maria Cristina Cavaleiro.-- Campinas, SP : [s. n.], 2004.

Orientador: Silvana Venâncio  
 Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Administração municipal. 2. Movimentos sociais. 3. Gênero. 4. Mulheres. 5. Lazer. 6. Subjetividade. I. Venâncio, Silvana. II. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. III. Título.

MARIA CRISTINA CAVALEIRO

**“MULHERES EM MOVIMENTO”:  
IDENTIDADE COLETIVA E SUBJETIVIDADES  
NAS PRÁTICAS CULTURAIS DE LAZER NA  
CIDADE DE DIADEMA**

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Silvana Venâncio  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Sonia Maria P. Kruppa  
Comissão Julgadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Elmir de Almeida  
Comissão Julgadora

Campinas, julho, 2004

A meu pai, José, que para me acompanhar ensinou-me o significado da  
palavra saudades;

Maria, minha mãe, pelo seu desejo de viver, me ensinar e me  
compreender;

**A minha eterna gratidão por tudo o que fizeram para que eu chegasse  
a ser o que queria - o que sou.**

## AGRADECIMENTOS

### *Meus mestres:*

*Silvana Venâncio* – pelo cuidado e paciência na orientação deste trabalho, me ensinando a interrogar, a tolerar as fraquezas, meus limites e buscar outras possibilidades e novas perspectivas;

*Elmir de Almeida e Sônia Kruppa* – presenças que já haviam me ensinado muito quando percorremos as trilhas das políticas públicas para a construção da cidadania cultural em Diadema e que, ao aceitarem participar de minha banca de qualificação, permitiram que esse trabalho acolhesse suas contribuições. Suas observações pertinentes (e carinhosas!) me exigiram novos olhares;

*Lisete Arelaro* – ao incluir-me em sua equipe gestora das políticas públicas de educação, cultura, esporte e lazer, na cidade Diadema, me apresentou “às mulheres que movimentam o corpo, a cabeça e o coração”, me desafiou a querer saber mais e a seguir os caminhos iniciais que ensejaram este estudo.

Escrever este trabalho foi um processo que exigiu esforço. Disso todos sabem. Há uma exigência de um certo recolhimento, de ter que ficar ausente, de privar-se da presença de quem amamos, de alterar rotinas no trabalho; enfim, nos dá a impressão de uma “suspensão nos tempos da vida” para exercitar a capacidade de segurar uma taça vazia que vai se preenchendo. Sua intensidade provocou muitas surpresas em minha vida, onde riso e pranto se conjugaram, e se apresentaram como duas faces da mesma experiência. Passei do riso ao choro em momentos que se configuraram como um jogo. Tolerar uma mestrandia, em alguns momentos, só com muita paciência e amorosidade!

Chamo então, para agradecer, os que atravessaram comigo esse jogo, de presença e espera, riso e choro, afeto e paciência.

*Elmir:* sorriso paciente e exigente. Ao me co-orientar, me ensinou e mais do que isso, me ofereceu o abraço e o carinho de irmão que escolhi na vida.

*Simone:* um sorriso carinhoso e acolhedor em vários momentos. Sua presença e seu afeto me animaram, especialmente para o “fôlego” da reta final, quando tudo estava sempre “quase” pronto e parecia nunca terminar!

*Lena, Marli Ancassuerd, Marineide e Célia:* sorrisos acolhedores nas minhas “chegadas impacientes” no local de trabalho. Recebiam meus olhares “irritados” e devolviam com seus sorrisos o apoio solidário de quem já passou por tudo isso.

*Marilena Nakano, Maria Elena de Gouvêa e Ivete:* Em meio a tantas dificuldades, vocês também me sorriam. Sorrisos de coragem e dignidade que brilham, na luta pelo Centro Universitário Fundação Santo André.

*Maria de Lourdes:* sorriso das lindas poesias. Também me fez ver que a sua vida dedicada ao trabalho no Centro Universitário da Fundação Santo André exigiu a escolha da poesia que rimasse coragem e dignidade. A escolha já estava feita, pois essa poesia é a vida da mestra que acolheu carinhosamente meu pedido de revisão final dos textos.

*Lana:* sorriso acolhedor que me lembrou os primeiros ensinamentos da língua estrangeira e me fez acreditar que seria capaz de vencer mais um desafio.

*Lídia e Renata:* sorrisos sempre presentes nas minhas idas e vindas com aqueles “tristes disquetes emperrados”.

*André:* sorriso jovem, solidário, preocupado em “saber se eu já havia me alimentado”. Sorria e muitas vezes, me fez “rir de mim mesma”, isso me alimentava.

*Márcia:* sorriso que acolheu de pronto minha solicitação de revisão da primeira versão para qualificação.

*Amigos e amigas dos colegiados dos Cursos de Letras e Pedagogia, do Colégio da Fundação Santo André, alunos e alunas:* sorrisos-surpresa, aqueles que buscaram se aproximar de algum jeito para dizerem “que tudo ia dar certo”. Deu certo... Fiz o possível!

*Meire, Juliana, Marcus, Tita, Verônica, Elaine:* sorrisos que faziam superar cansaços nas idas e vindas, nas trocas do nosso “mundo-vida” na Unicamp.

*Cássio, Rogério, Dani, Rose* : sorrisos da amizade, preciosos. Novos laços que me chegaram, misturados aos “capítulos”, “notas de rodapé”, etc. e trouxeram muito carinho ao compreender os meus limites para poder merecer suas presenças.

*Aos professores do DEPEL/Diadema* : sorrisos que apostaram na idéia de que essas mulheres mereciam – e merecem - também sorrir, o riso do encontro com os outros.

*Elizabeth, Noemia e Maria Odete*: foram os “primeiros sorrisos” que estão no início do movimento.

*Nanci*: sorriso da alma. Ensinou-me a olhar, explorar meus personagens, quando desempenho e assumo papéis, como numa aventura. O sorriso que sempre me acolheu (e socorreu!) me fazendo interrogar: - “É a minha aventura a minha verdade?”

Há muito mais e tantos, que mesmo não sendo aqui citados, sabem que são amigos e amigas, portanto, me acolheram nesta jornada com seus sorrisos e se fizeram presentes.

**Às “mulheres em movimento” na cidade de Diadema**: Ofereço a todas, como que num sorriso, as páginas desse trabalho.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	xxi
INTRODUÇÃO .....	1
OS CAMINHOS DA PESQUISA .....	4
CAPÍTULO I	
Movimentos de uma cidade: os espaços-tempos de Diadema .....	16
CAPÍTULO II	
Governos populares e democráticos em Diadema e as relações com os diferentes segmentos .....	31
CAPÍTULO III	
Mulheres em Movimento .....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	81
REFERÊNCIAS .....	89
ANEXO	

## RESUMO

Este estudo trata do processo de ampliação dos direitos sociais e da cidadania de um coletivo de mulheres moradoras da cidade de Diadema, região metropolitana da Grande São Paulo que, a partir de identidades individuais e coletiva, empreenderam a luta pelo direito de acesso e fruição de atividades de lazer - mediante práticas culturais presentes no universo das técnicas corporais. O coletivo "Mulheres em Movimento", ao emergir no contexto das lutas populares de Diadema, reivindicando o direito ao desenvolvimento de práticas culturais de lazer, trouxe para a esfera e agenda públicas contribuições para a tematização das necessidades e carências materiais e subjetivas das mulheres, num esforço visível de defesa e reprodução dos direitos à diferença e do diferente. Lidando com mulheres que narraram suas experiências, o estudo buscou compreender como as mulheres deste sujeito coletivo estabeleceram uma ponte entre a esfera privada (o universo doméstico) e a vida pública; a identidade individual e a ação coletiva.

**Palavras-chave:** Cidade; administração local; novos movimentos sociais; gênero; práticas culturais de lazer; subjetividades; atores sociais individuais e coletivos.

## ABSTRACT

This study aims at the process of increasing of the social rights and of the citizenship of a group of women – from the city of Diadema, a metropolitan region of the Grande São Paulo – who started the fight for the right of access and continuity of the leisure activities by means of the cultural practices found in the universe of the corporal techniques derived from the individual and collective identities. The collective “Mulheres em Movimento” when came into being in the context of the popular fights of Diadema – claiming for the right of the development of the cultural leisure practices – brought contributions to the public sphere and agenda for the theme of the women’s material lack and subjective necessities, in a visible effort of defense and reproduction of the rights as to the difference and to the different. Dealing with the women who exposed their experiences, the study tried to analyze how women belonging to this collective subject built a link between the private sphere (the domestic universe) and the public life; the individual identity and the collective action

Key words: city, local administration new social movements, gender, leisure cultural practices, subjectivities, social and collective actors.

## APRESENTAÇÃO

Uma cidade só se produz e reproduz com as marcas do urbano, da democracia e da cidadania se os sujeitos que a constroem fazem-na como *obra*. Uma obra na qual o valor de uso se sobrepõe ao valor de troca; na qual as liberdades individuais e coletivas são efetivamente asseguradas; na qual o respeito à igualdade se impõe, garantindo a existência das diferenças.<sup>1</sup>

Portanto, para uma cidade se construir como cidadã é preciso que seus ocupantes não só detenham a soberania popular, mas também o direito a ter direitos. As relações entre cidade-cidadão-cidadania-democracia explicitam-se também no fato de que suas tramas são produzidas como processos. Como afirma Benevides,

os cidadãos numa democracia não são apenas titulares de direitos já estabelecidos – mas existe, em aberto, a possibilidade de expansão, de criação de novos direitos, de novos espaços, de novos mecanismos. O processo, portanto, não se dá no vazio, [...] exige instituições, mediações e comportamentos próprios, constituindo-se na criação de espaços sociais de lutas e na definição de instituições permanentes para a expressão política, como partidos, legislação, órgãos dos poderes públicos. Distingue-se, portanto, a *cidadania passiva* – aquela que é outorgada pelo Estado, com a idéia moral da tutela e do favor – da *cidadania ativa*, aquela que institui o cidadão como portador de direitos e deveres, mas essencialmente criador de direitos para abrir espaços de participação. (BENEVIDES, 1998, p. 159, grifos da autora)

Este estudo trata do processo de ampliação da cidadania de mulheres na cidade de Diadema, região metropolitana do Grande ABCDM. Trata da produção do direito à diferença e das lutas sociais que um conjunto de mulheres diademenses travou para ver reconhecido e assegurado, mediante o sinal da diferença, o direito de acesso às atividades de lazer mediante práticas culturais presentes na esfera das técnicas corporais, forma pela qual não só disputaram a apropriação e o uso da cidade

---

<sup>1</sup> Em texto que trata das relações entre educação e cidadania, Maria Victória de Mesquita Benevides (1998, p. 156) lembra que “é preciso ter claro que a igualdade convive com diferenças – mas que não são reconhecidas como desigualdades, isto é, não pode existir uma valoração de inferior/superior nessa distinção. Em outras palavras, a diferença pode ser enriquecedora, mas a desigualdade pode ser um crime.”

mas também o direito de definir as atividades pelas quais preencheriam seu tempo disponível (MARCELLINO, 1987) e, ainda, a possibilidade de tecerem novos planos de socialização e sociabilidades.

## INTRODUÇÃO

Mas como é possível observar alguma coisa deixando à parte o eu?

De quem são os olhos que olham?

Em geral se pensa que o eu é algo que nos está saliente dos olhos como o balcão de uma janela e contempla o mundo que se estende em toda sua vastidão diante dele.

Logo: há uma janela que se debruça sobre o mundo.

Do lado de lá está o mundo; mas e do lado de cá?

Também está o mundo: que outra coisa queríamos que fosse?

Italo Calvino

Palomar é nome de um famoso observatório astronômico que durante muito tempo guardou o maior telescópio do mundo. Este foi o nome escolhido por Calvino (2000) para o personagem-narrador do livro que destaquei no trecho em epígrafe.

A escolha do nome decorre de intencional ironia, pode-se dizer, pois o senhor Palomar é “todo olhos”, mas age como um telescópio ao contrário, voltado não para a amplidão do espaço, mas para as coisas próximas do seu cotidiano, fazendo de cada uma delas ocasião para reflexão e inúmeras indagações. Em coisas aparentemente “superficiais” há uma seqüência de interrogações sobre as grandes questões do mundo e da existência.

Através do olhar de Palomar, Italo Calvino vai apresentando uma realidade que se concretiza no gramado de um jardim, no movimento das ondas do mar, numa loja de queijos, no terraço e em muitas outras coisas próximas do seu cotidiano, buscando, a partir da superfície, daquilo que está aparente, chegar a vinculações que nos fazem pensar muito além das aparências. Como sempre, conduzindo sua escrita de forma metafórica, na viagem do senhor Palomar o autor conduz à reflexão da relação do homem no mundo em que vive, deixando perceber o movimento contínuo que possibilita ao homem ser construtor do mundo e de si mesmo:

Com um pequeno esforço de concentração, Palomar consegue deslocar o mundo dali de frente e debruçá-lo no balcão. Então, fora da janela que resta? Também está lá o mundo que observa e é observado. E ele, também chamado “eu”, ou seja, o senhor Palomar? Não será também ele uma parte do mundo que está olhando a outra parte do mundo? Ou antes, dado que há um mundo do lado de cá e um mundo do lado de lá da janela, talvez o eu não seja mais que a própria janela através da qual o mundo contempla o mundo. Para contemplar-se a si mesmo o mundo tem necessidade dos olhos (e dos óculos) do senhor Palomar. (CALVINO, 2000, p. 102)

Seguindo o caminho de Calvino, ao procurar uma forma para dar voz aos achados das mulheres, fiz a opção de enfocá-las, especificamente, na participação das atividades do projeto Mulheres em Movimento<sup>1</sup>.

De forma semelhante ao senhor Palomar, que escolhe os objetos do cotidiano para contemplar e pensar sobre o que está por trás de sua aparência, direcionei meu olhar para o mundo das práticas culturais de lazer desenvolvidas por um coletivo de mulheres das camadas populares da cidade de Diadema, que se autodenominou “Mulheres em Movimento”. Empenhadas em participar das “aulas de ginástica” oferecidas pela administração municipal diademense, esse coletivo de mulheres mobilizou-se e disputou acirradamente a expansão e ampliação da ação pública de lazer ofertada.

O meu “eu” também está implicado nessa escolha: ela resulta não só das minhas vivências como pesquisadora e acadêmica, mas também como mulher, como mulher-atleta de prática esportiva de alto rendimento, mulher-educadora, mulher-trabalhadora, e, ainda, pelo fato de ter convivido cotidianamente, por cinco anos, com algumas das integrantes do Mulheres em Movimento.

Nesse contato fui, muitas vezes, uma técnica-gestora pública, que debateu com as “líderes” do coletivo suas reivindicações e projetos e, posteriormente, coordenando um conjunto de profissionais da área do lazer e do esporte, planejamos, organizamos e implementamos um conjunto de atividades diversas para o Mulheres em Movimento, em diferentes bairros e equipamentos de Diadema e em outros espaços citadinos. Noutros

---

<sup>1</sup> Durante os anos 1990, os serviços oferecidos pelos cursos de ginástica do Departamento de Esporte e Lazer receberam a mesma denominação cunhada anteriormente pelo grupo de mulheres, encontrada inclusive em documentos impressos desse departamento (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996).

momentos, fui uma apreciadora atenta de seus eventos, festas e encontros, esforçando-me em observar objetivamente suas incursões e formas de manifestação pública, quando elas expressavam seus sentimentos, suas tensões, gestavam crises e conflitos ao reivindicarem para si o direito à diferença e o direito de acesso e usufruto de práticas culturais de lazer que conformam o universo das técnicas-corporais. Em outros momentos, ainda, fui uma professora de educação física, que assumiu, em diferentes bairros de Diadema, a responsabilidade por ministrar aulas de ginástica para as integrantes desse sujeito coletivo feminino.

A partir destas múltiplas dimensões, interações e pertencas que compõem a minha identidade de mulher e pesquisadora, inquieta e constantemente indagava: como e por que, numa cidade com as características que marcam a identidade de Diadema, com tantas carências materiais e sociais, essas mulheres procuraram (e ainda procuram) os cursos de ginástica ofertados pela administração municipal, e disputaram arduamente sua expansão e a contínua melhoria da qualidade do serviço público de que dispunham? Por quais vias, planos ou dimensões construía suas identidades individuais e coletiva, combinando os diferentes papéis que exerciam, tanto no mundo privado como na esfera pública? Como as ações que militaram para a conformação do grupo foram interpretadas pelas mulheres que viveram essa experiência pública, no cotidiano de suas vidas? Indagava, ainda, sobre os significados dessa vivência para cada uma delas em particular, e quando atuavam como coletivo na esfera pública diademense.

Sobre o lazer e as políticas públicas de lazer desenvolvidas pelos governos locais de Diadema, não há estudos metódicos e sistemáticos. Tampouco há investigações ou pesquisas que se dediquem à descrição e análise da emergência desse sujeito coletivo, nem sobre os itinerários que fez.

Esta dissertação tem com objetivo oferecer uma contribuição para preencher esta lacuna ou indiferença, esta espécie de silêncio sobre o Mulheres em Movimento. Minha pesquisa teve a pretensão de colher, sistematizar e repercutir algumas de suas vozes e, a partir delas, pela mediação da linguagem escrita, registrar e analisar os conhecimentos que compartilharam em suas interações no espaço citadino diademense e com a

administração pública municipal, bem como apreender os significados que experimentaram ao emergirem como coletivo no cotidiano, nessa temporalidade lenta, quase igual a si mesma, feita pela repetição de dias e de gestos. Foi nesse tempo repetitivo, quase natural, que as mulheres “em movimento” começaram a “redefinir os sinais do seu oposto, da mudança, da ação feminina portadora de sentido” (MELUCCI, 2001, p. 106), numa cidade que luta por se constituir e socialmente se reproduzir como uma cidade de direitos, educativa e inclusiva.

### **Os caminhos da pesquisa**

Para tratar do surgimento e de algumas das trajetórias do coletivo Mulheres em Movimento na cidade de Diadema, desde meados da década de 1970 até o final dos anos 1990, e os significados ou percepções que elaboraram algumas das mulheres que integraram e participaram dos movimentos encetados por esta específica identidade coletiva, fiz uma série de opções e lancei mão de vários contributos teórico-metodológicos, atuando em dois planos. O primeiro consistiu em realizar um levantamento de autores ou obras que oferecessem aportes teóricos ou conceituais que me permitissem trabalhar com as noções de cidade, administração local e participação social, novos movimentos sociais ou movimentos sociais de base urbana, identidade e identidade coletiva. No segundo plano, trabalhei diretamente com cinco mulheres que integram e participam do Mulheres em Movimento, entrevistando-as a partir de aportes teóricos metodológicos oferecidos pela compreensão fenomenológica, a partir das contribuições de Joel Martins e Maria Aparecida Viggiani Bicudo (BICUDO, 2000; MARTINS, Joel, 1992; MARTINS; BICUDO, 1989).

Do levantamento realizado, e para compreender e descrever conceitualmente a cidade em que vivem as mulheres que participaram da constituição e das ações do Mulheres em Movimento, optei por autores tais como Milton Santos (1996), Henry Lefebvre (1969) e José de Souza Martins (1992; 2001) A escolha dos dois primeiros autores ocorreu em função de suas reflexões sobre a constituição e natureza do espaço citadino na contemporaneidade do mundo capitalista; a opção pela leitura e uso dos contributos de Martins decorre do fato de que este autor vem-se dedicando, de maneira

singular e fecunda, ao estudo da realidade urbana do ABC e suas localidades, desde suas origens até a atualidade, entendendo a região e seus núcleos citadinos como subúrbio da cidade de São Paulo.

Essas leituras modularam meu olhar para apreender a cidade como mediação e obra humana, produzida por inesgotáveis movimentos da ação intencional de homens e mulheres, assim como de redes de relações e interações sociais, institucionais e políticas que tramam seu cotidiano.

Para tratar da dimensão pública institucional de Diadema e dos governos da administração local, assim como das interações que estabeleceram com segmentos específicos da cidade – especialmente as mulheres do sujeito coletivo Mulheres em Movimento –, utilizei os estudos de Elmir de Almeida (1996; 2001), Marineide de Oliveira Gomes (1996) e Julio Simões (1992), entre outros, por abordarem questões sobre a participação social, as administrações locais dos últimos 15 anos e suas políticas públicas nos setores de educação e cultura e a conquista de direitos de sujeitos e coletivos específicos de Diadema.

Os estudos de Marília Pontes Sposito (1993) e Alberto Melucci (1991; 2001), e as reflexões de Michel Wieviorka (2002) sobre novos movimentos sociais e antimovimentos sociais, contribuíram para a compreensão e afirmação do Mulheres em Movimento no espaço citadino e público diademense como um lídimo representante dos novos movimentos sociais ou movimentos sociais urbanos. Tal afirmação é possível de ser formulada tendo por fundamento as reflexões dos autores acima evocados e por compreender que o Mulheres em Movimento constituiu-se em ação coletiva cujos principais vetores de lutas estão referenciados no universo dos valores morais e éticos no plano da cultura, e não imediatamente à esfera do trabalho ou da produção industrial, que é uma das principais características da Região do ABC e de Diadema.

A partir da compreensão de que esse sujeito coletivo se conformou a partir de disputas e embates com a administração local pelo direito de acesso e fruição de práticas de atividades de lazer e esporte, lancei mão das contribuições conceituais oferecidas por

Antonio Ciampa (2001), Alberto Melucci (1991; 2001) e Ann Mische (1997) para tratar dos conceitos de “identidade individual” e “identidade coletiva”, como algo dinâmico, complexo e interativo, e apreender a identidade do Mulheres em Movimento como tributária dos círculos de reconhecimento e de experiências anteriores e atuais das mulheres que o integram.

Este trabalho fundamentou-se, ainda, em autores que defendem a idéia de que a disputa pelo acesso ao lazer inclui-se no campo dos embates que travam diferentes sujeitos coletivos pela apropriação e uso da cidade, e no direito de cidadãs e cidadãos de reconhecerem, assegurarem e definirem as atividades que preenchem seu tempo disponível no bairro onde moram e, de modo geral, na cidade; para tanto, foram de crucial importância as contribuições de Nelson Carvalho Marcellino (1983; 1987; 1996a; 1996b).

Para descrever e realizar uma síntese interpretativa das políticas públicas de lazer desenhadas e implementadas pelos governos da administração municipal de Diadema no período de 1983 a 1996, realizei levantamento e análise de fontes impressas e documentos oficiais da Prefeitura de Diadema, junto ao Departamento de Esporte e Lazer da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, no Centro de Memória Local de Diadema e no Instituto de Desenvolvimento e Estudos Municipais de Diadema (Idem). Além disso, foi possível levantar informações sobre as políticas acima mencionadas em jornais que circulam na cidade e na Região do ABC.

Os dados estatísticos secundários sobre a realidade socioeconômica e demográfica de Diadema foram obtidos junto a produções da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo.

### **O trabalho de campo efetuado com algumas das protagonistas do “Mulheres em Movimento”**

O segundo plano do trabalho da pesquisa consistiu no trabalho de campo propriamente dito. Considerando essa ação coletiva como um acontecimento social, que não existiu em si mesmo, e envolveu percepções e representações que as mulheres

possuem de si mesmo, de suas relações com os outros e com o mundo, foi fundamental entrar no campo dos sujeitos, suas ações e os sentidos nelas contidos. Com esta preocupação, para dar repercussão a suas vozes, modulei-me no aporte teórico da fenomenologia, orientando-me pelo enfoque da Análise da Estrutura do Fenômeno Situado.

No caso desta pesquisa, em que procuro circunscrever e analisar o significado e as percepções que algumas protagonistas do Mulheres em Movimento têm de sua experiência na constituição dessa identidade coletiva e para elas próprias como individualidade, optei por utilizar, nesta etapa da investigação, um agir metodológico consoante com algumas perspectivas disponibilizadas pela fenomenologia. Nos dizeres de Chizzotti:

A fenomenologia considera que a imersão no cotidiano e a familiaridade com as coisas tangíveis velam os fenômenos. É necessário ir além das manifestações imediatas para captá-los e desvelar o sentido oculto das impressões imediatas. O sujeito precisa ultrapassar as aparências para alcançar a essência dos fenômenos. (CHIZZOTTI, 2003, p. 80)

Sob o enfoque da Análise da Estrutura do Fenômeno Situado, toma-se o fenômeno, em termos de análise, como um conjunto de asserções significativas ao pesquisador, mas que aponta para a consciência que o sujeito tem do fenômeno. Dessa forma, através dos recursos criados pelo pesquisador, o fenômeno desvela-se. Tal enfoque fundamenta-se na concepção de consciência como um estado de alerta para o mundo; é sempre uma “consciência de...”, uma consciência dirigida ao mundo, que não o envolve ou possui, mas para o qual está sempre voltada. Para Joel Martins (1992), a consciência, nestes termos, não se refere a um conjunto de neurônios ou de qualquer parte do organismo, mas é algo que se concentra numa coisa percebida, é a “visada da consciência”, e consiste

numa certa maneira de olhar para o mundo que o historiador deveria ser capaz de perseguir e fazê-la sua. Num contexto assim observado não há um mundo, nem um gesto, nem mesmo algo que seja o resultado de um gesto ou hábito, ou distração, que não tenha um significado. Não haverá assim, no mundo, coisa alguma que não tenha significação possível. (MARTINS, Joel, 1992, p. 63)

Nesta pesquisa, a idéia é que a participação dessas mulheres pode-se mostrar “situada”, ou seja, mostra-se em situação para que elas descrevam sua própria participação no Mulheres em Movimento.

De acordo com Martins e Bicudo (1989, p. 97), “para a análise do fenômeno situado, o pesquisador precisa pôr diante dos seus olhos o fenômeno que está investigando para começar pela descrição da experiência do mundo dos sujeitos que são seus objetos veiculadores de pesquisa”.

Assim, com o fenômeno situado, ou posto em suspensão, sem qualquer interpretação do que está exposto, meu objetivo foi o de apreender os aspectos que dele dizem os sujeitos que o vivenciam. Ao descreverem os aspectos do fenômeno, os sujeitos o fazem como os percebem, no desejo de comunicar essa percepção, e ao pesquisador delinea-se a possibilidade de investigar aquilo que está potencialmente presente, mas nem sempre visto, que também vai-se revelando ao mesmo tempo que as descrições vão sendo analisadas. De acordo com Venâncio,

na pesquisa qualitativa na modalidade Análise da Estrutura do Fenômeno Situado, não existe mais o “problema” da pesquisa e sim “problemas”, uma multiplicidade destes. No lugar de ter um problema, tenho dúvidas sobre algumas coisas que me levam a interrogar. Quando interrogo, estou caminhando em direção ao fenômeno. Não tenho mais teorias, explicações ou pré-conceitos estabelecidos *a priori*. (VENÂNCIO, 1994, p. 53)

Busquei, desta forma, obter uma compreensão do fenômeno como forma de investigação, não me atendo a quantidades, mas lidando com encontros e desencontros existentes nos confrontos das descrições.

Nessa postura, há o alerta para um olhar cuidadoso que antecede a qualquer classificação e sistematização. Um olhar que, num primeiro momento, atenta aos elementos que se apresentam na experiência. São as experiências únicas e concretas das mulheres entrevistadas, os acontecimentos no que eles significam para estas mulheres, as suas percepções, que estarão sendo focados, em primeiro plano, sob a lente

fenomenológica de apreensão dos significados, buscando a relevância que os fenômenos têm para elas mesmas. Assim, elaborei uma interrogação que, sob a forma de entrevista aberta, orientou a coleta de dados para explorar as experiências dessas mulheres em minha busca do fenômeno “mulheres em movimento”: – *Para você, o que é buscar “mulheres em movimento”?*

Conforme Martins e Bicudo (1989), a interrogação indica a trajetória a ser percorrida pela investigação; desta forma, obtenho da interrogação a definição dos procedimentos e dos sujeitos, e aponto a direção da análise e respectiva interpretação.

Na medida em que o universo desta pesquisa exige como pressuposto o relato das experiências vividas no Mulheres em Movimento na cidade de Diadema, dentre as mulheres participantes escolhi cinco colaboradoras que freqüentavam as atividades há pelo menos dez anos. A escolha recaiu sobre as mulheres com quem tive maior contato durante o período em que vivenciavam essas experiências, e que ofereciam disponibilidade para a entrevista. Considerei que estas trariam seus contextos vivenciais para o foco pretendido na investigação.

Triviños (1994), ao discutir o número aconselhável de sujeitos para pesquisas nestes moldes, considera que

A pesquisa qualitativa, de fundamentação teórica fenomenológica, pode usar recursos aleatórios para fixar a amostra. Isto é, procura uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar as pessoas; tempo dos indivíduos para as entrevistas, etc.), o tamanho das amostras. (TRIVIÑOS, 1994, p. 132)

Acerca da mesma questão, Martins e Bicudo (1989) entendem que

[...] quanto maior for o número de sujeitos, maior será a variabilidade ou variações e, portanto, maior capacidade para ver o que é essencial. Por outro lado, estruturas especificamente situadas podem ser desejadas; elas poderiam ser baseadas na investigação de um sujeito, apenas. De qualquer maneira, o último passo da análise qualitativa é a síntese que o pesquisador precisa fazer e integrar os *insights* contidos nas unidades de significado transformadas em uma descrição consistente da estrutura situada do fenômeno. (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 99)

### **Coleta, análise e interpretação de dados**

Os discursos foram coletados por mim e gravados em fitas magnéticas (cassete). Todas as mulheres por mim escolhidas aceitaram fazer parte da pesquisa, e as entrevistas foram feitas separadamente com cada uma das participantes, mediante agendamento prévio, e a cada uma delas foi explicitado o interesse de meus estudos.

Após a formulação da indagação: – Para você, o que é buscar “mulheres em movimento”?, escutei-as, nos moldes de entrevista aberta, intervindo o mínimo possível e favorecendo-as na autonomia de organizarem sua narrativa, respeitando as normas de não-introdução de valores, juízos ou conteúdos pessoais da pesquisadora/ entrevistadora.

Elaborei as transcrições dos discursos procurando manter fidedignidade na sua transferência para a escrita.

Situado o fenômeno, recolhidas as descrições, iniciaram-se os momentos de reflexão, que se constituem nas análises ideográficas e nomotética, ou seja a redução e a compreensão fenomenológica. Esses momentos não devem ser tomados como passos da pesquisa, mas como momentos norteadores, devendo ser mantidos ao longo do percurso.

As diretrizes mais gerais, sob prisma fenomenológico, estão fundamentadas por Martins e Bicudo (1989). Em seus estudos acerca dos métodos das pesquisas assentadas nos pressupostos da fenomenologia, os autores afirmam:

Esse método de análise contém quatro momentos que se expressam, geralmente, do seguinte modo: 1) como uma leitura de descrição, entrevista ou relato do princípio ao fim, sem buscar, ainda, qualquer interpretação do que está exposto, ou sem qualquer tentativa de identificar qualquer atributo ou elemento ali contido. Essa leitura visa conseguir um fim geral de todas as afirmações; 2) como uma volta ao início da leitura, para reler o texto tantas vezes quanto preciso, com o objetivo de discriminar “unidades de significados” dentro de uma perspectiva psicológica, focalizando o fenômeno que está sendo pesquisado; 3) como percorrendo, após ter obtido as unidades de significado e expressando o *insight* psicológico nelas contido, mais diretamente; 4) como sintetizando todas as unidades de significado transformadas em uma proposição consistente referente às experiências do sujeito. (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 98)

A análise ideográfica tem como objetivo tornar visíveis a ideologia presente na descrição dos sujeitos e a procura pelas unidades de significados, indicando a necessidade de leituras do discurso apresentado e consistindo numa primeira aproximação do pesquisador em relação ao fenômeno, para familiarizar-se com aquilo que a descrição revela. Assim temos:

#### **a) A descrição**

Uma vez que estou estudando o fenômeno Mulheres em Movimento, interessa-me obter descrições que revelem a visão que as próprias mulheres têm para essa participação. Ao interrogarmos os sujeitos, segue-se inevitavelmente uma descrição concreta e espontânea, na condição em que se encontram, no seu “mundo-vida”.

Trabalhando nos moldes de uma abordagem fenomenológica, importa-me descrever o visto, o sentido, a experiência como vivida pelo sujeito, e nesse sentido

A descrição será tão melhor quanto mais facilitar o leitor ou o ouvinte a reconhecer o objeto descrito. O seu mérito principal não é sempre a exatidão ou o relato dos pormenores do objeto descrito, mas a capacidade de criar, para o ouvinte (ou para o

leitor), uma reprodução tão clara quanto possível do mesmo. (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 46)

## **b) Reduções**

As descrições feitas pelas mulheres foram lidas e relidas, sob o olhar atento dirigido à interrogação, e a partir daí destaquei as “unidades de significados”, analisadas individualmente.

Neste momento da metodologia, selecionam-se as partes da descrição em unidades que são consideradas essências, segundo sua significação para o fenômeno estudado. A técnica usual e comum é a chamada “variação imaginativa”, que consiste em refletir sobre as partes da experiência que parecem possuir significados cognitivos, afetivos e que, sistematicamente, possibilitam imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência. Através da comparação no contexto e eliminações, o pesquisador está capacitado a reduzir a descrição daquelas partes que são essenciais para a consciência da experiência.

Como pesquisadora, eu interrogo o fenômeno, e os sujeitos interrogados discursam sobre a idéia que têm a respeito, e, desse modo, descrevem o fenômeno e respondem à minha interrogação.

Entendendo ainda que, pela linguagem, a realidade fenomenal presente apresenta-se fora de circuito, fica “entre parênteses”, e que, na sua expressão, o sentido e a compreensão supõem a unanimidade do sensível e do sentido, “falar é então um meio de concretizar e apreender uma idéia” (CAPALBO, 1979, p. 96).

Em suas falas, além de representarem as experiências singulares, descortinam também a experiência societária, indicando os acordos ou desacordos, coincidências ou oposições que “interessam ou revelam não só o interesse dos interlocutores, mas de certos grupos e de certas comunidades” (CAPALBO, 1979, p. 96).

Nesta perspectiva, algumas unidades dos discursos são reveladoras para o fenômeno, outras não, tornando-se necessário, então, discriminar as unidades de significado, isto é,

o propósito é chegar a categorias, passando por expressões concretas, e não chegar a elas por meio de abstrações ou de formalizações que são seletivas de acordo com o critério adotado. Tais transformações são necessárias porque as descrições ingênuas feitas pelos sujeitos expressam, de maneira oculta, realidades múltiplas, as quais o pesquisador deseja elucidar [...]. (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 99)

### c) A análise ideográfica

Na análise ideográfica, a consciência que o sujeito tem do fenômeno precisa ser revelada, pois o resultado da redução é um conjunto de asserções “significativas para ele, pesquisador, mas que apontam para a experiência do sujeito, isto é, que apontam para a consciência que se tem do fenômeno” (MARTINS, Joel, 1992, p. 60).

À medida que o pesquisador vai transformando a linguagem das descrições dos sujeitos em uma linguagem dele mesmo, inteligível para si, deve continuar atento a essa descrição, voltando a ela sempre que necessário, e sem perder de vista a interrogação que fez do fenômeno.

É a interrogação que orienta o pesquisador em seus *insights*, na busca da revelação daquilo que é essencial em cada discurso. Uma vez feita a interrogação, os sujeitos falam, e sua linguagem nem sempre é suficientemente clara; isto solicita que, após feitas as reduções, elabore-se a análise ideográfica, para revelar a ideologia por trás dos discursos. Dessa maneira, constitui-se a síntese final da pesquisa sobre o fenômeno investigado.

Esta síntese não é o fim da análise, mas caracteriza-se por um movimento que busca a estrutura do fenômeno, e que permite que o fenômeno se ilumine, esclarecendo o

mundo que percebemos porque “pensamos em vivê-lo”; nos dizeres de Martins, “o mundo é aquilo que nós percebemos, não sendo apenas aquilo que eu penso, mas o que eu vivo” (MARTINS, Joel, 1992, p. 61).

Subjacente a essa idéia de essência ou estrutura do fenômeno, há o entendimento “da consciência de...”, isto é, uma direção da consciência, uma consciência que está direcionada para o mundo e está latente em nossos desejos, nas avaliações daquilo que vemos, no relacionamento com o mundo que está incansavelmente enunciado dentro de nós.

Parto daí para a análise nomotética, ou o movimento de passagem do individual para o geral, pois, com base nas divergências e convergências expressas pelas unidades de significado, vão-se formando novos agrupamentos e, num processo contínuo de convergências e interpretações, as análises dos dados obtidos pela descrição levam às categorias abertas, que são

constructos que apresentam grandes convergências de Unidades de Significados já analisadas e interpretadas. Indicam os aspectos estruturantes do fenômeno investigado e abrem-se à metacompreensão considerando a interrogação, o percebido, o analisado, o diálogo estabelecido na intersubjetividade autor/sujeitos/autores/região de inquérito. (BICUDO, 2000, p. 82)

#### **d)a análise nomotética**

De acordo com Joel Martins, o termo “nomotético” deriva do grego *nomos*, que significa “uso de leis”. Nomotético indica “a elaboração de leis, portanto indica algo de caráter legislativo que se origina de fatos ou que se baseia em fatos” (MARTINS; BICUDO, 1989, p.105).

A articulação das compreensões que resultaram dessa trajetória pode ser visualizada nas categorias e na ação de cotejá-las com os levantamentos bibliográficos e outras vivências do pesquisador. Dessa forma,

os modos de perceber do pesquisador estão, também, longe de ser individualmente separados como se fossem passos estanques, mas superpõem-se em uma combinação sincrética, ou seja, em uma fusão que se realiza no momento da pesquisa (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 107).

## **Organização e estruturação do trabalho**

Este trabalho está assim organizado: no primeiro capítulo, trato do espaço-tempo de Diadema, buscando descrever suas distintas temporalidades e os signos que foram produzidos para cunhar a identidade daquela localidade.

No segundo capítulo, dedico-me à descrição e análise dos governos populares e democráticos em Diadema e das interações que estabeleceram com os diferentes segmentos da cidade, em especial as mulheres, no período 1983-1996; centrando-me na atuação dos governos no nível municipal, focalizo algumas práticas que foram materializadas nas ações políticas no campo do lazer e que materializaram metamorfoses, cunharam novos conflitos e múltiplos significados e representações na cidade nas suas relações com os diferentes atores individuais e coletivos.

No terceiro capítulo, apresento e analiso significados ou representações sobre o Mulheres em Movimento elaborados por algumas de suas protagonistas, dando destaque a questões e categorias como identidade, identidade coletiva, subjetividade e vozes de atores individuais, mulheres, corporeidade e lazer, e tematizações sobre a mulher na esfera pública.

Finalmente, após demonstrar que esse ator coletivo feminino, a partir de suas experiências e identidade, gestou novos conflitos, tensões e direitos nos planos do lazer e da cultura, e contribuiu para novas possibilidades de tematização da mulher na esfera pública de Diadema, apresento minhas considerações finais, que têm por objetivo oferecer contribuições para se desenhar ou formular ações públicas no campo do lazer e do esporte que levem em consideração as questões de gênero e das mulheres das camadas populares.

## CAPÍTULO I

### MOVIMENTOS DE UMA CIDADE: OS ESPAÇOS-TEMPOS DE DIADEMA

As cidades, como os sonhos,  
são construídas por desejos e medos. [...]  
De uma cidade, não aproveitamos as suas sete  
ou setenta e sete maravilhas,  
mas a resposta que dá às nossas perguntas.

Italo Calvino, *As cidades invisíveis*.

No livro *As cidades invisíveis*, Italo Calvino (1990) mostra como é possível “construir” diferentes cidades, conforme os sujeitos da aventura privilegiem determinados aspectos; capturadas por suas perguntas, vão-se confirmando “cidades” inesperadas e surpreendentes, “tal como certas cidades comportam outra dentro de seus muros” (CALVINO, 1990). Assim, “perguntando”, os sujeitos “constroem” em seus diálogos cidades totalmente diferentes a partir do olhar que recai sobre o traçado das ruas, as torres, a música, a memória, os mortos, entre vários outros aspectos. Isto significa dizer que uma cidade não possui uma identidade apenas. A cidade, além de uma base material, é símbolo complexo e inesgotável da experiência humana.

Produto das ações individuais e coletivas dos homens,

[...] a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1990, p. 14-15)

Se a cidade “não conta o seu passado”, mas “o contém como as linhas da mão”, e se “as cidades comportam outra dentro de seus muros”, pode-se então apreender passado e futuro, contidos no presente da cidade, uma localidade naquilo que foi e naquilo que é, um conjunto infinito de possibilidades.

Milton Santos define a cidade como o lugar em que o mundo se move mais, e os homens também. De acordo com essa concepção, a cidade seria um dos lugares da educação, pois, “quanto maior a cidade, mais numerosos e significativos os movimentos, mais vasta e densa a co-presença e também maiores as lições e o aprendizado” (SANTOS, 1996, p. 83) que se podem extrair dela.

A cidade é uma obra humana. Ela é um mundo de objetos produzidos segundo procedimentos, determinados por materialidades e regidos por intencionalidades; a cidade é uma intencionalidade. Portanto, a cidade é uma negação da natureza, pois fruto da ação intencional e do trabalho dos homens e da rede de relações sociais que tramam o seu cotidiano. A cidade é o concreto, o conjunto de redes, enfim, a materialidade visível do urbano, enquanto este é o abstrato, o que dá sentido e natureza à cidade (SANTOS, 1996, p. 241).

Por sua vez, o pensador francês Henri Lefebvre (1969) definiu a cidade como a “projeção da sociedade sobre um dado território”, observando que, ao partirmos dessa afirmação, é necessário ultrapassar o empirismo da descrição topográfica, que imagina o espaço como uma “página em branco” sobre a qual se inscreve a ação dos personagens sociais e das instituições, sem encontrar obstáculos, sem a produção de conflitos, a não ser o “desenho” das gerações anteriores.

A cidade de Diadema<sup>2</sup>, para onde se dirige minha atenção, é essa projeção da sociedade numa determinada geografia de que nos fala Lefebvre, é fruto e conquista da intencionalidade humana, de grupos humanos e de distintas gerações e dos conflitos e contrastes, tensões e representações que geraram, em conformidade com as expressões de Santos e Lefebvre.

### **ABC Paulista: a unidade das diferenças**

Localizada a sudeste da área metropolitana da Grande São Paulo, Diadema é uma das sete cidades que integram o tecido urbano da região do ABC, sendo, desde a década

---

<sup>2</sup> Diadema é um das sete cidades da região do ABC Paulista, composta por Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Ribeirão Pires, Mauá e Rio Grande da Serra.

de 1970, a que apresenta maior adensamento populacional. Em 2000, a municipalidade contava com uma população total de 357.664 residentes e com uma taxa de adensamento demográfico de 11.518,2 habitantes/km<sup>2</sup>. Da soma total da população residente, 51% (181.955) compunha o segmento de mulheres e 49% (175.109) o de homens.

A partir dos anos 1950 e 1960, o ABC paulista foi perdendo suas características de espacialidade intermediária entre a cidade de São Paulo e o campo; foi-se apagando a “natureza liminar e híbrida” de seu território (MARTINS, 2001), que adquiriu projeção e identidade de região, como uma unidade, não só do ponto de vista topográfico propriamente dito, mas das perspectivas econômica, política, administrativa e sociocultural. Isto se deveu, fundamentalmente, à combinação e complementaridade de dois ritmos históricos: a implantação e consolidação de um moderno e complexo parque industrial – às margens da Rodovia Anchieta e, posteriormente, ao longo da Rodovia dos Imigrantes – e a emergência e atuação de sujeitos coletivos de base partidária, ou operária ou sindical (MARTINS, 2001; ALMEIDA ET AL., 2004).

As temporalidades da produção e reprodução do capital industrial, dos trabalhadores e dos movimentos sociais, assim como os poderes locais da região, têm contribuído manifestamente para a tessitura e sustentação da identidade do ABC como uma unidade, ao mesmo tempo que militaram para produzir a riqueza material e um certo grau de desenvolvimento social para a região e suas distintas cidades. Isso permitiu que os sete núcleos urbanos do ABC se distinguissem positivamente de outras cidades da região metropolitana da Grande São Paulo, do Estado e do Brasil. (ALMEIDA et al., 2004)

Contudo, a história do ABC não é moldada apenas pela riqueza material e o desenvolvimento econômico, ela é também tecida e se materializa como expressão de contrastes e diferenças entre seus sete núcleos citadinos. Ao nos aproximarmos melhor da realidade de cada uma das cidades do ABC, podemos perceber que o desenvolvimento econômico e social que marca de forma indelével a região distribuiu-se de forma heterogênea e desigual entre elas, afetando de maneiras distintas as diferentes gerações de moradores (ALMEIDA et al., 2004; NAKANO, 1995).

Assim, convivem no ABC cidades com altos índices de desenvolvimento humano municipal – São Caetano do Sul – e cidades que possuem indicadores sofríveis de desigualdade social – Rio Grande da Serra, Mauá, Diadema e Ribeirão Pires (POCHMANN; AMORIM, 2003, p. 43).

É no interior desse contexto urbano, conformado por inquestionável riqueza econômica e inequívocos contrastes e desigualdades sociais, que se localiza a cidade de Diadema.

### **Diadema: as “cidades invisíveis” e a “obra” inacabada**

Diadema já foi apreendida, descrita e qualificada por vários e diferentes sujeitos em suas práticas discursivas, a partir de múltiplas e distintas abordagens e representações. Ela já foi identificada como um “lugar de passagem”; um “refúgio para o descanso semanal das famílias abastadas da elite paulista”; um “local de repouso para os trabalhadores” empregados nas indústrias de São Paulo e das demais cidades do ABC; uma “cidade-dormitório”; uma “cidade violenta”; uma “cidade saudável”; uma “cidade de direitos”; uma “cidade vermelha”.

Esta plêiade de discursos, que visam a produzir uma compreensão para as distintas temporalidades e ritmos dessa cidade, guarda estreita relação com e remete os leitores às inúmeras mudanças que se operaram no espaço diademense.

O símbolo de “lugar de passagem” foi-lhe atribuído no século XVIII, quando tropeiros provenientes da vila de Santos passavam pelo então Curral Pequeno conduzindo toda sorte de carregamentos, desde farinha, sal, pólvora e tecidos, para abastecer as minas de ouro de Embu. Após a extinção destas minas, o lugar continuaria servindo como passagem ocasional na rota de Santo Amaro e Mogi das Cruzes (REVISTA MUNICÍPIOS DO BRASIL, 1989).

Em 1910, no local conhecido hoje como bairro Serraria, inaugurou-se um outro tempo, imposto pelo ritmo da produção que visava a abastecer as fábricas de móveis da Vila de São Bernardo do Campo. Em 1992, a Empresa Urbanística Vila Conceição

comprou e loteou uma grande parte das terras (70 alqueires), em lotes próprios para chácaras <sup>3</sup>.

Os ritmos desta temporalidade, que buscavam a riqueza pela produção do lucro obtido na compra e venda da terra, trouxeram ao lugar a denominação de “local de refúgio”, ou espacialidade que propicia o descanso semanal de ricas famílias da cidade de São Paulo.

Assim, Diadema foi construída e identificada como subúrbio<sup>4</sup> da cidade de São Paulo. Utilizo aqui a noção de “subúrbio” tal como o faz José de Souza Martins (2001) quando alerta para o fato de que

a noção de subúrbio sublinha o que é propriamente a *urbe*, a cidade, aquilo que ele não é espacialmente, mas de algum modo é economicamente, ao mesmo tempo em que atenua o novo contraste entre a cidade e a roça, o bairro rural, a fazenda. [...] Há um certo encanto estético no subúrbio, uma certa nostalgia de algo que se está perdendo, a suave diferenciação entre o estar na vila e o viver na roça. Esse encanto aparece [...] nas novas funções que se agregam às funções das fazendas, a de lugares também de repouso, de esparecimento e de lazer... (MARTINS, 2001, p. 45)

No período que compreende a década de 1950, a então Vila Conceição começou a ser procurada por trabalhadores, principalmente das localidades próximas de São Bernardo, como Piraporinha e Taboão, pois, com a construção da Via Anchieta, formou-se um grande eixo de localização de indústrias automobilísticas na região: ali se instalaram as fábricas da Willys (depois Ford), Mercedes-Benz, Volkswagen e Scania, atraindo mão-de-obra para esses empreendimentos industriais e intensificando a busca por terras mais baratas, próximas à auto-estrada: “No final da década de 50, o matagal que cobria a maior

---

<sup>3</sup>De acordo com a Revista Municípios do Brasil (1989), Antonio Pedroso de Oliveira, conhecido como Antonio Piranga, adquiriu as terras em 1910 e instalou na localidade uma serraria a vapor que, durante muito tempo, abasteceu a indústria de móveis da Vila de São Bernardo do Campo. Até 1928, a Vila de São Bernardo do Campo era a sede político-administrativa de toda a região. Em 1922, a Empresa Urbanística Vila Conceição adquiriu o loteamento de Antonio Piranga.

<sup>4</sup> Em 1924, quando surgiu outro núcleo de terras loteadas ao redor da represa, nasceu então o Eldorado, e começaram a surgir os compradores de chácaras para fins de semana (REVISTA MUNICÍPIOS DO BRASIL, 1989, p. 5-6).

parte da área onde hoje se localiza Diadema transformou-se rapidamente em bairros populares.” (DIADEMA, 1996b, p. 4)

Pequenas ruas de barro e novas moradias eram construídas; as vias públicas rasgavam e alteravam a paisagem do subúrbio que, paulatinamente, ia modificando sua característica com a chegada de indústrias, prioritariamente do ramo fabril e de fabricação de peças e acessórios para a indústria automobilística.

Em 1958, o então distrito de São Bernardo, a partir de ações coletivas de seus moradores, conquistou sua autonomia político-administrativa, constituindo-se no município de Diadema. No início da década de 1960, sua espacialidade passou a ser retalhada por loteamentos, objetivando atrair moradores-trabalhadores, propiciando algumas das condições que a transformaram, simultaneamente, em periferia de São Paulo e “cidade-dormitório”, uma periferia que contrariava e negava a realidade e o estilo de vida do subúrbio, pois foi transformada e compreendida como periferia da cidade de São Paulo; essa temporalidade produziu a insígnia da “cidade-dormitório” marcada por um caótico processo de urbanização, taxas altíssimas de adensamento demográfico, carências e necessidades urbanas inúmeras e ausência de direitos sociais e políticos mínimos.

A cidade viu piorar constantemente a qualidade de vida da maioria de seus habitantes. Em determinado momento de sua história, Diadema foi considerada como exemplo do caos urbano, sendo citada freqüentemente com destaque nas estatísticas de criminalidade, doenças, falta de moradia e condições péssimas de vida (DIADEMA, 1996b, p. 4)

Contudo, ao final dos anos 1970 e durante os anos 1980, novos atores e personagens, com outras práticas discursivas, cunharam para Diadema outras denominações, como “cidade saudável”, “cidade de direitos”, “cidade vermelha”. Tais identidades prestavam-se a demonstrar as transformações que se operaram no interior da localidade, buscando evocar as múltiplas conquistas de direitos sociais, políticos e humanos que os moradores da cidade e agentes políticos adquiriram a partir de lutas sociais ali travadas.

Desde 1983, a administração local de Diadema vem sendo governada por agremiações partidárias progressistas, notadamente por representantes do PT e do PSB. As lutas sociais empreendidas pelos atores coletivos e agentes políticos e institucionais disputam há mais de 20 anos a concretização de projetos que visam à melhoria da qualidade de vida dos moradores da cidade, no sentido de conquistar, ao mesmo tempo, o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento social.

Os diferentes ritmos e temporalidades atravessados por Diadema, que vão de sua condição de subúrbio, passam pela conquista de sua autonomia político-administrativa, pelo município que se caracterizou como periferia da Grande São Paulo, até a “cidade de direitos”, podem ser apreendidos na série histórica dos Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M), obtidos pelo município no período que compreende as décadas de 1970 a 2000 (conforme Tabela 1), e através do Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS), aferido nos anos 1990 e 2000 (conforme Tabela 2).

**Tabela 1- Índice de desenvolvimento humano–municipal da região do Grande ABC, 1970-2000**

Municípios do ABC	Décadas			
	1970	1980	1991	2000
Santo André	0,699	0,749	0,813	0,835
São Bernardo	0,683	0,741	0,808	0,834
São Caetano	0,723	0,761	0,820	0,919
<b>Diadema</b>	<b>0,528</b>	<b>0,702</b>	<b>0,763</b>	<b>0,790</b>
Mauá	0,516	0,707	0,777	0,781
Ribeirão Pires	0,605	0,713	0,785	0,807
R. Gde. da Serra	0,415	0,609	0,717	0,764

Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)/ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)/Fundação João Pinheiro/IBGE, *Atlas do desenvolvimento no Brasil, 1997*.

A partir destes indicadores, pode-se verificar os ganhos obtidos pela população do ponto de vista social, econômico e demográfico, pois o IDH-M busca medir exatamente os índices nos campos da educação, renda e longevidade de todos os municípios brasileiros<sup>5</sup>. Assim, se na década de 1970 Diadema, “a cidade-dormitório”, a periferia urbana da Grande São Paulo, apresentava um dos menores IDH-M, em 2000 já

<sup>5</sup> O IDH-M agrega três variáveis básicas de desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. Um índice menor que 0,500 significa baixo desenvolvimento humano; entre 0,500 e 0,800, significa médio desenvolvimento humano; e acima de 0,800, significa alto desenvolvimento humano.

apresentava um incremento significativo desses indicadores, indo de 0,528 pontos em 1970 para 0,790 em 2000.

Também o IPRS<sup>6</sup>, obtido por Diadema para os anos de 1992, 1997 e 2000, é revelador das transformações que se foram operando na localidade, possibilitando que esta fosse apreendida, interna e externamente, como uma “cidade de direitos”. Os resultados obtidos pelo município<sup>7</sup> apontam para as melhorias cidadinas e urbanas que a população da cidade vem conquistando.

**Tabela 2 – Índice Paulista de Responsabilidade Social dos municípios do Grande ABC, Região Metropolitana da Grande São Paulo e Estado de São Paulo, 1992-2000**

Localidades	Anos/Dimensões								
	1992			1997			2000		
	Renda	Escolaridade	Longevidade	Renda	Escolarid.	Longev.	Renda	Escolarid.	Longev.
Estado S. Paulo	53	53	57	60	71	60	60	87	65
RMG S. Paulo	60	51	54	67	74	59	68	88	63
<b>Diadema</b>	<b>50</b>	<b>43</b>	<b>53</b>	<b>56</b>	<b>61</b>	<b>51</b>	<b>56</b>	<b>81</b>	<b>60</b>
Mauá	52	50	53	57	65	58	57	84	60
Ribeirão Pires	53	58	60	56	76	60	57	91	64
Rio G. da Serra	46	46	41	49	61	47	51	78	56
Santo André	59	62	58	64	82	61	64	92	64
S. B. do Campo	62	60	58	70	77	62	68	92	67
S. C. do Sul	65	73	61	74	93	62	72	94	67

Fonte: Fundação Seade/IPRS/www.seade.org.br

Os dados apresentados na Tabela 2 demonstram de forma inequívoca que, ao longo de toda a década de 1980, houve uma oscilação nos indicadores de saúde, porém revela ganho considerável no índice de riqueza material, e significativas conquistas nos indicadores de escolaridade da população diademense, fruto dos investimentos públicos efetuados por diferentes governos da administração local, que se reverteram nos avanços obtidos pelas novas gerações no campo da educação.

<sup>6</sup> O Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS) é um sistema de indicadores formulado pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) para mensurar os resultados obtidos pela gestão dos municípios paulistas, preservando as três dimensões consideradas no IDH (renda, longevidade e escolaridade).

<sup>7</sup> De acordo com a metodologia adotada pelo IPRS, para sintetizar as três dimensões que compõem a construção deste instrumento de gestão pública agruparam-se os municípios paulistas segundo a similaridade de suas situações, estando o município de Diadema inserido no Grupo 2, em que o elevado dinamismo econômico está associado a precárias condições de longevidade e escolaridade.

As percepções ou memórias de seus moradores confirmam as mudanças expressas pelos indicadores acima, ao apresentarem os signos de uma outra condição de vida sendo desenhados, que nos levam, dos emblemas da cidade-dormitório e de uma cidade violenta, à “cidade de direitos” ou “cidade saudável”, “cidade vermelha”, conforme se apreende no depoimento de uma moradora da cidade:

Ah! Hoje eu me sinto uma mulher muito feliz, muito realizada. O que era antes, e o que é hoje. Hoje nós temos escolas, hoje nós temos o Mova [Movimento de Alfabetização de Adultos] [...] nós hoje temos a Emei, farmácia, tudo perto. Isto é muito importante, eu me sinto tão feliz! Que tem hora quando eu deito a cabeça no travesseiro, que eu começo a lembrar o que era aqui antes, o que é hoje, eu choro, mas não é de tristeza, é de alegria [...] Hoje, o que eu vejo aqui é um vermelho, um vermelho de que? Da felicidade da alegria [...].<sup>8</sup>

Numa cidade também está a organização da vida social, pois “viver e morar em cidades implica necessariamente viver de forma coletiva” (ROLNIK, 1988, p. 19). Desse modo, pode-se afirmar que a cidade é o espaço em que se vive e, assim, originam-se nesse território concreto as experiências humanas e as conquistas que os grupos humanos e os coletivos sociais logram conquistar.

Compreendo, portanto, que viver, ser criado, socializado numa cidade ou nela viver durante algum tempo, implica uma relação que se vai constituindo entre o cidadão e o seu meio cultural, numa trama que não é produto do destino, mas da atuação das pessoas, um processo que não se realiza no vazio, porém tecido por mediações.

Almeida (1996), em trabalho que focalizou a produção e reprodução do espaço urbano diademense, apreendeu a localidade a partir de duas mediações, dentre outras: os governos da administração local no período de 1983 a 1996, e as políticas públicas gestadas e implementadas para a dimensão material e cultural da sociedade e as práticas

---

<sup>8</sup>Depoimento de C. S., moradora da Vila Alice, Diadema, em 1995. Extraído do vídeo produzido pela prefeitura de Diadema para ser apresentado no “Il Habitat”, realizado em Istambul, Turquia, em 1996. O “vermelho” que está indicado no depoimento refere-se ao conjunto de casas construídas com tijolos vermelhos, que na época estavam sendo construídas em processo de mutirão e ainda não tinham passado pelo processo de acabamento.

culturais formalizadas pelos segmentos juvenis. Almeida (1996) fundamentou sua pesquisa na perspectiva analítica de Henri Lefebvre, que compreende “a cidade como um direito”, como obra tecida pela realidade urbana, na qual o uso – a beleza, o encanto dos locais de encontro, as festas – prevalece sobre os valores de troca – o lucro e o proveito.

O direito à cidade se manifestaria, assim, como uma forma superior de direitos: direito à liberdade, à individualização, à socialização e ao habitar. Para Lefebvre (1969), o direito à cidade não pode ser formulado apenas como um “direito de visita”, passageiro, em que tudo pode ser destruído e construído a qualquer momento, as histórias substituídas por outras, e só pode ser concebido como um direito à vida urbana, transformada, renovada, numa cidade que possa ser usufruída por homens e mulheres, tanto do ponto de vista de sua materialidade quanto de seu potencial subjetivo.

Nesse sentido, Almeida (1996, p. 36) afirmava Diadema “como uma obra inacabada, ainda em processo e como uma espacialidade na qual os seus atores e agentes disputam para fazer prevalecer o valor de uso”, pois naquela localidade,

seus múltiplos e diversos coletivos, mediante seus protestos, as suas práticas astuciosas e instituintes, as suas lutas [...], vão transformando e dotando o espaço cotidiano num espaço e numa vida citadinos, vivido-concebido por sujeitos-cidadãos cada vez mais questionadores, rebeldes, constantemente insatisfeitos com os resultados da mais recente conquista social realizada “ontem” [...] O subúrbio se torna cidade-citadino-cidadão, porque internamente seus diferentes coletivos, mediante processos de experiências gestadas no dia-a-dia no subúrbio desurbanizado o foram rejeitando, reordenando e o recriando [...]. (ALMEIDA, 1996, p. 36)

Quem chega a Diadema pode circular pelo trânsito em suas ruas, agora asfaltadas, percebe os traçados de avenidas que recebem carros, faróis, misturando freios de veículos, comércio, lojas e pedestres que se juntam nas calçadas – algumas ainda pequenas, apertadas. É evidente que podemos encontrar isso em outras cidades. Há também iluminação nas vias públicas, escolas, praças, parques, postos de saúde. Cenas de encontros entre as pessoas, feiras-livres etc. Na paisagem, as ruas, os bares, bazares,

veículos, mercados, clubes, hotéis, prédios e casas. A cidade, o urbano e seus bairros que guardam resíduos de temporalidades do passado: o tempo do tijolo batido – Serraria –, dos sítios e chácaras para acolhimento aos fins de semana – Eldorado.

No entanto, há este movimento que imprimiu mudanças, imperceptíveis ao olhar atual na morfologia do espaço, mas nele forjado, tal como nas ruas hoje asfaltadas que foram as ruas de barro, da vergonha, da “cidade de dois sapatos”, da cidade-dormitório e da cidade que dá orgulho, que traz felicidade e direitos.

Assim como Almeida (1996), compreendo que a melhoria da condição de vida conquistada pelos moradores de Diadema, sobretudo a partir dos anos 1980, foi obtida através das lutas sociais empreendidas pelos movimentos populares e formas associativas, e dos embates que travaram com o Estado e o governo na sua dimensão local, provocando nestes um movimento de mudança, tanto na sua forma de organização como no padrão de interações com a sociedade, buscando planejar, desenhar e implementar políticas públicas capazes de promover um efetivo desenvolvimento social para os moradores da cidade, como também conformou uma cultura política sobre o espaço urbano e a cidade e sobre viver com direitos.

Para a apreensão desse movimento, abordarei de forma breve nas páginas que seguem a emergência dos movimentos sociais e populares em Diadema, dando especial destaque à presença e ação das mulheres e do feminino no interior das identidades coletivas, assim como tratarei de alguns aspectos que julgo relevantes nas políticas públicas que os governos da administração diademense realizou no período de 1989 a 1996, especialmente aquelas iniciativas que tiveram como foco o direito das mulheres.

### **Movimentos populares e o alargamento da esfera pública no espaço-tempo da cidade**

Durante os anos 1970 e 1980, Diadema tinha o seu cotidiano forjado pelos ritmos de um processo de “urbanização patológica” (MARTINS, 2001), isto é, o espaço-tempo da cidade apresentava-se e dava-se a conhecer, do ponto de vista do desenvolvimento econômico e social, como periferia do tecido urbano da cidade de São Paulo. Seus

moradores viviam “a negação do propriamente urbano e de um modo de habitar e viver urbanos” (MARTINS, 2001).

O certo é que, nesse período, e como produto dessas contradições, as franjas dos territórios das grandes metrópoles do Brasil caracterizavam-se

por um gradiente decrescente de condições de vida, inserção no mercado de trabalho e acesso à renda do centro para as periferias. Os espaços periféricos seriam os mais distantes dos centros – e de menor renda diferencial, ocupados pela população de mais baixa renda, que estava inserida de maneira mais precária no mercado de trabalho. (MARQUES; BICHIR, 2001)

Sposito (1993) observa que a concentração dos trabalhadores propiciada pelo modo como se articulam as relações sociais sob o domínio do capital tem na cidade e no mundo urbano mais uma das expressões desse antagonismo. Assim,

se de um lado, o capital transforma o espaço urbano em mercadoria dotada de valor de troca, de outro, os trabalhadores procuram imprimir a esse mesmo espaço a qualidade de valor de uso. A cidade passa a ser concebida do ponto de vista da *satisfação de necessidades* do conjunto dos trabalhadores e não só da lógica da acumulação e da realização do valor. É o conjunto dessas forças que imprime os contornos da paisagem urbana, o modo de apropriação do espaço e a constituição dos processos sociais numa temporalidade determinada pela reprodução do capital. Nesse sentido, esse confronto é também político, tem significações culturais e se constitui num processo histórico descontínuo. (SPOSITO, 1993, p. 24)

É nesse embate existente no interior da cidade, entre o valor de troca e o valor de uso, que podemos verificar em Diadema, no período considerado, a realidade da periferia. Contudo, contraditoriamente, podemos verificar a ilusão, a esperança, o desejo, a utopia de muitos de seus moradores quando, mobilizados e organizados em sujeitos coletivos ou organizações populares, disputam a apropriação e o uso do tempo-espaço da cidade para satisfação de suas necessidades e a conquista e usufruto de direitos que lhes eram negados, nas mais variadas esferas que compõem a condição de cidadão – infra-estrutura urbana, moradia, saúde, transporte público, educação, cultura, esporte, lazer.

Tal movimento não se constituiu peculiaridade do espaço citadino de Diadema, pois nas décadas de 1970 e 1980, em plena vigência dos governos militares, as iniciativas críticas e organizativas da sociedade estavam bloqueadas e o país vivia os sinais de uma profunda crise no campo econômico e social. Entretanto, em algumas cidades ou áreas periféricas das regiões metropolitanas brasileiras desenvolveram-se intensos processos de mobilização e organização de movimentos e organizações sociais e populares, que buscavam articular a oposição política à ditadura e desvelar as condições de miséria e carência social a que estavam submetidos os moradores das periferias urbanas. Ao mesmo tempo, as formas associativas que emergiam também denunciavam a completa ausência do Estado nesses espaços de “urbanização patológica” (MARTINS, 2001) ou, no melhor dos casos, davam visibilidade à insuficiência das políticas públicas em suas respostas aos setores mais pauperizados das camadas populares moradoras das periferias. Ao trazerem para as ruas tais questões, essas organizações, em movimentos compostos por diversos e diferentes atores sociais, também demonstravam sua desconfiança em relação aos partidos políticos e às instituições representativas em geral.<sup>9</sup>

Além disso, os movimentos sociais ou populares, enfeixando-se num amplo leque de lutas sociais que se operaram a partir da década de 1970, desde sua emergência foram capazes de levar ao espaço público questões tradicionalmente relegadas à invisibilidade do mundo privado, tais como a violência contra as mulheres, os direitos das crianças, entre outros,

construindo uma nova concepção que desafiava o autoritarismo social, na medida em que localizava a luta pelo reconhecimento dos direitos não apenas no âmbito do Estado, mas também no interior da sociedade, nas relações sociais no seu conjunto (DAGNINO, 1999, p. 7).

Os estudos efetuados por Keck (1991), Simões (1992), Almeida (1996), Gomes (1996), dentre outros, recobrando aspectos distintos da realidade de Diadema, permitem elaborar o mapa – inconcluso, por certo – de um conjunto de ações coletivas de movimentos, associações e organizações populares que emergiram na cidade entre 1970 e 1990 e, através de lutas e participação social, buscavam respostas a um rol de

---

<sup>9</sup> A este respeito, ver Brant (1980) e Simões (1992).

necessidades específicas que não eram apenas referidas ao plano econômico, mas diziam respeito “ao espaço urbano, à cidade como lugar de trabalho, de lazer, de desenvolvimento de laços de sociabilidade e de produção de cultura” (SPOSITO, 1993).

Tomando como prioridade de investigação e análise as interações estabelecidas por setores da juventude da cidade e os governos da administração municipal diademense no período de 1983 a 1996, Almeida (1996; 2001) faz referência ao surgimento e atuação de identidades coletivas juvenis de corte cultural, étnico-racial, partidárias, religiosas e estudantis que, ao se confrontarem com o executivo municipal conquistaram – não sem tensões, impasses e conflitos – ações públicas de formação e fruição cultural. Para dar conta de seu intento, Almeida (1996; 2001) circunscreve e descreve algumas das lutas sociais que se desenrolaram na cidade, chamando a atenção, ainda, para o surgimento de ação coletiva de movimentos populares de base étnico-racial, de mulheres, por moradia, saúde, transporte, infra-estrutura urbana, educação e defesa do meio-ambiente.

Gomes (1996), por sua vez, ao se dedicar à análise das políticas públicas de educação infantil desenvolvidas pelos governos do Executivo local no período de 1983 a 1996, chama a atenção para a importância do Clube de Mães e do movimento de mulheres na luta popular pela conquista de oportunidades de acesso às escolas das novas gerações da cidade. Ao reconstruir o cenário histórico da implantação das creches naquela localidade, a autora colheu depoimentos de donas de casa do primeiro Clube de Mães, na região de Eldorado, firmando a tese de que “tais mulheres tiveram papel fundamental, através do movimento popular, no impulsionamento e definição da política de creches quando as mesmas passaram a ser de responsabilidade do poder público municipal” (GOMES, 1996, p. 41).<sup>10</sup>

Keck (1991) e Simões (1992), em suas respectivas investigações, tratam das vicissitudes da participação popular e social na cidade, vinculando-as à emergência e às ações do Partido dos Trabalhadores (PT) na comunidade, sua chegada e as experiências institucionais de governo na administração e no Legislativo municipal diademense, assim

---

<sup>10</sup> O texto “Uma luta com tradição” registra as intensas mobilizações pela construção de escolas estaduais e também a luta por uma escola de educação especial: “[...] o movimento reivindicou [...] conquistando, em 1988, a Emee Olga Benário [...] Até mesmo o nome desta escola foi debatido, pois a principal escola de segundo grau de Diadema tem o nome do torturador de Olga, senador Filinto Müller. [...]” (DIADEMA, 1996, p. 6).

como as vicissitudes das experiências institucionais do partido no desenho e implementação de ações públicas direcionadas aos mais diferentes setores e segmentos sociais da cidade.

O presente estudo não teve como objetivo realizar um inventário exaustivo e produzir uma análise crítica sobre o conjunto das lutas populares originadas na espacialidade diademense – seus objetivos, alcances, limites, impasses, tensões e ganhos. Contudo, a partir dos resultados das pesquisas levadas a efeito pelos autores mencionados, é possível afirmar que as formas associativas e sujeitos coletivos que emergiram na espacialidade diademense, ao disputarem junto ao Estado local medidas públicas para superar suas necessidades básicas e carências, conquistar melhorias nas condições de vida e direitos sociais, alteraram, não apenas o modo de vida dos moradores de Diadema, mas também investiram na mudança das relações e interações entre Estado local e sociedade diademense no seu conjunto, imprimindo, dessa forma, rearticulação entre a esfera pública e a privada.

Além dessa resignificação da prática política na localidade, foi ficando cada vez mais visível um outro ganho obtido pelos sujeitos coletivos em suas lutas sociais, aquilo que Sposito (1993) qualificou como “o surgimento de espaços públicos mais politizados, não diretamente absorvidos pelo Estado”, pois, no movimento de produção, ampliação e diversificação das ações políticas e de aparecimento de novos protagonistas,

ocorreu também o menos visível, que foi a ruptura das rígidas fronteiras entre a política – a vida pública – e a esfera não política – os espaços privados. Esse processo tenso e descontínuo ao redefinir o público e o privado alongou-se, ao menos como desígnio que se tece no dia-a-dia, num modo possível de transformação das relações sociais. (SPOSITO, 1993, p. 327)

Nessa trama política e cultural, própria da localidade diademense, há outros protagonistas que, a partir de seus movimentos e estratégias no interior do Estado na sua dimensão local, articularam e rearticularam as demandas sociopolíticas do poder local, e geraram outras mediações para o espaço citadino diademense, assim como o alargamento da esfera pública.

## CAPÍTULO II

### GOVERNOS POPULARES E DEMOCRÁTICOS EM DIADEMA E AS RELAÇÕES COM OS DIFERENTES SEGMENTOS: 1983-1996

No decorrer deste trabalho, vem-se afirmando que as conquistas adquiridas pelos moradores de Diadema, nos mais diferentes planos da vida material e cultural, circunscreveram-se ao âmbito das relações políticas que se estabeleceram entre as formas associativas de base popular e social e a administração municipal, gestando confrontos, conflitos e tensões, que resultaram na inscrição de suas necessidades e carências específicas – materiais e simbólicas – no campo dos direitos e da cidadania.

No entanto, é preciso ter cuidado para não se resvalar para a construção de polarizações que podem reduzir e simplificar os contornos, impasses e ganhos gestados pelas interações entre os movimentos sociais e populares e a administração local diademense no período em estudo.

De acordo com Cardoso (1983), Sposito (1993) e Dagnino (1999), alguns analistas das interações entre os movimentos populares e o Estado nos anos 1970 e 1980 tenderam a simplificar as interações ocorridas, creditando

apenas à face autoritária do regime a origem dos conflitos urbanos, sem observar as transformações que ocorriam no seu interior e os mecanismos adotados para a interação com a sociedade, nesse caso com os setores organizados. Na transição democrática, passaram a ficar mais visíveis outras modalidades da presença e intervenção estatal, induzindo demandas ou movimentos, na cidade, no mundo urbano. (SPOSITO, 1993, p. 25)

Ainda em conformidade com Sposito (1993), é fundamental apanhar a idéia de transformação do Estado e seus organismos, em seus diferentes níveis – federal, estadual e local –, para descrever e “analisar o seu contrário” (SPOSITO, 1993, p. 25). Isto é, trata-se de estudar o que “foi possível alterar nos órgãos públicos, mediante algumas políticas

governamentais” (SPOSITO, 1993, p. 25), para combater, superar ou, ainda, reiterar a continuidade das “relações de subordinação e de exclusão política dos setores populares, que é tradicional na história brasileira” (SPOSITO, 1993, p. 25).

Neste momento, tenciono deter-me em algumas das mudanças ocorridas no âmbito do Estado local em Diadema e em algumas de suas políticas nos setores do lazer e do esporte (principalmente aquelas direcionadas para os segmentos femininos ou de mulheres no período de 1983 a 1996), entendendo que elas são tributárias tanto das mudanças no âmbito da sociedade local e no interior do Executivo municipal como das alterações no padrão das relações Estado e sociedade e da emergência de uma cultura política – valores, práticas e representações – mais democrática no tecido social da cidade.

Neste capítulo, centrando-me na atuação dos governos municipais do período de 1983 a 1996, e a partir das contribuições já oferecidas por pesquisas procedentes sobre as relações entre Estado e sociedade e a ampliação da esfera pública local em Diadema, pretendo focar e apreender algumas práticas políticas gestadas que materializaram metamorfoses, cunharam novos conflitos e uma multiplicidade de significados e representações na cidade de Diadema, de maneira especial as ações públicas desenvolvidas nos setores de esporte e lazer que tiveram como foco os direitos da mulher e do feminino.

Não espero, com esta incursão, esgotar as possibilidades descritivas e analíticas que o tema propõe e merece; desejo apenas montar um quadro de referências que possibilite melhor situar, apreender e analisar os sujeitos de meu estudo, qual seja, o sujeito coletivo denominado “Mulheres em Movimento”.

### **A emergência dos governos populares e democráticos em Diadema**

Os trabalhos de Sader (1988), Keck (1991), Almeida (1996; 2001), Simões (1992), Daniel (2000), Gomes (1996), dentre outros, mesmo com enfoques e preocupações distintos, afirmam o ABC Paulista como uma das espacialidades urbanas nas quais novas identidades coletivas da história social e política do país foram tecidas e adquiriram

visibilidade e projeção na esfera pública regional e nacional. Exemplos clássicos são o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e o Partido dos Trabalhadores (PT).

Além do surgimento da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do PT, a partir de 1983, o ABC seria cenário para o início do ciclo vital de sucessivos governos locais democráticos e populares na administração pública municipal de seus diferentes núcleos citadinos.<sup>11</sup>

Em Diadema, o ciclo vital de governos democráticos e populares inaugurou-se com a chegada do PT à administração municipal, em 1982<sup>12</sup>. De 1983 até o momento, o PT esteve à frente da administração local da cidade por quatro vezes, nos seguintes períodos: 1983-1988; 1989-1992; 1993-1996 e 2001-2004.<sup>13</sup>

### **Governo do período 1983-1988: ampliação da esfera pública local e a tematização do lazer e das mulheres**

Eleito para governar o Executivo de Diadema sob o comando de Gilson Menezes, o PT, nessa pioneira experiência, deu ênfase

à participação popular na condução das atividades do Estado, direcionando-a para o atendimento dos reais interesses da maioria da população, à institucionalização de canais de participação da sociedade que, de forma organizada, demandariam do poder público o provimento das carências existentes, elevando o padrão de consciência, de cultura e de qualidade de vida da população. (GOMES, 1996, p. 44)

---

<sup>11</sup> Em outro trabalho, Elmir de Almeida analisa a política pública para a juventude no período de 1984 a 1998, e busca nos governos do Grande ABC a produção dos subsídios para sua montagem, indagando pela “moderna condição juvenil”. É deste estudo a afirmação que “um dos desdobramentos dos itinerários e roteiros estabelecidos pelos novos movimentos populares e sociais de base urbana no Grande ABC, no contexto da transição democrática, se configurou na emergência e consolidação de sucessivos governos locais, democráticos e populares” (ALMEIDA, 2001, p. 115-116). Outrossim, os trabalhos de Sader (1988) e Keck (1991) trazem esta perspectiva em suas análises.

<sup>12</sup> Não faz parte do escopo deste estudo analisar as questões internas do PT nas sucessivas presenças frente à localidade diademense; contudo, Simões (1992) e Keck (1991) empenham-se nesta discussão.

<sup>13</sup> Nos anos de 1983 a 1988, o representante do PT eleito para governar a cidade foi Gilson de Menezes; subsequente a esse período, na continuidade partidária, elegeu-se para o período de 1989 a 1992 José Augusto da Silva Ramos e, no período compreendido entre os anos de 1993 a 1996, ainda pelo PT, elegeu-se José de Filippi Junior, reeleito para o período de 2000-2004.

Em seu estudo, Simões (1992) defende a idéia de que

o PT assumiu a prefeitura de Diadema disposto a promover o crescimento das associações populares e fazê-las participar das decisões do governo, para estabelecer prioridades, alocar recursos e implementar políticas sociais no nível do município. A palavra de ordem era governar com a população [...] e essa pioneira experiência das sucessivas gestões do Partido dos Trabalhadores no governo do subúrbio diademense apresentariam algumas características como o enfrentamento do pesado espólio herdado dos governos passados e a busca para minimizar as questões sociais acumuladas ao longo de consecutivas gestões que se orientaram por um perfil clientelista e de um processo de crescimento urbano e industrial que conformou de forma indelével o dia-a-dia no subúrbio. (SIMÕES, 1992, p. 95)

Além do investimento realizado no campo da participação popular, o primeiro governo petista empreendeu um conjunto de ações públicas prioritariamente nos setores de saúde, educação, transporte e urbanização de núcleos de favelas, respondendo às questões apontadas pelos movimentos de moradores de favelas que disputavam o reconhecimento oficial dos seus locais de moradia.

O Executivo municipal desenvolveu, ainda, ações focalizadas que visavam a inserir na agenda pública a tematização e as demandas sociais de segmentos específicos da população da cidade, tais como os adolescentes e jovens, os portadores de necessidades especiais e as mulheres.

**No “ciclo de atenção” às mulheres: o tema das gestantes, das mães e da “ginástica para senhoras”**

No caso do ciclo de atenção aos segmentos infanto-juvenis, o governo formulou e desenvolveu projetos de atendimento à criança e ao adolescente no Clube dos Engraxates e no Clube do Menor (ALMEIDA, 1996; GOMES; 1996); para os portadores de necessidades especiais de áudio-comunicação, foi criada a Escola Municipal de Educação Especial Olga Benário (ALMEIDA, 1996; GOMES; 1996).

Do ponto de vista do atendimento aos direitos da mulher e do feminino, a pesquisa empreendida demonstra que esta primeira experiência do PT se empenhou em desenvolver ações públicas visando a atender especificamente algumas demandas e necessidades desse segmento no interior das políticas públicas setoriais de saúde, educação, urbanização, promoção humana e assistência social e, eventualmente, esporte e lazer.

Nesse sentido, como modalidades de prática política que objetivavam ampliar a participação popular a partir dos elementos e práticas de mulheres no mundo privado e doméstico, destacavam-se as ações do governo local desenvolvendo cursos para gestantes, realizados na área de saúde, e outros cursos promovidos pelo Departamento de Promoção Humana. Documento oficial da administração pública local fez referências a essa atividade, enfatizando que:

participação popular é a característica marcante da área da saúde desde o início da atual administração. Já estão em funcionamento vários programas visando dar atenção [...] à saúde da mulher [...]. Na periferia foram realizados cursos para gestantes, cujo objetivo era também incentivar a participação e organização das mulheres em seus bairros, estimulando o trabalho em grupo. (DIADEMA, 1986, p. 6)

Fiel aos princípios de investimento na ampliação da participação popular na gestão da cidade, esse governo induziu a criação de um outro mecanismo de participação da mulher: os “clubes de mães”.

Ainda em termos de participação popular, Diadema conta com dois Clubes de Mães [...] A criação do Clube de Mães ocorreu através da freqüência das mães aos postos de saúde e participação nos grupos [...] Atualmente, elas discutem assuntos de seu interesse, pois resolveram ter sua própria forma de organização. (DIADEMA, 1988)

## **Ações públicas municipais no setor do lazer: esporte, entretenimento e “ginástica para senhoras”**

No setor de esporte e lazer, foram oferecidos cursos de diferentes modalidades esportivas para o atendimento de crianças e adolescentes, as chamadas “escolas de esportes”, a organização de eventos esportivos na cidade e a participação de equipes formadas nas diferentes modalidades esportivas para representarem a cidade de Diadema nas disputas de torneios externos.

Alegando dificuldades de ordem financeira para execução de outros programas reivindicados pela população local, a Divisão de Esporte enfatizava a promoção de eventos aos finais de semana. Nos diferentes bairros, desenvolveu-se o projeto de lazer denominado Domingos Coloridos, com o intuito “de ampliar suas promoções e levar as brincadeiras, a ginástica e a recreação para crianças” (DIADEMA, 1986, p. 14).

Nessa época, já se realizavam os cursos de ginástica para mulheres como atividade regular da política pública da então Divisão de Esportes. Esses cursos foram ampliados quanto ao atendimento, tendo em vista as constantes reivindicações de mulheres, e induziram o governo local a realizar adaptações em diferentes espaços para que essas atividades viessem a ocorrer:

O programa de ginástica da Prefeitura Municipal de Diadema existe desde 1974 [...] nos anos de 1980, a ampliação se deu por conta de reivindicações, principalmente de mães dos conselhos escolares das escolas municipais. As aulas passam a acontecer em locais adaptados, tais como os pátios das escolas, associações, salões paroquiais etc. (DIADEMA, [1995a])

Os esforços entabulados por esse governo na área de esporte e lazer foram perceptíveis através da realização de inúmeros campeonatos, cursos direcionados à aprendizagem esportiva, estruturação de equipes e selecionados de modalidades do esporte para representarem a cidade em diversos torneios, adaptação de espaços para o funcionamento dos cursos de ginástica para mulheres, realização de eventos e atividades recreativas pontuais nos diferentes bairros. Contudo, se tais esforços trouxeram mais e

novas demandas por outras práticas – que se ampliaram, sem dúvida, pelo respeito e valor à participação popular preconizada –, parece que não foram suficientes, ou pelo menos não recobriram os compromissos assumidos no início da gestão, que, ao serem divulgados, geraram expectativas e estimularam o aumento do volume de demandas nesse setor. Após o término do governo, a imprensa local elaborava a seguinte avaliação:

Quando o ex-prefeito Gilson Menezes assumiu o Paço Municipal, deixou bem claro que por ser esportista, iria trabalhar no sentido de que Diadema tivesse várias praças esportivas, mas aconteceu ao contrário, porque das duas existentes, em condições, uma está desativada (Campo de Futebol Distrital do Taperinha), e outra abandonada (Campo Distrital Padre Anchieta), com isso o futebol local que já é deficiente, passou a ficar mais ainda vazio de público, pois o público não se interessa mais em assistir o futebol. (DIRIGENTES..., 1989, p. 7)

Para se ter uma idéia, nos 24 km de extensão da localidade, temos apenas um ginásio poliesportivo, um campo de futebol [...] desde 1982, o que mais se comentava na cidade, revelava, exatamente o contrário, uma vez que todos acreditavam que não haveria problemas dessa ordem, pois a administração construiria vários ginásios e campos de futebol. (O QUE OS CUBANOS..., 1989, p. 8)

Do material impresso que pude recolher desse período, buscando os subsídios que indicam a presença das mulheres e a forma como foram tematizadas no contexto das políticas públicas de esporte e lazer, cito trecho do depoimento de uma delas:

Certa época [em 1984], quando estávamos utilizando o pátio do Teatro [Clara Nunes], e nosso uniforme era um *collant*, daqueles maiôs para ginástica, daí passaram alguns meninos e disseram: nossa, mas eu nunca vi bailarina gorda [...] e assim foi durante muito tempo, mas a gente não desistia. (E.)

Ao recorrer ao plano do vivido, no território prático sensível, a memória dizia da sua luta pela ampliação dos espaços para as aulas de ginástica, uma vez que ocupavam espaços adaptados, nem sempre considerados apropriados. Nos sinais de suas lutas para

se apropriarem da cidade pelo valor de uso, algumas brechas se ofereceram, e nestas, os possíveis, pois “a gente não desistia”.

Contudo, mesmo com todos os problemas e impasses que viveu este primeiro governo do PT na gestão do Executivo municipal (SIMÕES, 1992), não é legítimo desprezar os investimentos efetuados no campo da gestão de mecanismos de participação tanto dos atores coletivos já existentes como no estímulo à gestão de novas formas e práticas associativas de diferentes segmentos e atores da sociedade local.

No que tange às ações públicas destinadas especificamente aos segmentos de mulheres, ainda que se possa considerá-las como práticas políticas pouco inovadoras do ponto de vista das suas formas e conteúdos, é impossível não admitir que aquele governo assegurou a manutenção, mesmo que de modo conservador, da tematização da mulher e seus direitos na agenda e esfera pública.

### **Governo do período 1989-1992: a “cidade saudável” e avanços na tematização das mulheres, do feminino e seus direitos**

No início da segunda gestão do Partido dos Trabalhadores (com o prefeito José Augusto da Silva Ramos), no período de 1989 a 1992, na cidade de Diadema “as ruas já eram de verdade” e “os cidadãos já podiam transitar com chuva ou sol” (FILIPPI JÚNIOR, 1996, p. 62).

Porém, no limiar desse mesmo governo, em 1989, os indicadores sobre as questões de moradia e saneamento revelavam que ainda não houvera um grande avanço no cotidiano local. E, nas ruas por que já se podia transitar, na cidade asfaltada, na sucessão dos gestores políticos da localidade diademense, elegeu-se o novo governo, tendo de mediar e dar respostas a três processos de ocupação, de duas áreas pertencentes ao Poder Público e uma de propriedade particular<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Dentre estas ocupações, uma teve repercussão na mídia local e regional. O periódico local, *Diadema Jornal*, traduziu o fato: “No início do governo do prefeito José Augusto, foi elaborado um projeto para a construção de mil unidades habitacionais do Buraco do Gazuza. Esse documento, fruto da mobilização dos movimentos organizados por moradia no município, teve como desdobramento a ida de um grupo de moradores a Brasília objetivando ‘pressionar a Caixa Econômica federal para liberar recursos.’” (INVASÃO..., 1990) O trabalho de Souza Neto (1993) também traz discussões acerca dessa questão, observando que,

Os problemas da moradia dos setores populares na localidade diademense foram realizando um percurso de lógicas operatórias que, em suas disputas e conquistas, demandaram uma intensificação na prestação dos serviços de saúde, contribuindo intensamente para a demarcação do ritmo e da formulação dos signos da “cidade saudável” (DIADEMA, 1996g, p. 25-26, 29).

Desde a gestão anterior, as más condições de vida na maioria dos núcleos de favelas, locais onde não existia rede de água e esgoto nem qualquer medida pública de saneamento básico, contribuíam para o aumento de doenças responsáveis pela alta taxa de mortalidade infantil, tais como diarréias infecciosas, febre tifóide e outras. Juntavam-se a isso as péssimas condições dos serviços existentes e oferecidos nos oito postos de puericultura, no Centro de Saúde e no posto do Inamps, únicos existentes na localidade até início do ano de 1982 e que se revelavam insuficientes e restritos no atendimento às demandas encaminhadas para o setor.

Na revista *Saúde em Diadema*, publicada em 1993, fazia-se referências aos eixos que nortearam as ações da política setorial nessa área, e dentre estes destaco

a organização dos serviços de saúde com qualidade [...] participação organizada dos usuários e trabalhadores da área da saúde [...] o conceito de que o processo saúde-doença está intimamente ligado a vários fatores [vem permitindo] que a ampliação desses dois eixos trabalhe a questão da saúde de forma mais ampla, completando e extrapolando a ação da assistência médica, desenvolvendo no atendimento uma visão de realidade, de sociedade e de cidadania. (DIADEMA, 1983, p. 7)

Assim, a segunda gestão petista, enfrentando também a produção e reiteração de inúmeros conflitos oriundos das lutas sociais e das reivindicações populares por moradia,

---

“depois de um turbulento processo, os ocupantes conquistaram o espaço. Da perspectiva interna do Partido dos Trabalhadores, a invasão do “Buraco do Gazuza” reatualizou e potencializou fissuras antigas existentes e não-superadas pela agremiação. O fato do então prefeito José Augusto Ramos ter solicitado apoio do aparato policial para intervir e mediar o conflito fez com que fosse agredido fisicamente, e o vice-prefeito, que embora não tivesse assumido o governo local desde o primeiro dia de mandato, com alguns vereadores petistas foram expulsos do Partido (SOUZA NETO, 1993, p. 26).

implementou o ritmo da “cidade saudável”, dando prioridade efetiva ao setor público de saúde na localidade. Dentre as ações empreendidas no setor da saúde pública destaca-se a criação e o funcionamento de 15 unidades básicas de atendimento, do núcleo de especialidades médicas, do laboratório de análises clínicas, de um hospital geral, de um núcleo de saúde mental, de um hospital infantil e de um pronto-socorro municipal. Outro dado relevante, que contribuiu para a conquista de reais melhorias nessa área social, verifica-se na elevação notória dos investimentos orçamentários no setor. Do percentual de 6% do orçamento municipal aplicado na área de saúde e higiene em 1988, o índice saltou para 25% em 1992 (DIADEMA, 1991b, p. 25).

Embora o segundo governo do PT em Diadema tenha expressado a saúde pública como prioridade incontestada, direcionando parcela significativa do orçamento municipal para investimentos que redundassem na melhoria da organização e funcionamento do setor, é preciso considerar, ainda, que o governo não deixou de formular e implementar ações e projetos visando ao atendimento de segmentos específicos da população da cidade, tais como adolescentes, jovens e mulheres.<sup>15</sup>

No que tange à tematização dos direitos e necessidades da mulher, foram visíveis os avanços políticos que se inauguraram, pois, ao final desse governo, foram instituídas a Coordenadoria da Mulher e a Casa Beth Lobo, vinculadas ao gabinete do prefeito, que tinham como atribuições “formular, executar e/ou coordenar com outras instâncias, as políticas que atendam as necessidades das mulheres que enfrentam as mais variadas formas de discriminação” (DIADEMA, 1992a, p. 2).

As premissas político-ideológicas para esta ação pública tinham como fundamento a constatação de que o autoritarismo é inerente à formação social brasileira e produz e reproduz discriminações e preconceitos de classe, de gênero, étnico-racial e para aqueles sujeitos que portam deficiências (quaisquer que sejam elas).

---

<sup>15</sup> Em relação ao ciclo de atenções institucionais públicas com os segmentos juvenis, e sob influência dos intensos debates e da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal n.º 8.069, de 3 de julho de 1990), o governo desse período desenhou e desenvolveu projeto que importou na montagem de uma rede física de equipamentos culturais destinados ao desenvolvimento de atividades socioeducativas e culturais visando à socialização do público adolescente de 10 a 15 anos – os Centros Juvenis de Cultura (CJCs).

Em documento que trata da proposta, verifica-se o esforço de tematizar e problematizar os direitos da mulher, a partir de uma perspectiva de gênero, pois seus autores chamam a atenção para o fato de que

as mulheres estão submetidas às relações de opressão de sexo, as quais estabelecem rígida divisão sexual do trabalho, de papéis sociais, que por sua vez determina e define as atividades das pessoas, desejos, propósitos, sonhos, formas de relação, de acordo com seu sexo biológico, dividem mulheres e homens nos seus respectivos papéis sexuais, hierarquizados – dominador e dominado. (DIADEMA, 1992a, p. 3)

Estas relações, embora não sejam autônomas nem idênticas às relações de classe, são interdependentes e, por isso, expressam-se em todas as esferas: econômica, política, social e ideológica.

É por isso que a eliminação das discriminações das mulheres não pode ser resolvida apenas no combate ideológico, mas exige o desenvolvimento de políticas que ataquem diretamente as causas e manifestações da opressão e discriminação das mulheres. (DIADEMA, 1992a, p. 1)

Considerando que a mudança desse contexto não se esgotava em ações governamentais, mas implicava uma ação coletiva e cotidiana de mudança cultural envolvendo sociedade no seu conjunto – homens e mulheres de diferentes gerações e o governo local, “cabia ao poder público definir prioridades; elaborar medidas políticas, legais, orçamentárias e administrativas que tornassem visível a discriminação das mulheres e atuassem no sentido de estimular e viabilizar transformações” (DIADEMA, 1992a, p. 1).

A partir desses pressupostos, o governo em questão, pelo reconhecimento da “existência de desigualdades que são geradas em todos os níveis” da vida social, implementou um conjunto de ações de apoio psicológico, jurídico e de serviço social às

mulheres vítimas de violência – especialmente a doméstica –, discriminações e injustiça social.

Ainda que se possa colocar em debate o nível de generalização com que os problemas da discriminação e violência contra a mulher foram formulados por esse governo, não é possível negar-lhe o mérito de ter inserido, expandido e aprofundado na agenda pública local as questões de gênero referidas à mulher e o esforço que realizou ao criar instâncias institucionais para coordenar e assegurar projetos e atividades direcionadas especificamente às mulheres e a algumas questões próprias do universo feminino.

### **Educação, cultura e esporte: “caixa de ressonância” e massificação do esporte e lazer**

O governo defendia a posição de que o projeto do então Departamento de Educação, Cultura e Esporte (Dece), órgão responsável pela gestão das políticas de lazer e esporte na cidade, fosse “caixa de ressonância” do projeto da administração petista de Diadema, e mais, “do projeto de sociedade indicado pelas políticas propostas ao nível do Partido” (DIADEMA, 1989, p. 1). Portador dessa relevância e distinção, caberia ao Dece, através de suas ações,

massificar as práticas dos esportes e do lazer; desmistificar o caráter individualista e controlador dos comportamentos que lhe foi imposto pela visão capitalista de lazer e de prática esportiva e trabalhar na construção de uma visão coletiva e de integração social através das práticas esportivas e recreativas. (DIADEMA, 1989, p. 2)

Ao final do primeiro ano de governo, a Divisão de Esporte, através da imprensa local, emitia uma avaliação de suas ações que corroborava as premissas acima:

Em aproximadamente 90% das atividades houve um aumento do número de participantes [...] como exemplo dessa evolução da participação da comunidade diademense, está os Jogos da Primavera. [...] Queremos que cada vez mais, mais pessoas pratiquem esporte, a meta é ampliar os espaços disponíveis, hoje em

números reduzidos, para a massificação do esporte de base. (DIVISÃO DE ESPORTES..., 1989, p. 15)

Ao tomar como objetivos a descentralização e a massificação das atividades públicas municipais de esporte e lazer, o modelo do chamado “esporte competição” estaria fora das prioridades desse governo, pois este assumia, sem tergiversações, que não caberia à prefeitura “[...] sua fomentação, mesmo porque o Poder Público não tem condições de mantê-lo” (DIVISÃO DE ESPORTES..., 1989, p. 15).

No setor do lazer, outro projeto implementado foram as “ruas de lazer”, que, ao reunirem critérios estabelecidos pelas “comunidades dos bairros onde seriam implantadas”, teriam como finalidade “desenvolver atividades recreativas e lúdicas” e possibilitar a participação da população nas decisões referentes à prática esportiva, escolhendo as modalidades, os horários, os materiais, podendo também solicitar o apoio técnico da prefeitura e, assim, “descentralizar as ações de lazer, massificando-as” (DIADEMA, 1991).

As premissas adotadas para a ação pública no campo do lazer, buscando denunciar e superar o caráter de classes que permeia a prática do lazer como “mercadoria”, ao postular a sua massificação, enfatizavam um componente ideológico que tendia a dificultar, tanto no plano das ações do governo quanto no plano daqueles que seriam atendidos pelos programas, projetos e atividades, a compreensão do esporte e do lazer como um bem cultural, historicamente construído e, portanto, passível de ser legitimado como direito de todos (LINHALES, 2000).

Ou seja, embora um tanto vago, na medida em que não explicitava qual (ou quais) o caráter individualista e controlador dessas atividades, tampouco quais seriam os sujeitos “integrados socialmente”, esse governo defendia o esporte e o lazer como mecanismos de integração, mesclando, desta forma, elementos de matriz funcionalista, tributários de uma visão moralista (MARCELLINO, 1987). O lazer, neste sentido, também se tornava adjetivado e restritivo em sua abrangência, como se bastasse para sua apropriação, no território citadino, a multiplicação de um único conteúdo cultural: o esporte.

A partir dessas ações, é possível inferir que se iniciou um processo de redefinição das políticas de esporte, buscando implementá-las na perspectiva da consolidação do acesso da população ao lazer; contudo, a massificação esportiva, indutora dos planos e ações, nada mais é do que a consolidação da organização esportiva formal já existente, congregando clubes, ligas, federações e confederações, ou seja, os sistemas esportivos, que “buscam garantir funcionalidade interna e administrativa ao setor [esportivo], não se caracterizando, portanto, como representações de interesses relativos à consolidação do esporte como um direito social para a totalidade dos indivíduos” (LINHALES, 1996, p. 56).<sup>16</sup>

### Da “ginástica para senhoras” à “ginástica feminina”

Além da criação e institucionalização da Coordenadoria da Mulher e da Casa Beth Lobo, o governo desse período, através do Departamento de Educação, Cultura e Esporte, investiu recursos públicos para dar densidade e expandir as ações públicas que já vinham sendo desenvolvidas com mulheres da cidade, os denominados cursos de “ginástica para senhoras” ou ginástica feminina.

No período do governo em questão, as mulheres que freqüentavam tais cursos, a partir de mobilizações e ações associativas, demandaram e conseguiram pautar na agenda pública melhorias nas condições físicas para realização das atividades de ginástica, e induziram o Executivo local à construção de uma rede de equipamentos coletivos específicos – as salas de ginástica – direcionada exclusivamente às mulheres.

Documentos da época recuperam parcialmente a memória dos ritmos que as mulheres empreendiam e atestam que, “em 1989, aumenta o número de mulheres

---

<sup>16</sup> De acordo com Linhales (1996), as intenções de massificar o esporte constam do Plano Nacional de Educação Física e Desporto (PNED). Neste plano, elaborado para o quadriênio 1976/79, como decorrência da “Política Nacional”, o desporto de massa deveria caracterizar-se, basicamente, “como um movimento de participação popular espontânea, desenvolvido mediante estratégias de baixo custo e de rápida implementação. Promoveria a mobilização de elementos voluntários, integrando-se às ações comunitárias e aos Centros Sociais Urbanos em cooperação com os governos locais. Se de tais ações emergissem ‘grandes atletas’, o desporto de massa deveria também promover o encaminhamento desses novos valores ao desporto de alto nível.” (LINHALES, 1996, p. 56)

interessadas pelo serviço e junto com isso aumentam as reivindicações por locais adequados [...] as mulheres reivindicaram e a prefeitura atendeu” (DIADEMA, 1992b, p. 7).

Determinados segmentos da população de mulheres de Diadema, por sua vez, demonstravam, com suas incursões na esfera pública, novas práticas culturais que implicavam apropriação e uso da cidade, como “valor de uso”. Assim, no início de 1992 o governo anunciava: “No primeiro trimestre começa o curso de ginástica feminina no Jardim ABC. Para isso, a administração está construindo uma sala no terreno da E. M. Sta. Luzia.” (DIADEMA, 1992b); “está funcionando a sala de ginástica do Serraria, uma das sete salas que a Prefeitura inaugurou recentemente.” (DIADEMA, 1992c)

A partir de demandas oriundas da vida privada, de necessidades marcadas pela subjetividade e de militâncias múltiplas – no movimento de mães, por moradia, por saúde, por educação etc. –, enriqueciam e repolitizavam a cultura local, e impeliam as administrações municipais a se reorganizarem para incluir na agenda pública as demandas interpostas e dar a elas respostas efetivas.

### **Governo do período 1993-1996: cidadania cultural, as mulheres, o feminino e o lazer como dimensões inalienáveis da “cidade de direitos”**

Entre os anos de 1993 e 1996 realizou-se a terceira gestão consecutiva do Partido dos Trabalhadores no Executivo municipal diademense, sendo gestor da administração o engenheiro José de Filippi Júnior.

A análise comparativa dos documentos correlatos aos três governos do PT na cidade permite inferir que a gestão 1993-96 apresentou continuidades e deslocamentos em relação às antecessoras, tanto na forma como nos princípios e conteúdo das ações públicas implementadas.

No plano da continuidade das políticas públicas, característica pouco comum na história das administrações públicas e das políticas urbanas e sociais, constata-se, por exemplo, um forte empenho na alocação de pesados investimentos financeiros na infraestrutura básica da cidade; avanços e diversificação nas propostas públicas de habitação,

moradia e transporte; manutenção e consolidação da qualidade social dos serviços públicos de saúde; e investimentos na ampliação e diversificação de mecanismos e canais de participação popular na gestão da coisa pública, tais como Fórum da Juventude, Conselho de Equipamentos Escolares, Conselho Municipal de Educação, Conselho dos Portadores de Deficiência e Fórum de Alfabetização.<sup>17</sup>

Ainda neste plano, destacam-se as ações públicas direcionadas à mulher e ao feminino, como a consolidação do processo de institucionalidade da Coordenadoria da Mulher e da Casa Beth Lobo, que, de acordo com documento da prefeitura, “tornou-se referencial de todo um trabalho voltado para a promoção da condição feminina, abrangendo campos tão diferenciados como um grupo teatral e hortas comunitárias em favelas” (DIADEMA, 1996e, p. 16), conferências, encontros, mostras culturais etc.

Deve-se sublinhar, ainda, a consolidação do programa de saúde da mulher e, sobretudo, o projeto de ginástica com as mulheres. Segundo o documento citado, a partir de 1993 foram construídas novas salas e as já existentes foram equipadas, atraindo um número cada vez maior de mulheres, pois a

descoberta de interesses e problemas comuns aproximaram essas mulheres, e o que parecia uma atividade solitária e isolada ganhou uma nova dimensão: a busca da identidade feminina, a consciência do corpo e a valorização dos movimentos. (DIADEMA, 1996d, p. 27)

---

<sup>17</sup> Os canais institucionais visando à participação da população foram organizados, historicamente, pelas administrações petistas na localidade diademense, e alguns deles possibilitavam a percepção de necessidades imediatas, estabelecendo prioridades para sua execução, em conjunto com a população, como é o caso do Projeto Pé na Rua. Mediante reformulação operada no governo do prefeito José de Filippi Júnior, no período de 1993 a 1996, o Pé na Rua passou a percorrer quinzenalmente os bairros da cidade, procedendo a uma audiência pública com a participação dos representantes dos diversos departamentos da administração local, bem como do prefeito, em que a população do bairro indicava quais os principais problemas a serem solucionados. Outras ações visaram incorporar e ampliar os ganhos obtidos em gestões anteriores, tais como a aprovação de um Plano Diretor no ano de 1993, de modo a indicar as políticas setoriais, oferecendo suporte às ações administrativas, na busca de solução para a efetivação de uma política habitacional, a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento socioeconômico do município; a reorganização e ampliação dos fóruns de participação, na discussão do orçamento financeiro da municipalidade; a aprovação, no ano de 1995, da reforma administrativa (Lei Complementar n.º 0036/95), buscando oferecer condições para que várias ações em andamento, ampliadas pelo aumento dos serviços prestados, também pudessem estar acompanhadas de formulações qualitativas. Nessa alteração, a organização administrativa da prefeitura passou a se constituir, num primeiro nível, de secretarias, depois de departamentos, seguidos de divisões e de serviços, ao contrário da organização anterior, que chegava até o patamar de departamento (DIADEMA, 1996j, p. 16; GOMES, 1996, p. 107)

Esse ritmo é indicativo dos esforços empreendidos pelo governo local na produção de uma nova identidade de Diadema: a “cidade-cidadã”; “uma cidade de direitos”:

Se as administrações anteriores promoveram a pavimentação da cidade, esta gestão investiu, prioritariamente, no “asfaltamento cultural”, tendo em vista a preservação, a ampliação e a produção de direitos dos cidadãos na educação, na cultura, no esporte e no lazer. (DIADEMA, 1996h, p. 20)

A idéia é invadir a cidade, realizando um ‘asfaltamento cultural’, e a partir daí fazer com que a educação, a cultura e o lazer sejam hábitos na vida do cidadão. (Diadema, 1996c, p. 24)

#### **Política municipal de lazer: intra-setorialidade, intersetorialidade e novas tematizações sobre o lazer**

Tendo como eixo condutor das políticas públicas setoriais a “Cidadania Cultural”, é possível perceber que no governo do período a Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer (Secel) investiu esforços para realizar sua ação integrando as políticas dos três setores, tanto no plano dos princípios e fundamentos político-ideológicos que norteavam os programas, projetos e atividades, como na atuação prática na cidade (ARELARO, 1996)

Impressos e documentos da Secel do período em questão esclarecem que a “Cidadania Cultural” implicava a realização de um projeto cultural visando a resgatar a cidadania e contribuir para a formação de homens, mulheres, jovens e crianças que viviam o seu cotidiano na cidade, “mediante a apropriação, a consolidação, a inauguração dos direitos que perfazem a condição da cidadania [...]” (ARELARO, 1995).

No documento apresentando uma síntese das ações desenvolvidas pela secretaria nos setores de educação, cultura, esporte e lazer evidenciam-se as concepções e os ritmos dessa temporalidade do governo:

Tratadas como áreas prioritárias da ação governamental, as políticas implementadas pelas três áreas realizaram intervenções na Cidade que visaram a valorizar o morador de Diadema [...], buscando recobrir suas necessidades objetivas, sem perder de vista as dimensões subjetivas que compreendem a existência e as condições de vida dos diademenses, sujeitos imersos numa realidade urbana, cidadina, desigual e excludente. (ARELARO, 1996)

Os signatários da proposta, avaliando os resultados alcançados, indicavam também as melhorias de infra-estrutura que alteraram a morfologia espacial da localidade diademense e, do ponto de vista da qualidade dos serviços, ofereceram novas e melhores condições dos equipamentos públicos de consumo coletivo.<sup>18</sup>

A partir dessa fonte documental, é possível dizer que os ritmos das interações entre a população e esse terceiro governo do PT enriqueceram-se ainda mais, na busca de construir uma “cidade de direitos”.

A cultura urbana que se institui pela percepção que a população elabora sobre os problemas que a afetam cotidianamente adjudica um significado político fecundo, aproximando e personalizando as populações na referência de identidade a um lugar (VIVIESCAS, 1988).

Entendo, desta forma, que o campo político e cultural, na localidade diademense, possibilitou a qualidade de vida como um direito a ser reivindicado pelos cidadãos e cidadãs, e, nos parâmetros da produção da cultura da “urbe”, imprimiu-se força às reivindicações mínimas de subsistência, nas quais se combinaram experiências de participação e percepções de carências, e as quais geraram a busca de soluções que

---

<sup>18</sup> Na gestão 1993-96, foram realizadas, entre outras coisas: a construção do Centro de Educação do Trabalhador, com capacidade para atender 4.500 alunos; as reformas e ampliações das escolas municipais; a construção de cinco creches e quatro escolas municipais; a construção do Clube Municipal Mané Garrincha, equipado com duas piscinas, salão de jogos etc.; o Parque do Paço, com equipamentos para ginástica, quadras etc.; as melhorias de infra-estrutura de manutenção e ampliação realizadas nos centros culturais dos bairros; a reforma do Centro Cultural Clara Nunes (região central da cidade). (DIADEMA, 1996o)

incidiram vivencialmente na configuração de um paradigma, cuja base fundamental foi o da construção de uma cidade pelo e para o cidadão.

O governo de 1993 a 1996, ao eleger a Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer tendo em vista esses pressupostos, redimensionou as pastas responsáveis por desenvolver as políticas setoriais, buscando novas formas de elaborar, estruturar e implementar as políticas públicas na cidade, para que, na tentativa de superar as desigualdades, o viver e o habitar na cidade fossem pensados para além dos limites da casa, transbordando pelas ruas, praças, parques, escolas, salas, centros culturais e clubes, espaços de vivência coletiva.

É evidente que não se tratou de negar a existência de processos sociais mais amplos condicionando e afetando os indivíduos. No entanto, recuperando o caráter dinâmico dos conceitos de cultura e lazer, tratou-se de percebê-los como expressão e criação de indivíduos interagindo, escolhendo, optando, preferindo, investindo assim no surgimento de um “cidadão solidário, contestador, questionador, criativo, conhecedor de si e do mundo, e que aposta, apesar de tudo, no direito de ser feliz” (ARELARO, 1995).

Na premissa da “cidadania cultural”, o lazer de crianças, adolescentes, adultos, idosos, homens e mulheres, “se faria com cores, gestos, e sons” (DIADEMA, 1996f, p. xvii), o pensamento e o conhecimento como “processos múltiplos, contínuos e permanentes”, se fariam “pela razão e pelos sentidos” (DIADEMA, 1996m, p. 6) e a cultura corporal do movimento deveria explorar os exercícios lúdicos, as atividades de grupo, na vivência do esporte e do lazer, para a “formação e informação sócio-culturais na utilização do tempo disponível nos territórios públicos da cidade” (DIADEMA, 1996n, p. 44)

### **Processo da vivência esportiva, social e política na cidade: aprendizagens contínuas e alternativas não-consumadas**

Inúmeros roteiros adensaram as políticas setoriais nas áreas de Educação, Cultura e do Esporte e Lazer. Dentre elas, destaco a criação do Departamento de Esporte e Lazer, evidenciando uma nova postura, sobretudo no que se refere à integração das políticas implementadas pela secretaria (GOMES, 1996).

A integração das políticas de lazer com as de educação, cultura e esporte referenciava-se numa abordagem cultural do esporte e do lazer, como componentes de um conjunto de manifestações e experiências humanas (individuais e coletivas) mediadas por múltiplos e distintos valores, idéias, símbolos, representações, objetos e comportamentos, expressos na produção de suas práticas. Como objetivo dessa proposta, colocava-se a democratização da prática esportiva, tendo em vista uma postura que não estava radicada na “formação técnica de massa” (DIADEMA, 1996n, p. 44).

Nos itinerários propostos pelo Departamento de Esporte e Lazer a partir do paradigma da “cidadania cultural” revelaram-se posturas, práticas, comportamentos e, sobretudo, temporalidades diferentes no fazer específico dessa área. Presentes nesse diálogo estiveram variadas formas de comportamento, mentalidades e representações enraizados e construídos culturalmente pelos moradores do local.

Incluir o lazer e o esporte numa perspectiva cultural redirecionou as atividades desse setor, para buscar nas experiências das diferentes manifestações culturais da população a contribuição para a construção da proposta política, evidenciando-se também na concepção arquitetônica de equipamentos que foram construídos como, por exemplo, o primeiro clube público da cidade, que priorizou a “ampliação do espaço urbano para o lazer, tendo como objetivo favorecer a convivência de diferentes grupos, através das práticas expressivas, corporais e lúdicas” (DIADEMA, 1996a, p. 27)

Para direcionar a utilização das áreas de lazer e integrar os diversos setores – educação, cultura etc. –, o Departamento de Esporte e Lazer desenvolveu o Projeto de Recreação Comunitária, cuja centralidade foi romper com os tradicionais “pacotes de atividades e eventos”, gestados nos gabinetes e que excluía a população das decisões. Nessa ação pública, a prefeitura disponibilizava equipamentos e fornecia uma rede de apoio<sup>19</sup>. Ao participar das discussões das formas de utilização dos espaços públicos, a

---

<sup>19</sup> O Departamento de Esporte e Lazer disponibilizava professores e técnicos para a realização de cursos, em conjunto com a população, visando à capacitação de animadores socioculturais; realizava o empréstimo de materiais e equipamentos para a organização das atividades decididas pelo conjunto dos participantes

população sugeria soluções e apontava dificuldades. Respeitando a identidade local, possibilitava-se que outras experiências fossem realizadas com a participação popular, enfatizando-se também o agir pedagógico necessário para o embasamento de tal proposta: “a partir daí a população pode se apropriar dos espaços públicos.” (DIADEMA, 1996i, p. 28)

Assim, na perspectiva de democratizar as práticas esportivas, compreendia-se o esporte como patrimônio cultural e parte constitutiva da cultura corporal dos cidadãos e cidadãs, tendo como seus conteúdos as modalidades esportivas coletivas e individuais, além das manifestações da dança, da ginástica etc. Priorizando o “saber” e o “fazer” dessas práticas culturais, vinculados à compreensão de seu significado na definição da cultura corporal, as atividades objetivavam contribuir com uma autonomia esportiva, para que a população pudesse utilizar o esporte para promoção da saúde, do lazer etc. e buscava-se, dessa forma, romper com a idéia da “massificação esportiva”, dos “pacotes de lazer”, enfrentando os conflitos ligados à capacidade de negociar, decidir e optar por outros critérios e estilos de convivência no campo esportivo.

Onde a ação humana se inscreveu, intervindo, alterando, nas falas, gestos, entonações, desencontros e conflitos, tudo o que pôde ser concretamente vivido, revelou-se um conjunto de possibilidades, contradições não-resolvidas, alternativas não-consumadas. Diz José de Souza Martins que,

na gênese dessas contradições está de fato a gestação de virtualidades e possibilidades que ainda não se cumpriram [...] Por isso, fazer História não está apenas no ato intencional de criar o novo e destruir o velho. Uma História assim é, no fundo, uma História sem tensões, sem vida, falsa História (MARTINS, 2000, p. 121)<sup>20</sup>.

---

nos bairros onde eram realizadas as ações. O teor dessa proposta realizada em Diadema pode ser encontrado em Marcellino (1996b).

<sup>20</sup> Martins (2000) explica que a contradição social é histórica, mas não se reduz a confrontos de interesses entre diferentes categorias sociais. Ao contrário, tal como adverte Lefebvre, “os desencontros são também desencontros de tempos e, portanto, de possibilidades” (apud Martins, 2000, p. 121). Funda-se, portanto, na descoberta dessa gênese contraditória de relações e concepções que persistem, “a descoberta de

Italo Calvino, na simbologia das infinitas cidades possíveis, capturou e transformou os problemas em metáforas estéticas e culturais, exprimindo a tensão entre a racionalidade geométrica e as teias emaranhadas da existência humana. Em determinada passagem de seu texto, o autor indaga sobre a impossibilidade de traçar a rota nos mapas para se chegar a essa “terra prometida”, visitada pela imaginação, mas que ainda não se fundou. E diz, como se chegasse a um “final”: “É tudo inútil se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito” (CALVINO, 1990, p. 150).

Mas, logo a seguir, ao revelar outra solução, o escritor “provoca” outra possibilidade para fundar esse encontro, dizendo que

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tomar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar perceber quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço. (CALVINO, 1990, p. 150)

As idéias destes autores estabelecem o vínculo entre o novo e o velho, a realidade, por vezes árdua e dura, e a sua transformação.

O “novo” no Departamento de Esporte e Lazer também esteve no caminho que exigiu “atenção e aprendizagem contínuas”, na percepção de carências materiais e simbólicas e na reelaboração de vontades, abrindo espaço para que novos personagens, elaborando na cidade o direito ao esporte e ao lazer, contribuíssem na formação identitária de cidadãos e cidadãs, no desafio de compreendê-los na cidade, para além de atletas-campeões, espectadores-consumidores, praticantes-massa.

---

contradições não resolvidas, de alternativas não consumadas, necessidades não atendidas, virtualidades não realizadas” (MARTINS, 2000, p. 121).

Nesse processo da vivência esportiva, social e política, brotaram vozes que desejaram e representaram outras formas de participação. Ao se envolverem em novas disputas visando a essa conquista, seu “aparecimento” também trazia novos debates na cena pública, como exemplificado na narrativa a seguir:

Mas o movimento não pára por aí, agora com as salas inauguradas começam a reivindicar materiais [...] e percebendo seus direitos o grupo não se acomoda e está sempre em busca de crescimento e autonomia, e passam a descobrir novos grupos como: comissão de saúde, movimento pela água, movimento de educação, participar das aulas de teatro, e mais recentemente a recreação comunitária. (DIADEMA, [1995a], p. 1)

Nesse contexto de disputa e lutas sociais pela apropriação e pelo uso da cidade, como obra, na construção de uma nova identidade da cidade, também um sujeito coletivo – Mulheres em Movimento – emergia e ganhava visibilidade na esfera público-política de Diadema, e se firmava como sujeito de direitos.

### CAPÍTULO III

## MULHERES EM MOVIMENTO

Somos habituados a pensar que aquilo que conta é o objetivo e o resultado; o percurso é instrumental a respeito da meta. Mas as mudanças que estamos vivendo necessitam de uma diversa perspectiva.

Se o caminho é o que importa quando chego, o como, quanto e que coisa, aí sim abre a possibilidade de ter consigo o círculo de jade e o seu furo, o cheio e o vazio. O como pode colorir de sentido os conteúdos da experiência.

A. Melucci

Neste capítulo, trato do surgimento e de algumas das trajetórias do coletivo feminino denominado Mulheres em Movimento, que emergiu no espaço citadino de Diadema em meados da década de 1970 e, desde então, vem logrando obter o reconhecimento de sua identidade e de suas demandas pela prática de atividades de lazer e esporte na esfera pública local e nas agendas políticas de diferentes governos da administração municipal. Apresento e analiso, ainda, alguns significados ou representações que dele fazem algumas de suas protagonistas, buscando demonstrar que esse ator coletivo feminino, a partir de suas experiências e identidade, gestou novos conflitos e tensões nos planos da cultura e da vida pública, permitindo oferecer novas possibilidades de se desenhar ou formular ações públicas no campo do lazer e do esporte.

Preliminarmente, é preciso afirmar que minha premissa básica é que esta específica forma associativa pode ser compreendida como representante dos novos movimentos sociais que emergiram no cenário urbano das grandes metrópoles brasileiras a partir da década de 1970, pois sua conformação, suas experiências, sua identidade, suas demandas e projetos não se referenciaram ou referenciam diretamente à esfera do trabalho. Trata-se de um sujeito coletivo organizado por mulheres que lançam mão de

táticas e estratégias de luta visando à disputa pela apropriação e uso do espaço-tempo da cidade, para usufruírem o lazer e o esporte como práticas culturais significativas.

Mesmo levando em consideração que o Mulheres em Movimento tenha sido gestado no cotidiano das relações sociais de uma cidade como Diadema, um espaço citadino fortemente marcado pela produção e reprodução da cultura do trabalho e do trabalhador industriais, é preciso ter em conta que a ação coletiva desse sujeito feminino e suas orientações nutriram-se, e ainda o fazem, pela mobilização, participação e investimento de mulheres que trazem consigo os signos de outras pertenças. Em primeiro lugar, são mulheres, que trazem na sua formação cultural de gênero as determinações e características de uma sociedade predominantemente masculina e machista. São mulheres pertencentes às camadas populares e inseridas no mundo urbano. Mulheres, em sua grande maioria, domésticas, mães de família, algumas chefes de família; outras são mães solteiras, e outras, ainda, mães que ainda vivem a condição juvenil. Muitas delas vivenciaram e se orientam por processos de socialização formalizados no ambiente cultural da participação de outras formas associativas – movimentos por moradia, educação, saúde, transporte, saneamento básico, grupos de base da Igreja Católica, de novas denominações evangélicas, de partidos políticos, associações de base feminina. Mulheres, muitas delas, negras; mulheres com histórico de migrantes, que tiveram a possibilidade de viver as realidades contrastantes de subúrbio e da periferia que marcaram a cidade de Diadema.

Desse modo, pode-se afirmar que o Mulheres em Movimento é tributário do dinamismo, contingências e multiplicidade do conjunto de experiências e relações sociais acima evocados, e que se trata de uma identidade coletiva interativa e compartilhada (MISCHE, 1997; MELUCCI, 2001), tanto no que diz respeito às orientações das ações que empreenderam como no que tange ao campo de oportunidades e de vínculos no qual ela se insere; isto quer dizer que esta específica identidade foi “construída e negociada através de um processo repetido de ativação das relações que ligam os atores”, num determinado espaço-tempo (MELUCCI, 2001, p. 69).

Em suma, quero afirmar que o Mulheres em Movimento, conforme se verá a seguir, produziu a sua identidade a partir das contribuições de um conjunto de biografias individuais, e pela participação e militância múltiplas de mulheres diademenses em diferentes ações coletivas que emergiram naquela localidade.

### **Algumas notas sobre o conceito de “identidade” e “identidade coletiva”**

Nas ciências humanas, o conceito de “identidade” não é unívoco e pode-se afirmar seu caráter histórico-cultural. Não se pode tranquilamente postular, também, que seja corriqueiro o seu estudo para fins de compreensão e análise de ações coletivas. O longo processo de formação da modernidade ocidental contribuiu para desnaturalizar ou desessencializar o conceito de “identidade”. O contexto histórico-cultural do humanismo renascentista, com a desconstrução lenta e paulatina da “cosmovisão teocrática”, permitiu/gestou a importância da centralidade do indivíduo na autoria do mundo e, dessa maneira, a subjetividade foi tomada como qualificação elementar do conceito. Como afirma Vianna, fundamentada em Alain Touraine, trata-se de uma “definição não-social do ator” (VIANNA, 1999, p. 49).

No século XIX, ao tematizar a noção de “identidade” no âmbito da filosofia, George Mead demarcou os fundamentos teóricos para o conceito, atribuindo-lhe, ao mesmo tempo, um “caráter intersubjetivo, relacional e reflexivo” (VIANNA, 1999, p. 49).

No âmbito da sociologia ou da psicologia, que se preocupam em expandir e adensar conceitualmente a noção de “identidade”, podem-se identificar contribuições distintas, provenientes de matrizes analítico-metodológicas como o funcionalismo, o interacionismo simbólico e a fenomenologia social (SCIOLA, 1993, apud VIANNA, 1999, p. 50). Tais contribuições sublinham que a identidade seria processo e produto direto das estruturas sociais ou seria devedora de características próprias da subjetividade dos indivíduos. Pode-se inferir que “a definição do conceito é pautada por diferentes perspectivas e temáticas, que vão desde a afirmação da identidade como uma estrutura estável da personalidade e pouco flexível” (VIANNA, 1999, p. 51), como sugere a vertente sociológica de Talcott Parsons, ou sua tematização como produto efêmero, dependente da

aceitação e do reconhecimento do mundo exterior, tal como propõe Goffman, até a “concepção de identidade aberta e muito flexível, exposta ao risco da dispersão”, como postula Alfred Schultz (VIANNA, 1999, p. 51).

Tendo em vista esta multiplicidade de proposições conceituais, o uso do termo “identidade” evoca uma polissemia e um conjunto não-desprezível de dificuldades no plano teórico-metodológico que, como bem observa Mische (1997), um problema elementar para seu uso consistiria em reconciliar as “pressuposições estáticas, categóricas e substancialistas” da noção, com uma perspectiva “dinâmica, processual e interativa” que também lhe é peculiar (MISCHE, 1997, p. 138).

Ciampa (2001), por exemplo, define a noção de “identidade” como um processo contínuo de transformação, de metamorfose, no qual estão envolvidas todas as especificidades do ser humano: biológicas, psicológicas e sociais. Essa transformação ocorre ao longo do tempo de vida de cada indivíduo, constituindo uma singularidade que o identifica e o diferencia em relação a si mesmo em diferentes momentos, assim como o aproxima e distancia de outros indivíduos em momentos diferentes ou iguais. A identidade é história, diz Ciampa (2001), e isto nos consente afirmar que “não há personagens fora de uma história, assim como não há história (ao menos uma história humana) sem personagens” (CIAMPA, 2001, p. 157).

Nessa “história”, um “eu” se configura a partir das relações sociais que permitem a cada um observar papéis, assumi-los e obter a confirmação do seu exercício através de outros indivíduos significativos (CIAMPA, 2001), pois a possibilidade de constituição deste “eu” se expressa de forma mais ou menos autônoma e ocorre na medida em que a vivência simultânea de uma teia de papéis possibilita que sejam exercidos de forma diferente dos modelos (CIAMPA, 2001).

Subjacente a essa noção de “identidade” há uma compreensão de dinâmica na constituição do sujeito, estando, portanto, na questão da originalidade da vivência a possibilidade de transformações; ou seja, na ótica da psicologia social, defendida por Ciampa (2001), o conceito de “identidade” remete à idéia de uma tensão entre os ritmos

de repetição e transformação na constituição da identidade, pois “Enquanto atores, estamos sempre em busca de nossas personagens; quando novas não são possíveis, repetimos as mesmas; quando se tornam impossíveis tanto novas como velhas personagens, o ator caminha para a morte simbólica ou biológica.” (CIAMPA, 2001, p. 157)

A identidade, portanto, é uma construção histórica que se dá a partir da relação dialética que ocorre em um determinado espaço geográfico entre indivíduos e/ou grupos que organizam sua vida cotidiana em torno de atividades semelhantes, tendo como base um conjunto de valores compartilhados, articulando-os em uma biografia individual que lhes permite diferenciar-se dos demais nessa tensão que se apresenta na dinâmica entre permanência e mudança (CIAMPA, 2001), e a dimensão constitutiva do “eu” não é um dado fixo, imutável, mas uma questão de tempo e espaço, de interação, constituída e constituindo um campo de possibilidade e limites (MELUCCI, 1991).

Muito próximo desta concepção de identidade encontra-se Alberto Melucci, que, no âmbito da sociologia, empenhou-se em tratar do conceito de “identidade coletiva”, insistindo que nesta há um conflito ou uma tensão ineludível entre permanência e mudança; isto é, aquilo que dá o sentido de continuidade aos indivíduos, pois

a permanência de um sujeito no tempo garante sua continuidade ao integrar passado, presente e futuro, articulando-o a uma biografia individual, sendo, portanto, um conjunto de representações do eu pelo qual o sujeito comprova que é sempre igual a si mesmo e diferente dos outros. (MELUCCI apud VIANNA, 1999, p. 51)

Ao adotarem papéis, normas e valores válidos para todos os componentes do grupo, as identidades coletivas reafirmam constantemente, no campo de oportunidades e de vínculos no qual se colocam, as realidades objetivas e subjetivas. Dessa forma, vão-se constituindo ao longo do tempo inúmeras identidades, informadas e formadas por rede de atores individuais e coletivos, atravessando momentos em que se podem cristalizar ou se transformar, pois “interativa e compartilhada significa construída e negociada através de

um processo repetido de ativação das relações que ligam os atores” (MELUCCI, 2001, p. 68).

Para Melucci (2001), os processos de elaboração, manutenção e adaptação de uma identidade coletiva comportam sempre duas angulações: “de um lado, a complexidade interna de um ator, a pluralidade de orientações que o caracteriza; de outro, a sua relação com o ambiente (outros atores, oportunidades/vínculos).” (MELUCCI, 2001, p. 69)

Do meu ponto de vista, as contribuições conceituais sobre identidade e identidade coletiva oferecidas por Ciampa (2001) e Melucci (2001) seriam as mais apropriadas para qualificar o sujeito coletivo de meu estudo, o Mulheres em Movimento, pois sem dúvida ele é fruto não apenas dos atributos ou da posição social de suas integrantes em função de suas diferentes relações de pertencimento social, econômico e cultural, mas também das “experiências e orientações individuais e coletivas de um dado contexto concreto” (MISCHE, 1997, p. 139). Assim, poder-se-ia afirmar a identidade deste específico movimento menos como uma substancialidade, essência ou “fronteira”, e muito mais como um “prisma”, fruto da aproximação, experimentação ou participação direta de redes interpessoais e organizacionais (MISCHE, 1997).

### **A construção da identidade do Mulheres em Movimento como sujeito coletivo**

Embora não haja estudos sistemáticos sobre a ação coletiva do Mulheres em Movimento, as fontes pesquisadas indicam que o surgimento desse sujeito guarda vínculos estreitos com as experiências ou práticas culturais de mulheres oriundas das camadas populares de Diadema, que participavam dos Clubes de Mães existentes naquela cidade. Tais grupos se configuraram a partir da frequência de mães ou mulheres gestantes em cursos de artes manuais oferecidos pela prefeitura em unidades básicas de saúde. Tais clubes aglutinavam, ainda, donas de casa que demandavam, junto à administração municipal, ações públicas na área da educação infantil e na definição de uma política de ampliação de equipamentos de creches na cidade (GOMES, 1996).

Muitas mulheres que contribuíram para a gestação dessa ação coletiva participavam de outros círculos de ações, tais como conselhos de gestão de unidades escolares municipais e também de associações de mulheres organizadas em diferentes bairros de Diadema. Mulheres que integravam estes diferentes circuitos ou círculos de participação social tiveram papel de destaque para a constituição, em meados dos anos 1970, de um agrupamento<sup>21</sup> que reivindicava o direito por praticar atividades socioculturais no campo do esporte e lazer na cidade.

Os movimentos múltiplos que efetivam as mulheres que demandam o direito por praticar atividades de lazer e esporte produzem círculos de reconhecimento de suas identidades individuais e de uma identidade coletiva, pois, como admite Melucci (1991), não podemos considerar a identidade (individual ou coletiva) como uma “coisa”, como uma unidade monolítica, mas como um sistema de relações e representações. Em diversos níveis de complexidade, podemos falar de muitas identidades às quais pertencemos: a familiar, a social etc; “o que muda é o sistema de relação a que nos referimos e em respeito ao qual ocorre o reconhecimento.” (MELUCCI, 1991, p. 35, tradução nossa)

Assim, a identidade é, em alguns casos, uma relação que compreende a capacidade que têm os sujeitos de se reconhecerem e serem reconhecidos pelos outros. Para Melucci, “esta polaridade entre auto-reconhecimento e hetero-reconhecimento” (MELUCCI, 1991, p. 35, tradução nossa) articula-se, por sua vez, em duas dimensões que já emergiram como constituintes da identidade. De um lado, os sujeitos afirmam o que são, “dizem somos X ou Y, e, dessa forma, declaram a continuidade e a permanência de serem e desejarem o reconhecimento pelos outros” (MELUCCI, 1991, p. 36, tradução nossa). Pode-se chamar esta dimensão de identificação. De outro lado, os sujeitos distinguem-se de outros e pretendem “fazer reconhecer esta diversidade. Pode-se falar, então, de afirmação da diferença.” (MELUCCI, 1991, p. 36, tradução nossa)

Documento oficial do Departamento de Esporte e Lazer da prefeitura de Diadema permite recuperar as origens e os fios dessa trama que reclama o sinal da diferença: “[Em

---

<sup>21</sup>Conforme o *Dicionário de Ciências Sociais* (1986), pode-se encontrar várias definições que diferenciam agrupamento e grupo, e a denominação “formas associativas” supõe grupo, agregado e agrupamento, indistintamente.

meados de 1974,] a maioria das alunas eram donas de casa e o motivo principal que as levava a procurar a ginástica não era estético, mas ocupar o tempo livre [...]” (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p. 4)

Uma análise rápida poderia levar à conclusão de que a demanda dessas mulheres seria diretamente decaída das influências ditadas pela indústria cultural da moda e da proliferação das academias de ginástica no tecido urbano das grandes cidades. Contudo, o requerimento dessas mulheres pela prática da ginástica constituía-se, antes de tudo, como uma possibilidade de satisfação do direito de ocupação do tempo livre, na perspectiva da prática do lazer tal como o concebe Marcellino (1996a),

como cultura, entendida no seu sentido mais amplo, vivenciada – praticada, consumida ou conhecida – no tempo disponível (fora das obrigações do trabalho, da família, da religião, da política partidária), que guarda determinadas características, como a “livre” adesão e o prazer, e propiciam condições de descanso, de divertimento e desenvolvimento tanto pessoal como social. (MARCELLINO, 1996a, p. 1-2)

Além da disputa pelo direito à ocupação do tempo disponível, as mulheres demandavam atividades de ginástica como uma possibilidade de ação preventiva ou curativa no campo da saúde, pois também se pautavam pelas “orientações médicas com relação à saúde” (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p.2)

Nessa trajetória, decorrente das disputas e lutas sociais de mulheres pela apropriação e uso da cidade como um direito, elas foram tecendo uma “imensa rede de sociabilidades que se criam, se transformam” (SPOSITO, 1993, p. 43) e geravam conflitos e tensões entre suas necessidades e anseios e as perspectivas de atuação dos gestores dos serviços públicos de lazer e esporte da administração local diademense, dificultando o reconhecimento da demanda coletiva que as mulheres cunhavam. Assim, “logo de início, as expectativas das alunas contrariavam os objetivos das aulas, que visavam, exclusivamente, o condicionamento físico” (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p.2)

Contudo, o poder de pressão que exerciam sobre os gestores responsáveis pelo Departamento de Esporte e Lazer da prefeitura fez com que estes flexibilizassem suas posturas e atendessem às expectativas iniciais de tais mulheres, configurando o reconhecimento público do agrupamento que se formava. É o que se pode depreender das informações contidas em documento daquele órgão, quando seus autores lembram que, “depois, percebeu-se que era possível unir os objetivos do serviço oferecido pela ginástica feminina da Divisão de Esporte, com as expectativas das alunas” (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p.2)

Ainda em consonância com essa fonte, durante os anos 1980 essa ação pública que visava a atender ao coletivo de mulheres foi-se ampliando – sobretudo em função da pressão ininterrupta – e ocorria em espaços adaptados, muitos deles pouco apropriados para atividades de lazer:

Nos anos de 1980, a ampliação foi acontecendo por reivindicações das mães de conselhos das escolas municipais [...] apesar de toda dificuldade o importante era o atendimento, e utilizavam-se, inclusive, espaços precários para as atividades [...] (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p. 2)

Essas incursões foram possibilitando que o agrupamento se ampliasse e fortalecesse em sua ação pelo direito à prática da “ginástica”. A partir de suas biografias pessoais, e contando com o histórico de participação de muitas das mulheres da ginástica na rede de lutas sociais travadas na cidade, tais mulheres foram pouco a pouco, nas relações entre si e com os governos da localidade, tramando a identidade do novo sujeito coletivo. Desse modo,

[em 1991] as mulheres percebem que fazem parte de um grupo grande e não estão isoladas nas salas de aula [...] e definem um nome para o grupo: Mulheres em Movimento [...] (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p. 2)

Neste caso específico, a polaridade que Melucci (1991) explicita haver entre o auto-reconhecimento e o hetero-reconhecimento se materializou, pois a identidade desta forma associativa foi-se fortalecendo e adquirindo visibilidade tanto para suas integrantes como

no âmbito da sociedade e junto à administração municipal. Contudo, as pressões que exerciam já não eram tributárias do esforço de um agregado de mulheres, mas de um sujeito coletivo, portador de um projeto comum ou compartilhado:

[em 1991], diante do crescimento da demanda e das reivindicações, a administração local é pressionada a buscar resposta urgente e, mesmo sem estarem previstas em seus planejamentos orçamentários, foram construídas nove salas de ginástica distribuídas pelos bairros da cidade e aumentam o número de profissionais envolvidos nas aulas. [...] (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p.2)

Alfred Schultz (1979), a partir de referenciais da fenomenologia das relações sociais, define “projeto” como a conduta organizada para atingir finalidades específicas, em que “sabemos que o que antecipamos carrega horizontes em aberto” (SCHULTZ, 1979, p. 142). Gilberto Velho (1999, p.101), ao comentar a obra de Schultz, chama a atenção para o fato de que “toda a noção de projeto está indissolúvelmente imbricada à idéia de indivíduo-sujeito. Ou, invertendo a colocação – é indivíduo-sujeito aquele que faz projetos.”<sup>22</sup>

Assim, se os projetos só podem ser compreendidos na dimensão sociocultural, numa noção de “campo de possibilidades” (VELHO, 1999, p. 40), ou seja, espaço para formulação e implementação de projetos, é nesse “campo de possibilidades”, dado pela participação nas atividades de lazer ou na inserção na rede de lutas existente na cidade, que o Mulheres em Movimento foi elaborando seus projetos, demandando novos quadros de socialização e outros arranjos que permitem novas trocas, outros encontros ou diferentes arranjos de sociabilidades:

desde que iniciaram o movimento, as mulheres reivindicavam não só a infraestrutura e materiais diversificados para as aulas, mas também atividades

---

<sup>22</sup> Gilberto Velho observa, ainda, que a “consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos. Portanto, se a memória permite uma visão retrospectiva, mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessas trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos.” (VELHO, 1999, p. 101)

diversificadas e integradas com outros grupos, tais como passeios, bailes, festivais, etc. (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p.2)

Mediante a interação com outros projetos, individuais ou coletivos, nesse campo de possibilidades, a identidade do sujeito coletivo se firma ao mesmo tempo que se amplia, expande e diversifica as trocas sociais com outras identidades coletivas da cidade, pois

*o movimento não pára por aí, [...] Percebendo os seus direitos o grupo não se acomoda e está sempre na busca do crescimento e autonomia, pois muitas [mulheres], a partir de suas aulas [de ginástica], passam a descobrir novos grupos da cidade, como comissão de saúde, movimento de educação, participam de aulas de teatro, dança, esporte [...] recreação comunitária etc [...]. E o inverso também acontece, pois mulheres de outros grupos buscam a participação nas atividades do programa de ginástica (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p.2, grifo nosso)*

A participação e contribuição de muitas mulheres na tessitura dessa identidade coletiva fizeram, reversivamente, com que a biografia individual de muitas delas se ampliasse e enriquecesse, no plano da conquista e usufruto de outros direitos sociais: algumas delas buscaram oportunidades formais de se alfabetizarem e/ou de “darem continuidade a processos de escolarização, anteriormente interrompidos”. (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p. 2)

Em meados da década de 1990, o Mulheres em Movimento contava com o expressivo número de 2.650 participantes. Em 2004, este número chega a ultrapassar 4 mil mulheres<sup>23</sup>.

A seguir, saindo do campo da descrição elaborada por um olhar exterior, apresento o “Movimento”, sua importância social, seus significados e suas contribuições pela voz de algumas de suas protagonistas.

---

<sup>23</sup> Dados obtidos através de depoimentos orais durante a realização do evento Trinta Anos de Ginástica Feminina, promovido pela Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer – Departamento de Esporte e Lazer, Prefeitura de Diadema, em abril de 2004.

## **Vozes e subjetividades de atores individuais do Mulheres em Movimento**

A verdade não habita somente o homem interior,  
ou, mais precisamente, não há homem interior,  
o homem está no mundo,  
e é no mundo que ele se conhece.

Merleau-Ponty

Considero a ação coletiva dessas mulheres um acontecimento social que, como já foi dito, não existe em si mesmo, e envolve as percepções ou as representações que os sujeitos possuem de si mesmos, de sua relação com os outros e com o mundo, portanto, um fenômeno que “está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (CHIZZOTTI, 2003, p. 79).

De acordo com Merleau-Ponty (1971), o mundo não é um projeto do qual possui em meu íntimo a lei da constituição. Ele é o “meio natural e o campo da existência de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explicitadas” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 8).

No caso desta pesquisa, em que procuro circunscrever e analisar o significado e as percepções que algumas protagonistas do Mulheres em Movimento têm de sua experiência na constituição dessa identidade coletiva e para elas próprias como individualidade, optei por utilizar, nesta etapa da investigação, um agir metodológico consoante com algumas perspectivas disponibilizadas pela fenomenologia. Nos dizeres de Chizzotti (2003):

A fenomenologia considera que a imersão no cotidiano e a familiaridade com as coisas tangíveis velam os fenômenos. É necessário ir além das manifestações imediatas para captá-los e desvelar o sentido oculto das impressões imediatas. O sujeito precisa ultrapassar as aparências para alcançar a essência dos fenômenos. (CHIZZOTTI, 2003, p. 80)

Neste enfoque, a análise dos dados coletados será realizada à luz das orientações fundamentadas na fenomenologia como metodologia de compreensão da realidade. A pesquisa fenomenológica parte da compreensão do viver e não de definições ou conceitos; é uma compreensão voltada para os significados do perceber, para as “expressões claras que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais se expressam pelo próprio sujeito que as percebe” (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 93).

O “mundo da vida” reveste-se de significação, quer como o mundo a conhecer, a dominar, a transformar, quer como o lugar de seus projetos e ações, vida do cotidiano onde nos orientamos pela praticidade, e que assim se constitui porque tudo pode tornar-se significativo como sustentáculo ou obstáculo à ação.

Tendo como perspectiva a compreensão do fenômeno investigado ao considerar os sujeitos que o estejam vivenciando, experienciando, será em suas descrições que recolherei aquilo que faz sentido. Para isto, afirma Bicudo (2000),

[...] suponhamos que o fenômeno investigado seja o *luto*, a dor da perda de uma pessoa próxima e querida. O sujeito significativo é aquele que está vivendo a situação de estar em luto. A ele perguntamos: como você está vivendo esse luto, o que faz, o que sente? [...] (BICUDO, 2000, p. 74, grifo da autora)

Assim, com este enfoque estarei respondendo à indagação da pesquisa, pela compreensão da busca dessas mulheres para participarem de uma vivência. Portanto, há um fenômeno colocado em suspensão – a ação coletiva das “mulheres em movimento” – que será desvendado para além das aparências, pelos significados atribuídos pelos sujeitos entrevistados/observados, pois

A investigação fenomenológica trabalha sempre com o qualitativo, com o que faz sentido para o sujeito, com o fenômeno posto em suspensão, como percebido e manifesto pela linguagem; e trabalha também com o que se apresenta como significativo ou relevante no contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem. (BICUDO, 2000, p. 74)

Com esse propósito, selecionei cinco mulheres dentre as que me aproximei e pude conhecer em meados dos anos 1990, para que fossem minhas interlocutoras e oferecessem relatos sobre suas vivências no interior do Mulheres em Movimento. Visando a apanhar as percepções que formulam de suas experiências, elaborei uma indagação básica: *“O que é para você o Mulheres em Movimento?”*

As descrições das mulheres compuseram um protocolo, o primeiro momento da redução fenomenológica, circunscrevendo a experiência vivida e exposta pela linguagem. Extraídas as unidades de significados de seus discursos, posteriormente deu-se o agrupamento dos dados que se mostraram semelhantes ou fundamentalmente diferentes no processo do fenômeno, obtendo-se, então, as unidades de significado interpretadas (MARTINS; BICUDO, 1989). Essa redução utilizada para elaborar a análise ideográfica discorre sobre a possibilidade do alcance de linguagem das mulheres entrevistadas, buscando-se uma aproximação das próprias coisas vistas (MARTINS; BICUDO, 1989), chegando à essência do fenômeno tal qual ele se mostra; e, na sua interpretação, busquei reconhecer qual a mensagem que as interlocutoras construíram.

Na análise nomotética, momento posterior à elaboração do agrupamento das unidades de significância obtidas dos discursos “situados” pelas mulheres, efetuaram-se as articulações das compreensões e obtive como resultado dessa trajetória grandes categorias abertas (MARTINS; BICUDO, 1989) que serão cotejadas com o aporte conceitual em torno das noções de “lazer”, “identidade individual” e “ação coletiva” e outras vivências do pesquisador.<sup>24</sup>

### **Significados atribuídos pelas mulheres ao “Movimento”**

Para a totalidade das interlocutoras, a identidade do Mulheres em Movimento é tributária de múltiplos significados revelados na formalização de práticas e experiências culturais vivenciadas no tempo disponível no campo do lazer, quando suspendem, ainda que temporariamente, suas tarefas cotidianas, deixando as “ocupações de dona de casa”

---

<sup>24</sup> Todos os momentos da metodologia que dão suporte à Análise da Estrutura do Fenômeno Situado estão descritos no anexo ao final deste trabalho.

e cruzando as fronteiras da esfera doméstica, do universo do mundo privado. Nesse processo, há uma redefinição daquilo que lhes falta e suas necessidades vão sendo reelaboradas coletiva e culturalmente, permitindo formular percepções de que, inequivocamente, “são pessoas”, pois antes “era só problemas com maridos e filhos”.

Além disso, verbalizam que, ao saírem de suas casas, querem se “renovar junto a outras pessoas”, desejam “conhecer outras pessoas”, acharem-se em “outros lugares”, onde “tenham que escutam e são escutadas”. Expressam, também, a preocupação em “ajudar” e “construir juntas e criar ramificações”, demonstrando, nesse caso, que suas necessidades, num primeiro momento individuais, passam a integrar as necessidades do grupo, pois “em movimento” e participando de novos e diversificados arranjos de sociabilidade identificam-se e afirmam saber quem são. Nessa forma associativa, “em movimento”, seus ganhos convergem para o desenvolvimento tanto pessoal como social.

Todas as mulheres entrevistadas atribuíram um sentido educativo e emancipatório ao fato de integrarem e participarem dessa ação coletiva; nas referências que explicitam o conhecimento que elaboram ao fruir desta prática de lazer, afirmam que vivem um tempo “diferente da rotina de dona de casa”; vivenciam a “alegria extra, do descanso” e do “ânimo que isso traz para a vida”; é culturalmente significativo, para essas mulheres, que o “movimento” rompa com determinadas dimensões da vida privada.

Através dos discursos dessas mulheres, pode-se também depreender que participar de atividades de lazer no tempo-espaço da cidade no seu tempo disponível não é apenas uma ponte que possibilita a elas deixar as rotinas domésticas e ir para um outro espaço-tempo, que apenas as estimula a praticar atividades oferecidas por um pacote que esgota suas percepções, fazendo com que, alienadamente, percebam-se felizes e possam, então, voltar para o cotidiano cinzento e monótono de suas casas.

As mulheres que participam dessa específica ação coletiva tematizam-na como possibilidade efetiva de alteração de valores sobre elas mesmas, sobre suas vidas; sobre as representações e o papel da mulher no universo privado e na vida pública. Entendem-na como identidade que contribui à afirmação e reconhecimento sociais de suas

necessidades específicas, seus direitos junto aos demais atores coletivos e agentes públicos institucionais da cidade; são valores como “pensar na saúde”, “vencer a falta de ânimo”, “dispensar o uso de medicamentos”, “buscar o incentivo de outras pessoas”, “ter mais carinho”, “mais paz”, “ampliar os horizontes”, e, sobretudo, “não encontrar preconceitos”, viver e usufruir o direito à diferença, de ser diferente, de reproduzi-lo continuamente, para elas e para todos os moradores da cidade, na esfera pública. Assim, demonstram que investem na produção de um novo modelo cultural, pois gestam práticas de resistência à fragmentação, à pulverização das individualidades nas agências sociais “que se ocupam da nossa saúde, da nossa educação, das nossas relações afetivas” (MELUCCI, 1991, p. 30, tradução nossa).

### **Corpo e corporeidade: “cuidar do corpo com a ginástica”**

É possível apreender múltiplas intencionalidades e sentidos que essas mulheres conferem à prática cultural da ginástica como lazer. Elas enfatizam reiteradamente os ganhos que obtêm na aprendizagem de cuidar de si, ao “movimentar o corpo” através de inúmeras gestualidades e combinações de sensações e percepções, tais como: relaxamento, executar movimentos sem medo de errar, aliviar-se das dores “mexendo” o corpo, estar mais disposta e alegre por “movimentar o corpo de um outro jeito”, experimentar a alegria de “se soltar” e apreciar-se esteticamente ao realizar movimentos nas coreografias e danças que elaboram, na possibilidade de apresentações coletivas para elas mesmas ou para um público diverso e ampliado; de não se utilizarem mais de medicamentos para sentir ânimo no desempenho das tarefas cotidianas etc.

Ao cuidar do corpo desta forma, há uma percepção dessas mulheres no que se refere, principalmente, a “sentir-se cuidando de si”, tratando “de seu corpo e da vida”, buscando percebê-los integrados, para ter “saúde e felicidade junto”, “mexer o corpo e tratar dos problemas de coluna”, renovar o ânimo ao “movimentar o corpo de um outro jeito que sai mais feliz”. Na expressão de suas afetividades, comunicam que o medo e a alegria, a dor e o alívio, a tensão e o relaxamento, o cansaço e o ânimo, não são somente idéias e sentimentos, mas que suas lágrimas, sorrisos, respiração, calor, tremor,

relaxamentos, são produzidos no corpo, permitindo que se reconheçam, para sentir que existem como individualidades (MELUCCI, 1991).

Essa experiência corpórea, esse espaço pessoal afirmado pelas mulheres, que produz essa autopercepção, um reconhecimento de si como pessoa, individualidade, sujeito e cidadã, emerge das circunstâncias da vida social e constitui-se na cultura corporal, o desejo da descoberta de si e da descoberta da relação com o outro, que nos coloca em contato com o mundo, de criar e transformar a realidade (MELUCCI, 1991). Contudo, esta cultura tanto pode anular o corpo das relações, transformando-o em relações de papéis neutralizados e assépticos, como pode favorecer a descoberta de que “a relação entre os seres humanos é feita também pelos seus corpos” (MELUCCI, 1991, p. 70, tradução nossa).

Das percepções dessas mulheres, nos significados que trazem para “cuidar do corpo com a ginástica”, é possível inferir que seus “cuidados” vêm sendo constituídos num espaço onde as emoções têm reencontrado a consistência de um sentir radicado no corpo (MELUCCI, 1991), nutridas de humores, “da alegria”, de sons, “que fazem o corpo mexer solto”, de vibrações, “trabalhando a parte física, mental e espiritual”, como um encontro entre corpos e palavras (MELUCCI, 1991).

Se as descobertas dessas mulheres são o encontro de seus corpos como espaços pessoais, o campo da “consciência que nos faz diferentes dos outros” (MELUCCI, 1991, p. 70, tradução nossa), concebo-as, portanto, num campo relacional, da relação com o outro, com a sociedade, no qual também penetram os discursos sobre os corpos, veiculados, entre outros, pelos conhecimentos da medicina que institucionaliza campos específicos para os cuidados e tratamentos destinados ao corpo, e pela indústria cultural que manifesta sua redução do corpo ao fenômeno de mercado, na moda, na venda de produtos farmacêuticos etc., um corpo submerso que serve para vender tudo, e que demonstra que a relação cotidiana com as mensagens do corpo é também uma pedagogia da existência (MELUCCI, 1991).

Nessa pedagogia da existência e reconhecimento do corpo, da corporeidade, mediante atividades de lazer, a “descoberta” dessas mulheres com seus corpos que “aprendem a melhorar sem ajuda de remédios e médicos”, pode ser apreendida também como percepção de que a dor e a alegria, o desânimo e a disposição, não são apenas “sintomas” de um corpo apartado da vida, mas expressões que comunicam, pela palavra, pelo movimento, pelo gesto, pelo ritmo, porque se aproximaram de seus corpos, diferenciados e únicos, e ampliaram a capacidade de escutá-lo e de perceber seus sinais, de reconhecer seus limites, de rever e atualizar suas potencialidades, podendo responder porque *aprenderam* a responder-lhe (MELUCCI, 1991).

Dessa forma, nessas experiências socioeducativas propiciadas pela participação no Mulheres em Movimento, elas investem em seus corpos “para sentir melhora na vida e na saúde”, demonstrando que existe um corpo vivo, um corpo reflexivo das emoções presentes na vida, que repudia e nega o corpo asséptico da medicina (MELUCCI, 1991), produtor e disseminador de uma representação de seres mutilados, fragmentados em “partes” para serem tratadas.

No enfoque da fenomenologia, Merleau-Ponty também situa, estrategicamente, o corpo como elemento mediador entre a realidade externa e a consciência individual, entendendo a corporalidade como a experiência individual, em que o próprio corpo é uma forma de percepção, inicialmente subjetiva e em seguida objetiva da realidade.<sup>25</sup>

Em um de seus escritos, Marilena Chauí (1984, p. xi) lembra que “o corpo é o visível que se vê, um tocado que se toca, um sentido que se sente”. Esse corpo reflexivo e observável demonstra que as experiências iniciais do corpo consigo mesmo são

---

<sup>25</sup> Em “Merleau-Ponty, filosofia como corpo e existência”, Nelson Coelho Júnior e Paulo Sérgio do Carmo dizem que a filosofia de Merleau-Ponty “ficou conhecida como uma filosofia da ambigüidade. Ela advém de todo nosso conhecimento se enraizar na percepção e esta ser ambígua [...] Assim, sua fenomenologia pretende ser uma filosofia que conquiste a união do extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em suas noções de mundo e realidade [...]” (COELHO JÚNIOR; CARMO, [ca. 1992], p. 16-17). Mais adiante, afirmam que a elaboração de uma fenomenologia da percepção pede, de início, um estudo detalhado do corpo, buscando “ultrapassar tanto a concepção materialista da ciência positiva – o corpo objeto – quanto a visão espiritualista que desconsidera valorativamente o corpo, opondo-o à alma [...], que o levará [...] a escrever ‘eu não tenho um corpo’, mas sim, ‘eu sou meu corpo’” (COELHO JÚNIOR; CARMO, [ca. 1992], p. 48).

experiências “em propagação e que se repete na relação com as coisas e na relação com os outros” (CHAUI, 1984, p. xi).

Anthony Giddens (1993), ao demonstrar historicamente que, no momento sociocultural em que as pessoas passam a ter mais oportunidades de experiência de privatismo, de vida privada, possibilita-se o afloramento do “eu”, também se refere a uma reflexividade do corpo, quando sugere que o que se aplica ao “eu” aplica-se também ao corpo.

Assim, pode-se afirmar que essas mulheres constroem a relação cotidiana com as mensagens de seus corpos (MELUCCI, 1991), a partir de percepções construídas nas múltiplas experiências culturais de lazer que permitem que elas revejam e revalorizem o corpo, de processos de apropriação dos cuidados com o corpo para afirmação do cuidado de si mesmas, tratando “de seu corpo e da vida”, na medida em que realizam, com seus corpos, infundáveis movimentos individuais e coletivos, que são percebidos como “um jeito diferente”, que fazem “perder o medo de errar”, que “aliviam as dores” e proporcionam “ficar boa”. Essas experiências alimentam suas buscas de identidade, marcam o “eu”, emergindo um processo de valorização e afirmação do corpo, sentido e tratado como próprio, como “possibilidade de olhar para dentro de si”, arrumando uma “casa que é ela mesma”.

Sem pretender classificá-las, é possível dizer que, pelos arranjos das técnicas corporais no interior dessa ação coletiva, as mulheres, prestando atenção ao corpo na vida cotidiana, “para arrumar a casa, que é ela mesma”, “para vencer a falta de vontade na vida”, elaboram formas de tomar consciência daquilo que está mudando e vislumbram níveis de experiência anteriormente ignorados ou negligenciados nos conhecimentos, via de regra, produzidos pela ciência médica ou, ainda, pelas expropriações engendradas pelos modelos da indústria cultural de consumo. Nessa ação, explicitam um paradoxo, confrontando a realidade “biologizada” nos consultórios médicos e as culturas do corpo veiculadas pela indústria cultural, que se transformam rapidamente em retórica para alimentar a reprodução e o consumo das academias de ginástica.

Reconhecendo-se nessa cultura corporal que fala da vida, buscando relacionar-se “para participar e aprender a se colocar como prioridade”, ao olharem para si, essas mulheres escutam os sinais de seus corpos e olham, ao mesmo tempo, para as relações sociais que predominam no espaço público, relações essas de dominação, subordinação, marginalização ou de silêncio sobre a mulher e seu corpo, sobre os diferentes e as diferenças, sobre as relações que transformam em desigualdade o que traz o sinal da diferença. Diante dessa realidade, recusam-na e afirmam que a utopia é desejável, é possível.

Afirmam que é possível haver outras formas de relação dos homens e mulheres com seus corpos e entre si; que é possível inaugurar e reproduzir relações pautadas pela solidariedade, por outros valores éticos; que homens e mulheres, mediante o conhecimento e um outro trato de seus corpos e pelos seus corpos, como linguagem, “podem ajudar outras pessoas”, outros cidadãos e cidadãs; a solidariedade como dimensão do direito, para si e para os outros, participando de festas, de eventos que incentivem a participação de outras mulheres, para se cuidarem, “aumentando o elo da corrente”, e buscarem, dessa forma, a “convivência em todos os sentidos”, “na parte física e no companheirismo, na colaboração”, indicando as vias para a obtenção de respostas e responsabilidades individuais e coletivas.

### **Mulheres em Movimento: uma outra história das mulheres no campo do lazer e do esporte**

Em Diadema, a tematização dos direitos das mulheres no campo do lazer e do esporte não consistiu e ainda não consiste em tarefa simples, pois nesses espaços-tempo vigoram, ainda, o delineamento e a implementação de políticas públicas que, rigorosamente, não levam a sério questões de gênero. Em Diadema, as políticas públicas municipais de lazer e esporte, historicamente, foram formuladas e desenvolvidas a partir de outras premissas, outros valores, que encobriam práticas de inclusão residual da mulher, pois não consideravam, na elaboração, organização e implementação dos programas e projetos, aquilo que Marcellino (1983; 1996a) denomina de um “todo inibidor”

em relação ao sexo e ao gênero, que interpõe barreiras à prática, fruição e participação cultural das mulheres.

Pode-se afirmar que, em Diadema, mesmo se processando alguns deslocamentos na forma e nos princípios, houve uma continuidade no desenho e desenvolvimento das ações públicas realizadas no âmbito do lazer e do esporte, pois estas visaram à massificação do lazer a partir de sua esportivização, ora através de uma prática reducionista de atividades recreativas comunitárias, ora mediante a expansão das práticas esportivas nas quais prevalecem os inúmeros cursos para aprendizagem de diferentes modalidades esportivas divididas por sexo – as chamadas escolas de esporte, em nível de aprendizagem e aperfeiçoamento; ou ainda nos eventos esportivos e nas tradicionais equipes de modalidades esportivas, que têm a responsabilidade de representar a cidade interna e externamente.

Essas ações, alimentadas e modernizadas por um conjunto de percepções ou representações que têm por trás o discurso das diferenças biológicas entre homens e mulheres, mantêm de forma incontestada a defesa da separação de sexos, e implementam um conjunto de ações públicas fundamentadas nos mesmos princípios que pautam as agências sociais da indústria cultural, fomentando aquilo que chamam de “esporte feminino” e “esporte masculino”.

Orientadas por símbolos, códigos e regras esportivas internacionais que fazem prevalecer nos aspectos da socialização e da aprendizagem o sexismo, numa esportivização que transforma os gestos, os conhecimentos e vivências lúdicas do corpo que pensa, sente, age, constrói e consome cultura, no ritmo da eficiência e da perfeição técnica necessárias à aquisição de *performance*, essas atividades mascaram a desigualdade e inibem a prática de mulheres, pois mantêm, para todos, homens e mulheres, valores e normas masculinas dominantes para padrões de comparação referendados num determinado corpo, que é o corpo masculino (SOUZA, 1996; KUNS, 1993). *Citius, altius, fortius*, são os signos “olímpicos” que proliferam, contribuindo para manter a funcionalidade desse sistema excludente da corporeidade da mulher.

Mesmo quando as políticas públicas de lazer diversificaram os conteúdos culturais, não se restringindo à difusão da prática esportiva e propondo outras atividades, tais como vivências lúdicas do jogo, ginástica etc., isto por si só não representou a mobilização e o esforço necessários para superar o “todo inibidor”, e, por vezes, mascarou numa suposta importância quantitativa o surgimento de experiências que possibilitariam a reelaboração e a ressignificação das práticas culturais significativas para as mulheres na disputa pela apropriação e uso do espaço-tempo na cidade.

A emergência do Mulheres em Movimento implicou, por parte dos gestores das ações públicas municipais no campo do lazer e do esporte, outros esforços, novas combinações e comprometimentos, outras condutas, moduladas a partir de outros valores, que os forçaram a buscar ou formular novos planos discursivos e novas práticas para superar discursos ambíguos ou falaciosos sobre a igualdade de direitos e cidadania das mulheres e entre homens e mulheres.

O Mulheres em Movimento gestou a possibilidade de que mulheres, pelas atividades de lazer, da ginástica, entrassem na cena pública como protagonistas – “eu vou à luta, faço e quero” –, e não como objetos assexuados ou caricaturas masculinas das políticas públicas de lazer e esporte. Para isso, foi preciso evidenciar a percepção de que a participação da mulher e do feminino, que muitas vezes se inicia no que podemos chamar de âmbito comunitário – “confraternizar com todos do bairro” –, precisava se ampliar para outros níveis da ação política, e ser “um grupo muito ativo, que não olha só para o umbigo e olha para outras pessoas que estão à sua volta”, o que implicou pensar além do bairro e da circunvizinhança, indo na direção das lutas da cidade e de outras instâncias de gestão da coisa pública para “buscar coisas na ginástica e fora da ginástica” e “começar a participar”, ou seja, implicou a participação das próprias beneficiárias na definição de prioridades.

No plano do lazer como vivência, as alterações que o Mulheres em Movimento produziu, tanto se constituíram “num elo de aprendizagens coletivas” quanto induziram novos pontos de tensão e resistência, limites e avanços nas políticas públicas de lazer e esporte na cidade de Diadema.

As ações da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, ao terem como finalidade contribuir à constituição de “uma cidade produtora das liberdades urbanas, geradora e multiplicadora de direitos” (ARELARO, 1996), colaboraram para a efetivação de inúmeras práticas descritas pelas mulheres nesse estudo; através delas, as mulheres puderam “confraternizar com todos os bairros” nos festivais “onde se organizou uma festa de abertura, despertando mais ainda nas alunas o sentido de grupo” (DIADEMA, [1995a], p. 3); “construir coisas juntas” e “ter outros valores na convivência com educadores e alunas” – aprendizagens obtidas pela participação direta das mulheres na “organização de comissões para decisão e elaboração dos objetivos, planejamento e avaliação dos eventos” (DIADEMA, [1995a], p. 4); organizar eventos de ações preventivas de saúde da mulher, “para ser saudável e feliz”. Esse conjunto de ações imprimiu novas expectativas às “Mostras de Ginástica”, em que, também coletivamente, as mulheres produziam novas formas de aparecimento público, para “dançar nas apresentações que estão todas juntas, por que se solta e fica tudo mais bonito”, dizendo que “o corpo é uma festa”.<sup>26</sup>

Dessa forma, engendraram-se novos quadros de socialização e sociabilidades., Pela mediação dessa atividade pública de lazer, as mulheres foram-se apropriando individual e coletivamente da cidade, tornando-a mais humana e cidadã, pois faziam valer o sinal da diferença, “de reelaborar valores ligados ao preconceito”, cravando o sinal do feminino, pois, “nas mulheres em movimento é possível sentir que é uma pessoa”, assegurando o direito à igualdade, “para expressar seus problemas sem envergonhar-se”.

### **Tematização da mulher na esfera pública local**

Em suas considerações sobre o conceito de “subúrbio”, José de Souza Martins (1992) destaca que a história do ABC é uma história masculina, pois “silenciadas foram as mulheres do lugar, reclusas do lar e da vida familiar” (MARTINS, José, 1992, p. 7). O silêncio e o lugar ocupado pela mulher na história local constituem-se em uma das

---

<sup>26</sup> Esse fragmento “o corpo é uma festa” consta de material de divulgação da IV Mostra de Ginástica – Corpo em Movimento, realizada em dezembro de 1995 pelo Departamento de Esporte e Lazer da Prefeitura Municipal de Diadema, gestão 1993/96, onde se lê trecho de um poema de Eduardo Galeano: “[...] A ciência diz: o corpo é uma máquina. A publicidade diz: o corpo é um negócio. O corpo diz: *eu sou uma festa.*”

modalidades de marginalizações ou de inclusões precárias somadas a outras, pois, “que sentido tinha criar filhos, lavar, cozinhar, no subúrbio progressivamente dominado pela especulação econômica, especialmente a imobiliária, que desvaloriza moralmente o trabalho [...]” (MARTINS, José, 1992, p. 7).

Nas décadas de 1980 e 1990, Diadema já não tinha mais o seu cotidiano modulado predominantemente pelos ritmos e estilo de vida do subúrbio. Sua espacialidade urbana vivia os ritmos que alteravam paulatinamente a realidade da periferia para a temporalidade de uma cidade de direitos. Nesse trânsito, as mulheres das camadas populares de Diadema ocuparam papel de destaque, pois foram outros os papéis e o lugar da mulher no processo de transformação da realidade da periferia para a realidade de uma “cidade saudável”, uma “cidade vermelha”, uma cidade de direitos. Segmentos de mulheres de Diadema participaram de mobilizações e organizações ou movimentos populares que lutaram pela conquista de equipamentos coletivos, melhores qualidades de vida, de direitos sociais, pela formulação do Partido dos Trabalhadores (ALMEIDA, 1996).

Os estudos sobre a condição da mulher e a condição feminina realizados nas últimas décadas no Brasil demonstram que, nesse assunto, tratou-se menos de um silêncio por parte das mulheres e mais da historiografia (MATOS, 2000, p. 21), da sociologia e dos estudos sobre o urbano que focalizaram os novos movimentos sociais ou urbanos. Na vida social e no âmbito da História, de acordo com Perrot (1988), “as mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos” (PERROT, 1988, p. 212), outras formas de se relacionar com o poder, de fazer política, tanto no universo da vida privada como na esfera pública.

Tendo recuperado, ainda que brevemente, os diferentes ritmos e temporalidades por que passou a cidade de Diadema, sobretudo a partir dos anos 1980, é possível afirmar que as melhorias na condição de vida conquistadas pelos seus moradores foram obtidas através das lutas sociais que empreenderam os movimentos populares e formas associativas, nos embates que travaram com o Estado e os governos na sua dimensão

local. No interior desses movimentos, as mulheres estavam em cena; a presença feminina foi marcante no cenário das lutas sociais, com suas reivindicações no âmbito dos bairros; pela educação de seus filhos nas creches, na educação infantil, nas escolas de ensino fundamental e médio; pela conquista de melhorias no atendimento público de saúde; nas demandas por saneamento básico; por moradia etc. A participação de muitas delas, no contexto da rede de lutas sociais que foram gestadas no tecido social de Diadema, permitiu a potencialização de suas identidades e da ação coletiva que originou o Mulheres em Movimento.

Da análise dos documentos sobre esse período e a partir do depoimento de algumas das protagonistas do Mulheres em Movimento, é possível inferir um conjunto de ações que deram destaque à tematização da mulher, do lugar e do papel da mulher, e dos seus direitos na esfera pública local. Se, no contexto das lutas sociais que tiveram o espaço citadino de Diadema como cenário, as mulheres emergiam como mães, donas de casa, moradoras ou trabalhadoras que disputavam a conquista de direitos para seus filhos, suas famílias, seus vizinhos, ou para os trabalhadores dos bairros onde moravam, a partir do Mulheres em Movimento há um deslocamento tanto na forma de surgimento das mulheres no espaço público como na forma como elas próprias tematizam a mulher e seus direitos. Com esse sujeito coletivo emerge na esfera pública um discurso feito por mulheres sobre o direito da mulher, o direito ao corpo e ao corpo feminino; um sujeito que tem particulares e necessidades específicas, marcadas pelo signo da diferença, pela diferença de gênero.

Elas entram em cena e reivindicam para si uma atenção e uma atuação, tanto da sociedade como dos governos locais, que leve efetivamente em conta essa nova forma de aparecimento, sua dinâmica, sua complexidade, suas demandas e anseios, no campo da saúde, da cultura, do esporte, do lazer, enfim, da participação social da mulher.

A partir de então, não sem impasses, tensões ou conflitos, os governos da administração municipal investiram em ações públicas voltadas para as mulheres diademenses: organizaram e implementaram os cursos ou grupos de gestantes, que mesmo formulados tendo em vista os interesses da mulher na esfera da saúde

reprodutiva, tiveram como desdobramentos as alternativas de ampliação da participação da mulher na sociedade. As mulheres, ao atuarem nesses cursos organizados nos postos de saúde, ampliaram suas formas de participação e induziram a organização dos clubes de mães.

Inequívocos, também, foram os ganhos obtidos quando os direitos da mulher foram tematizados e problematizados pelos governos da administração local a partir de uma perspectiva de gênero. Esse esforço traduziu-se na formulação e desenvolvimento de políticas públicas que implicaram a institucionalização de projetos e atividades de apoio psicológico, jurídico e de serviço social especificamente direcionados à mulher, independentemente de sua origem socioeconômica, étnica ou de sua condição etária, numa clara compreensão de que há necessidades específicas das mulheres, que precisam ser reconhecidas culturalmente e encaminhadas politicamente.

Esse movimento de produção, ampliação e diversificação das ações públicas produziu novos conflitos e tensões nos planos da cultura e da vida pública na cidade, e imprimiu visibilidade a um conjunto de demandas, desejos e expectativas desse segmento que não pôde mais ser ignorado no espaço-tempo de Diadema. A partir do afirmado, é possível inferir que as mulheres diademenses imprimiram uma rearticulação entre a esfera pública e a esfera privada, ressignificaram a cultura política do local.

No cotidiano das relações sociais na localidade diademense, fortemente marcado pela produção e reprodução da cultura do trabalho e do trabalhador industriais, pelas carências e pela marginalização intrínsecas ao processo de “urbanização patológica”, o sujeito coletivo Mulheres em Movimento circunscreveu um conjunto de ações, demandas, discursos e projetos que, no limite, implicou disputar a cidade e a vida como apropriação e não como propriedade.

Nesse sentido, em suas disputas, as Mulheres em Movimento se “fizeram fazendo a cidade”, pois, com sua presença, com seu protagonismo social, “abriram horizontes”, “indo à luta”, “fazendo o que querem e rompendo com o cotidiano familiar”, “cuidaram de se renovar”. Assim agindo, também cunharam, com seu “movimento”, a cidade, e induziram a realização de ações políticas públicas regidas por outros princípios. Não é a luta por

creches e escolas *para seus filhos*, nem a luta por água, luz, saneamento, transporte, segurança, que, entre outras, *têm retorno para homens e mulheres* e sempre contaram com a presença feminina.

Com essa “saída” do espaço privado para a vida pública, para um outro lugar social, ao produzirem essa identidade coletiva, as mulheres tematizaram, especificamente, suas ações em um novo campo que trouxe outros temas às suas lutas na cidade, que se expressam em nível público e privado. Os depoimentos obtidos de algumas das mulheres protagonistas desse “movimento” permitem-me dizer que a dinâmica de sua produção foi sendo gestada pela ampliação de suas metas para além do universo privado, onde se estruturam as identidades tradicionais de mãe e esposa. Contudo, essa ação coletiva também produziu sua radicalidade no reconhecimento e presença de seus corpos, e direcionou demandas ao campo dos interesses presentes na esfera do lazer e do esporte, enunciando necessidades que entrelaçaram, no tempo e no espaço da cidade, o conhecimento, o afeto, o descanso, o prazer e o desejo.

É no plano do vivido, no nível da prática imediatamente dada, que o corpo, ao se “movimentar de um outro jeito”, “sai mais feliz”, e oferece alternativas para que as particularidades biológicas, fisiológicas, atravessem a História travando lutas que podem fazê-las surgir como diferença. Como corpo, é no uso que a natureza aparece e transparece. Nesse nível, o prazer, o sonho, o desejo dessas mulheres se debateram, e os sentidos da existência propriamente humana, não se deixaram aniquilar, e puderam se insurgir como possibilidade que se funda nas particularidades.

É aí que a luta do feminino, “como particularidade, para se estabelecer como diferença” (SEABRA, 1996, p. 75), permitiu maior fruição, maior uso da condição de mulher.

O “movimento” dessas mulheres combinou múltiplas características do princípio que articulou, ou seja, enunciar a saída da mulher da esfera privada. Porém, em seus inúmeros trajetos e arranjos, ao possibilitar que compartilhassem e concretizassem “fazer amizade que é importante para a dona de casa”, “as coisas que ajudam a ficar alegre”, “conhecer outros lugares da cidade”, não ter “medo de errar”, para “deixar o corpo relaxar”

e “ficar mais solta e feliz”, validou sinais de uma diferença positiva e os dizeres de Perrot (1984), quando esta sublinha que

na cidade, na própria fábrica elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistências – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder enxertada sobre o seu próprio uso do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história. (PERROT, 1988, p. 212)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre o público e o privado,  
o político e o pessoal, os homens e as mulheres,  
as divisões apagam-se e recompõem uma paisagem.

Qual será a paisagem do século que se inicia?  
Que novas partilhas e para qual cidade?

Michelle Perrot

A cidade, dia e noite, é dos homens e não das mulheres. Trabalho e conhecimento, prazer e descanso, aventura e descoberta, compõem uma gramática que pertence aos homens e que é consentida, vez ou outra, às mulheres. Na cidade, espaço sexuado, historicamente a mulher foi criada para a família e para aprender as coisas domésticas, conhecimentos da mãe e dona de casa, função benéfica para a sociedade inteira. No tempo e no espaço da esfera pública atual, essa gramática também se traduz nos direitos e deveres que delineiam a cidadania, também tecem e fazem a opinião pública. Ser um homem público é honra, ser uma mulher pública é a vergonha (PERROT, 1998).

A história da cidadania social e política que compõe a paisagem cidadina, nos fios das tramas que tecem as relações sociais, traz para as mulheres a história da disputa de espaços-tempo, cujas fronteiras vão sendo delimitadas pelo reconhecimento público e poder político. Nos móveis dessa história, seus fios assumiram formas variáveis conforme as épocas, assim como definiram-se diferentes maneiras de geri-los. Desafios, fronteiras movediças em vias de superação, mas ainda muito presentes, pois, para as mulheres, o reconhecimento no espaço público revela-se sempre mais difícil e suspeito (PERROT, 1998).

Construindo uma identidade coletiva a partir de formas associativas diversas, a participação das mulheres, nas suas disputas pela apropriação do direito ao lazer na cidade de Diadema, ao permitir o contato com o mundo “fora da casa”, significou também,

para muitas delas, o enfrentamento dessas “fronteiras movediças”, das reações contrárias no interior do núcleo familiar, principalmente por parte dos “companheiros”.

A saída dessas mulheres do mundo doméstico, ainda que mediada por uma flexibilização na organização do trabalho doméstico, que permite uma organização da vida de acordo com as necessidades de casa (SARTI, 1983), provocou novas percepções, pois, para freqüentarem as atividades, “as coisas de casa ficam atrasadas”, porque “antes não tinha nada disso”: a ginástica, o movimento, o coletivo, as festas, os encontros, as apresentações. As mulheres, nesses novos espaços de participação, nesse outro espaço social, ao tomarem contato com novos saberes, novas informações, “vindo para a sala conversar de tanta coisa”, também provocaram reclamos de rebeldia e estranheza – freqüentemente por parte dos maridos –, sinalizando percepções de estratégias que podem contribuir para a redefinição das relações de poder no nível do privado (PINTO, 1992), pois, ao invés de esmaecerem seus desejos e expectativas, têm reiterado seu caminho na luta, afirmando “ir, fazer e querer”.

O que pude depreender dos relatos oferecidos pelas mulheres é que, em função de suas experiências, começaram a ter percepções e expressões qualitativamente diferenciadas em suas relações cotidianas, que foram fundamentais para redefinir suas próprias relações no nível público e, conseqüentemente, podem refletir na construção de sua identidade de gênero (PINTO, 1992).

Ao vivenciarem essas novas práticas sociais, as mulheres passaram a redimensionar sua própria experiência, construindo novas representações sociais sobre si e sobre o mundo que as cerca, o que as levou à ampliação da consciência de que, como pessoas, “têm direito a ter direitos”, e, no caso específico dessas mulheres, tratou-se do direito ao lazer.

Essas mulheres, tendo em vista suas subjetividades, disputaram a apropriação e o uso da cidade e, nesse sentido, também o direito de definir as atividades com as quais preencheriam seu tempo disponível, ou seja, explicitavam suas necessidades e carências para que pudessem ser “percebidas” pelos gestores das políticas públicas de esporte e

lazer. Decorridos aproximadamente oito anos “daquele tempo em que participavam das aulas no pátio do teatro”, mediante suas ferrenhas disputas, quando também já “sabiam” que não “faziam parte de um grupo pequeno, que havia outras mulheres com as mesmas necessidades”, fizeram incluir na agenda pública do governo local a construção de salas de ginástica: em 1992, a administração municipal providenciou o atendimento a essa demanda, através de um planejamento “emergencial”, uma vez que não havia previsto recursos orçamentários para tais construções.

Nesse sentido, o Mulheres em Movimento e suas protagonistas buscaram resgatar uma dimensão das mulheres que vinha sendo secundarizada nas ações das políticas públicas de esporte e lazer na cidade de Diadema, e também se infiltraram numa trama fundante das relações entre cidade-cidadão-cidadania-democracia (BENEVIDES, 1998).

Ao buscarem viver o presente nas relações sociais e interpessoais, no campo das lutas sociais pela qualidade de vida na cidade de Diadema, essas mulheres não hierarquizaram a disputa pelo direito ao lazer, o direito de caminhar no universo das “mediações simbólicas” e, por que não dizer, de um mundo onde é possível ter sonhos e novas aspirações. Dessa maneira, gestaram mobilizações pelo desejo de serem reconhecidas, de não serem desprezadas nas disputas pelas práticas culturais de lazer.

As demandas que as mulheres produziram na continuidade das disputas pelo direito à participação e fruição das práticas culturais de lazer recriaram um envolvimento em que essas práticas não se condensavam em lógicas de pura reprodução. Frente à indústria cultural do corpo, ao consumo rápido, passivo e conformista de pacotes de lazer, gestaram um movimento que buscou a possibilidade de desenvolver formas culturais e de vida, que constituíram a essência de seus desafios. Essas mulheres conjugaram demandas de reconhecimento cultural nas práticas de lazer, e o apelo ativo, incontestado e respeitoso do tema pessoal (WIEVIORKA, 2002).

Pelo que pude apreender no decorrer desse estudo, a qualidade de vida conquistada pelos moradores de Diadema durante o período de 1983 a 1996, nos mais diferentes planos da vida material e cultural, resultou sobremaneira das ações no âmbito das

relações políticas que se estabeleceram entre as formas associativas de base popular e social e a administração municipal. Em Diadema, em relação às carências específicas das mulheres, as administrações do campo democrático popular realizaram, ao longo do período que busquei analisar, diferentes esforços no sentido de tematizar e contemplar alguns de seus direitos na agenda pública.

Nos arranjos produtores de novas sociabilidades, as mulheres constituíram uma “segunda família”, teceram o Mulheres em Movimento, obtiveram (e obtêm) ganhos, disputando a cidade com novas e enriquecedoras diferenças, porque não foram deixadas no âmbito de “falar por si só”, porque suas demandas e necessidades foram incorporadas nas ações públicas de lazer e esporte na cidade.

Nesse caminho, foram atendidas por determinadas práticas de políticas públicas que, ao considerarem o lazer como umas das dimensões de uma “cidade de direitos”, não se restringiram a um conceito de lazer massificado, e o perspectivaram para além de uma política de atividades (MARCELLINO, 1987; 1996a). Essas ações contribuíram para que fossem criadas condições de continuidade da ação coletiva, incorporando as subjetividades e as demandas de natureza expressiva e os esforços necessários para superar o “todo inibidor” (MARCELLINO, 1983; 1987; 1996a).

Esse processo não significou elaborar políticas públicas de “lazer e participação”, “lazer e saúde”, “lazer e educação”, mas implicou o entendimento amplo do lazer, em termos de democratização cultural e da ação de difusão e formação em seus conteúdos (MARCELLINO, 1987; 1996a). Os fios dessa trama exigiram que estivessem manifestamente considerados os valores da participação e difusão cultural, que se explicita na percepção de “que elas podem constituir um elo de aprendizagens coletivas” e “podem ampliar sua informações nas questões da política, da educação, do lazer e da cultura”.

As demandas das mulheres por formação e participação cultural foram incorporadas pelas ações públicas da política de esporte e lazer na cidade de Diadema, no período de 1993 a 1996, nos ritmos da cidadania cultural. São perceptíveis, nas descrições das

mulheres, a valorização atribuída ao desenvolvimento das diversas atividades individuais e coletivas, demonstrando que as aulas, encontros, mostras de ginástica, bate-papos, debates etc. envolvem questões cotidianas ligadas às suas experiências e, ao mesmo tempo, tratam de representações de gênero, corpo e sexualidade, imagem da mulher nos meios de comunicação, vida reprodutiva, saúde da mulher etc.

Quando se fala em aprender, ainda que se entenda que o aprendizado seja a experimentação das mais variadas possibilidades, dentre as quais as intelectuais, as representações sempre buscam agências institucionais da cidade, tais como escolas, bibliotecas ou até empresas. Em meados da década de 1970, eram aproximadamente cem mulheres que desejavam aprender, trocar experiências e ampliar a convivência ao se apropriarem da cidade pelo seu valor de uso. E, ao inscreverem suas vidas nessas incursões, trouxeram outra possibilidade a seus corpos, de serem cuidadosas, carinhosas, soltas do “espartilho invisível” que aperta e modela tantas mulheres.

Mediadas pela ação pública, elas engendraram um crescimento pessoal, encontrando em seus corpos as mensagens que devem ser escutadas e às quais se pode responder, fazendo emergir interrogações escondidas e potencializando suas descobertas da relação com o outro. Assim, foram adquirindo novos valores, que vinham sendo negados, sobremaneira, pela “gramática que pertence aos homens e que é consentida, vez ou outra, às mulheres”.

Nos relatos oferecidos pelas mulheres a esta pesquisadora, não há desmerecimento da corporeidade, por não serem elas símbolos ou representações do “padrão de beleza”, “jovialidade” e “saúde do corpo”. Há movimentos, há corpos que desejam qualidade de vida, há exigências das mulheres que não desconsideram suas relações com outras situações da vida cotidiana. A ginástica, para essas mulheres, faz “melhorar no coração e na cabeça, por causa das coisas que se aprende e começa a fazer”, “sentir ficar mais alegre para seguir em frente, ajudando os outros”, e assim “vai ajudando você também”, a “querer ter mais vontade e um jeito de ter uma vida nova”.

Atualmente, mais de 4 mil mulheres que participam da vida na cidade pela mediação do Mulheres em Movimento são a base desse processo de aprendizado, afirmando que as atividades de esporte e lazer possibilitam desenvolver identidades e suas potencialidades individuais e coletivas; elas afirmam que educar pode ser ensinar a conjugar o conhecimento e a emoção, para a descoberta das diferenças que desconstruem no próprio corpo a naturalização do fato social, e que isto serve para todos, homens e mulheres.

Apelar para que as políticas públicas de lazer levem em conta as necessidades de gênero no contexto urbano é uma das importantes vias para a reafirmação de valores e princípios como dignidade humana, justiça, equidade, solidariedade, parceria/cooperação e participação efetiva (PINTO, 1992). É também apostar na cidade como possibilidade de vivência cultural e educativa.

A busca e a motivação propulsoras dessa participação no Mulheres em Movimento foi o desejo de romper com os “sufocantes” limites da vida privada em que essas mulheres se sentem vivendo, essencialmente, o tempo de (e para) “outros”. Dessa forma, pode perceber que a motivação para a sua participação nessa prática social não se encontrava assentada numa relação direta entre um conjunto de necessidades e respectivas alternativas de enfrentamento, tais como a disputa por creches, escolas, transporte etc, mas foi articulada a partir de um conjunto de fatores que tem como *locus*, inequivocamente, a esfera da vida privada, onde também são tecidas permanentemente suas identidades. Essas mulheres passaram por mudanças individuais e produziram uma identidade coletiva, com o apoio das ações públicas municipais de lazer.

Nesse sentido, há uma grande importância em considerar essa identidade coletiva, pois, desde sua constituição, vem contribuindo para a ampliação da participação social da mulher na cidade de Diadema, e tem significado a ampliação da esfera pública local e contribuições para a redefinição do mundo privado, o que “[...] não significa [dizer] que se fundiram as esferas do público e do privado ou que seus limites tornaram-se indefinidos, mas que se adquire a capacidade de transitar mais livremente entre elas” (MOTTA, 1993, p. 418).

Pelo que pude depreender dos seus relatos, o trânsito entre essas esferas pode favorecer as mulheres na construção de novas sociabilidades e identidades, pois, no *Mulheres em Movimento*, elas se descobriram como novas pessoas, sujeitos, agentes; elas se modificaram, indo de uma atitude mais passiva para outra mais segura, para um comportamento de independência, que podem ser olhados como passos na direção à emancipação. Na ginástica, “essa história que têm para contar”, das festas, das danças, dos encontros, dos passeios, e porque falam das coisas que vêm acontecendo na vida e na cidade “e que dá vontade de escrever um livro”.

Elas são muitas, que aqui passaram pelas subjetividades de Elza, Francisca, Diná, Maria, Joana. Abrindo as portas de suas casas, juntam-se todos os dias. Juntas descobrem, em suas buscas, o significado humano da invenção de sentidos, a utopia do “respeito mútuo e da generosidade recíproca”, a educação que se pode obter nas relações sociais que se dão no interior de uma cidade, também ela em movimento.

É vida. Belas, essas mulheres, belo o seu “movimento”; belo, indefinido e inesgotável o movimento da cidade!

“(...)

- Belo porque tem do novo  
a surpresa e a alegria.
- Belo como a coisa nova  
na prateleira até então vazia.
- Como qualquer coisa nova  
inaugurando o seu dia.
- Ou como o caderno novo  
quando a gente principia.

(...)”<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina*. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A. , 1994, p.201.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Elmir de. **Subúrbio, política cultural e identidades coletivas juvenis: mediações de Diadema**. 315 f. Dissertação (Mestrado em Didática, Teoria de Ensino e Práticas Escolares)–Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Política pública para a juventude: proposta para uma “moderna condição juvenil”**. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_. et al. **Juventude, escolarização e poder local no ABC: relações entre Estado e sociedade**. Santo André. 2004. Mimeografado.
- ARELARO, Lisete Regina Gomes. Apresentação. **Diadema: Uma Cidade de Direitos**, Diadema, n. 1, p. 3, set. 1995.
- \_\_\_\_\_. Apresentação. In: **DIADEMA**. Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Lazer. **Investir em gente é que faz a diferença**. Diadema, 1996. p. 1.
- BENEVIDES, Maria Victória de M. O desafio da educação para a cidadania. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 104, jul. 1998.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia, confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A teoria dos campos. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155.
- \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. A ciência do real. Entrevista realizada por Juremir Machado da Silva. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 fev. 1999. Caderno Mais!, p. 7.
- BOURDIEU Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRANT, Vinicius Caldeira. Da resistência aos movimentos sociais: a emergência das classes populares em São Paulo. In: SINGER, J. P.; BRANT, V. C. (Org.). **São Paulo: o povo em movimento**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 150 p.

\_\_\_\_\_. **Palomar**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAPALBO, Creuza. **Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schultz**. Rio de Janeiro: Antares, 1979.

CARDOSO, Ruth. Movimentos sociais: balanço crítico. In: SORJ, Bernard; ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de (Org.). **Sociedade e política no Brasil pós-64**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CHAUÍ, Marilena. Merleau-Ponty – vida e obra. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. **Merleau-Ponty: textos escolhidos**. Seleção de textos: Marilena Chauí. Tradução e notas: Marilena de Souza Chauí, Nelson Alfredo de Aguiar e Pedro de Souza Moraes. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores)

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2003.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

COELHO JÚNIOR, Nelson; CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência**. São Paulo: Escuta, [ca. 1992]. 113 p.

DAGNINO, Evelina. **Os movimentos sociais e a construção da democracia no Brasil: tendências recentes**. Paper. Jul. 1999. Disponível em: <<http://www.his.latrobe.edu.au/jilas/journal/vol17.1dagnino.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2003.

DIADEMA. **Saúde Diadema**: revista do Departamento de Saúde e Higiene, Diadema, dez. 1983. Consultado em jan. 2004 no arquivo do Centro de Memória da Prefeitura de Diadema.

DIADEMA. **Boletim Informativo Municipal**. Balanço da gestão. Diadema, fev. 1986. Edição especial. Consultado em jan. 2004 no arquivo do Centro de Memória da Prefeitura de Diadema.

DIADEMA. **Boletim Informativo Municipal**. Avaliação da gestão. Diadema, dez. 1988. Consultado em jan. 2004 no arquivo do Centro de Memória da Prefeitura de Diadema.

DIADEMA. **Gestão 1989-1992**. Diadema, 1989, p. 2. Mimeografado.

DIADEMA. **Diretrizes e princípios da gestão 1989/1992**. Diadema, 1991. Mimeografado.

DIADEMA. **Avaliação da gestão 1989/1992**. Diadema, 1992a. Mimeografado.

DIADEMA. **Boletim informativo do projeto Pé na Rua**. Diadema, mar. 1992b. Arquivo do Centro de Memória da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, gestão 2000-2004.

DIADEMA. **Boletim informativo do projeto Pé na Rua**. Diadema, jul. 1992c. Arquivo do Centro de Memória da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, gestão 2000-2004.

DIADEMA. Departamento de Esporte e Lazer. **Projeto Mulheres em Movimento: festival**. Diadema, [1995a]. Arquivo do Centro de Memória da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, gestão 2000-2004. Mimeografado.

DIADEMA. Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Lazer. **Diadema, uma Cidade de Direitos**, Diadema, n. 1, p. 3, set. 1995b.

DIADEMA. **A alegria do povo**. **Diadema: revista trimestral da Prefeitura Municipal de Diadema**, Diadema, ano 1, n. 3, dez. 1996a.

DIADEMA. **A história da cidade**. **Diadema: revista trimestral da Prefeitura Municipal de Diadema**, Diadema, ano 1, n. 3, dez. 1996b.

DIADEMA. **Cidadania cultural**. **Diadema: revista trimestral da Prefeitura Municipal de Diadema**, Diadema, ano 1, n. 3, dez. 1996c.

DIADEMA. **Conquistando novos espaços**. **Diadema: revista trimestral da Prefeitura Municipal de Diadema**, Diadema, ano 1, n. 3, dez. 1996d.

DIADEMA. **Fazendo gênero**. **Diadema: revista trimestral da Prefeitura Municipal de Diadema**, Diadema, ano 1, n. 3, dez. 1996e.

DIADEMA. **Gabinete do prefeito**. **Diadema Centro Cultural**. Diadema, dez 1996f. p. xvii.

DIADEMA. **Integração e cidadania**. **Diadema: revista trimestral da Prefeitura Municipal de Diadema**, Diadema, ano 1, n. 1, maio 1996g.

DIADEMA. **Investindo em gente**. **Diadema: revista trimestral da Prefeitura Municipal de Diadema**, Diadema, ano 1, n. 3, dez. 1996h.

DIADEMA. **Quem decide é a população**. **Diadema: revista trimestral da Prefeitura Municipal de Diadema**, Diadema, ano 1, n. 3, p. 28, dez. 1996i. [cap. 2 p. 23]

DIADEMA: **revista trimestral da Prefeitura Municipal de Diadema**, Diadema, ano 1, n. 3, dez. 1996j.

DIADEMA. Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Lazer. Assessoria de Assuntos Comunitários. Uma luta com tradição. **Diadema: educação em movimento**, Diadema, n. 2, dez. 1996l.

DIADEMA. Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Lazer. Da pré-escola à educação infantil: a construção de um direito e de uma concepção de educação. In: \_\_\_\_\_. **Investir em gente é que faz a diferença**. Diadema, 1996m.

DIADEMA. Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Lazer. Esporte e Lazer. In: \_\_\_\_\_. **Investir em gente é que faz a diferença**. Diadema, 1996n. p. 42-52.

DIADEMA. Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Lazer. **Investir em gente é que faz a diferença**. Diadema, 1996o.

DIADEMA JORNAL. Diadema, 23 dez. 1989. Arquivo do Centro de Memória da Secretaria de Educação, Cultura Esporte e Lazer, gestão 2000-2004.

**DIRIGENTES DE CLUBES RECLAMAM DE FALTA DE PRAÇAS ESPORTIVAS**. **Diadema Jornal**, Diadema, p. 7, 5 abr. 1989.

**DIVISÃO DE ESPORTES FAZ BALANÇO DO ANO ESPORTIVO NO MUNICÍPIO**. **Diadema Jornal**, Diadema, p. 15, 23 dez. 1989.

DREYS, Kátia Ramos; PIQUINI, Leyla; NOGUEIRA, Maria Aparecida. **Mulheres em movimento: programa de ginástica feminina desenvolvido na prefeitura de Diadema**. Diadema, 1996. Apostila.

FILIPPI JÚNIOR, José de. Entrevista: Diadema cada dia melhor. **Diadema: revista trimestral da Prefeitura Municipal de Diadema**, Diadema, ano I, n. 3, p. 62-63, dez. 1996.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário de Ciências Sociais**. São Paulo: Fundação de Assistência ao Estudante do MEC, 1986.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Unesp, 1993.

GOMES, Marineide Oliveira. **As creches na trajetória de governos democráticos: a experiência de Diadema-SP. 1983-1996**. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

INVASÃO DO BURACO DO GAZUZA FOI O FATO MAIS IMPORTANTE DO ANO. *Diadema Jornal*, Diadema, p. 7, 24 jan. 1990. Consultado em jan. 2004 no arquivo do Centro de Memória da Prefeitura de Diadema.

KECK, Margareth E. *A lógica da diferença: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira*. São Paulo: Ática, 1991, 336 p.

KUNS, Maria do Carmo S. *Quando a diferença é um mito: análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física*. Florianópolis: UFSC, 1993.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Urupês, 1969. 133 p.

LINHALES, Meily Assbú. *A trajetória política do esporte no Brasil: interesses e impasses envolvidos, setores excluídos*. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas)– Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e humanização*. Campinas: Papyrus, 1983.

\_\_\_\_\_. *Lazer e educação*. Campinas: Papyrus, 1987. 164p.

\_\_\_\_\_. *Lazer, uma questão urbana*. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, CULTURA, ESPORTE E LAZER, 3. Diadema, set. 1996a. Mimeografado.

\_\_\_\_\_.(Org.). *Políticas públicas para o lazer: o papel das administrações municipais*. Campinas: Autores Associados, 1996b.

MARQUES, Eduardo César; BICHIR, Renata M. Estado e espaço urbano: revisitando criticamente as explicações sobre as políticas públicas urbanas. *Revista Sociologia e Política*, São Paulo, n. 16, jun. 2001.

MARTINS, Joel. *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como *poiésis**. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Educ, 1989.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio, vida, cotidiano, história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da República Velha.** São Paulo: Hucitec; Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

\_\_\_\_\_. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala.** São Paulo: Hucitec, 2000. 210 p.

\_\_\_\_\_. Periferia revisitada: depoimento. **Revista de Estudos Regionais e Urbanos**, São Paulo, ano XVII, n. 42, 2001, p. 75-84.

MATOS, Maria Izilda de Souza. **Por uma história da mulher.** Bauru; São Paulo: Edusc, 2000.

MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida Severina. In: **Obra Completa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A. , 1994.

MELUCCI, Alberto. **Il gioco dell'io: cambiamento di sé in una società complesse.** Bolonha: Feltrinelli, 1991.

\_\_\_\_\_. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Tradução de R. di Piero. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, número especial, p. 134-150, maio/dez. 1997.

MOTTA, Alda Britto da. Familiarizando (-se com) o público e politizando o privado. In: XIMENES, Tereza (Org.). **Novos paradigmas e realidade brasileira.** Belém: Ufpa, 1993.

NAKANO, Marilena. **Jovens: vida associativa e subjetividade – um estudo dos jovens do Jardim Oratório.** 1995. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia)–Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

O QUE OS CUBANOS DIRÃO DO DISTRITAL DE PIRAPORINHA. **Diadema Jornal**, Diadema, p. 8, 9 maio 1989.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **Mulheres públicas.** São Paulo: Vunesp, 1998.

PINTO, Celi R. J. Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

POCHMANN, M.; AMORIM, R. (Org.). **Atlas da exclusão social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.

REVISTA MUNICÍPIOS DO BRASIL, História de Diadema, Diadema, ano II, n. 18, dez. 1989.

ROLNIK, Sueli. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988. 87 p.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 327p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996. 308 p.

SARTI, Cinthia. **Cotidiano feminino, lugar dos outros**. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 7. Águas de São Pedro, 1983. p. 77. Mimeografado.

SCHULTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schultz**. Organização e introdução Helmut Wagner. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **A insurreição do uso**. In: MARTINS, José de Souza. (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 71-86.

SIMÕES, Julio Assis. **O dilema da participação: a etnografia de um caso**. São Paulo: Anpocs; Marco Zero, 1992. 170 p.

SOUZA, Eustáquia Salvadora de. **As relações de gênero na Educação Física**. *Revista do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher*, Uberlândia, ano III, v. 3, n. 1-2, jan./dez.1996. Caderno Espaço Feminino, p. 79-96.

SOUZA NETO, João Clemente. **Do menor a cidadão: filantropia, genocídio, políticas assistenciais**. São Paulo: Nuestra América; 1993.

SPOSITO, Marília Pontes. **A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares.** São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993. 398 p.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1994.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VENÂNCIO, Silvana. **Educação física para portadores do HIV.** 1994. Dissertação (Doutorado em Psicologia da Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

VIANNA, Claudia. **Os nós dos “nós”: crise e perspectiva docente da ação coletiva em São Paulo.** São Paulo: Xamã, 1999.

VIVIESCAS, Fernando. Identidade municipal e cultura urbana. **Espaço e Debate**, n. 24, p. 55-65, 1998.

WIEVIORKA, Michel. **Mouvements et antimouvements sociaux de demain.** In: COLLOQUE EN HOMAGE À ALBERTO MELUCCI. Milão, 11-12 out. 2002. Mimeografado.

**ANEXO**

\*

## Anexo I

### A CONSTITUIÇÃO DOS DADOS

As descrições foram obtidas após a realização da pergunta: **Para você, o que é buscar “Mulheres em Movimento” ?**

Seguido a cada uma das descrições, os “achados das mulheres”, serão apresentadas as **Unidades de Significado, Reduções Fenomenológicas, Convergências no Discurso e Análises Ideográficas** e, por fim, o quadro geral de **Análise Nomotética** que ofereceu as grandes categorias para discussão.

#### 1. OS ACHADOS DAS MULHERES :

Sujeito n.1

Descrição n. 1

Bom, eu fui procurar o mulheres em movimento numa época em que eu mudei para Diadema e, uma amiga já fazia e, me indicou. Eu fui, fiquei, e estou até hoje, já vai fazer 17 (dezesete) anos que eu estou no mulheres em movimento, não tenho vontade de sair, portanto eu mudei para São Paulo e continuo fazendo ginástica e, [ 1 é uma coisa assim, que eu, se eu não vier, se eu não vir na ginástica eu não ..., o meu dia não foi completo], foi assim um dia chato. O dia que eu falto é o pior dia que tem, mas ..., eu estou levando tenho, [ 2 muitas amigas], tenho [ 3 convivência com todo tipo de gente, branco, preto, japonesa, chinesa, chilena, e, as amigas da gente é assim], uma coisa assim, para mim, a ginástica para mim é uma, [ 4 minha segunda família]. Eu estou levando assim, as coisas assim, e, as pessoas me perguntam: “ mas como que você consegue ?” e eu falo, olha gente, você entrando aqui você não consegue sair mais, porque [ 5 é uma família], [ 6 é amigos que você arruma], é gente que tem problema e você [ 7 ajuda aquela amiga, a outra te dá um conselho], você dá um [ 8 conselho para a sua amiga], e a [ 9 amizade] que a gente tem, o [ 10 carinho com todo mundo], professor, com todo mundo. Então a ginástica para mim, assim, se chegar a acabar, eu ..., sinceramente, pode me aposentar porque eu já estou ..., não vou me sentir velha mas, eu vou ficar bem encostada, porque olha ..., tem ..., nem sei assim, que a gente pensa que vai fazer, falta, aí, tem gente que fala assim: “Ah! eu entrei e não me habituei” , e eu falo, olha se você [ 11 gostar do que você faz], você vai, não consegue sair, [ 12 porque é muito bom], muito bom mesmo, [ 13 mexe, você é ..., é perna, é braço, é cabeça, é problema de coluna], você ..., o que você tem ali, você chega lá, é [ 14 igual um consultório médico], você sara, [ 15 fica

boa, não sente mais nada], e olha ..., falar da ginástica para mim é assim, é uma história que eu tenho para contar. Inclusive eu até falei que ia fazer um livro sobre a ginástica, porque é coisas que vêm acontecendo comigo, e eu fui fazendo, sei lá, fui ..., eu freqüento ela, por ..., mais assim, meu dia-a dia é ir lá dois dias por semana e, o resto da semana eu trabalho fora mas olha, chegou quarta e sexta-feira, se falar: " não tem ginástica", eu já fico triste porque, é uma coisa assim ..., não dá para explicar direito, assim, o que que é, cada um tem o seu sentimento né, e o meu é esse, e eu ..., eu acho que as mulheres em movimento, elas precisavam se reunir como antigamente, a gente se reunia, batia papo, discutia as coisas e depois levava na sala de aula. Agora, tem ..., agora as coordenadoras, que cada uma faz isso, que a gente fazia e, leva para as alunas, agora não fica aquelas, as alunas tem que sair, cada uma para o seu ..., não, agora todo mundo se reúne, a coordenadora passa tudo o que aconteceu durante a semana, e você chega lá, você já tem a coordenadora para te explicar tudo, e você não precisa se mover para nada e ..., para mim, eu acho, eu fico contente com as coisas porque tem meninas que entram, que estão lá, bem ..., bem mais nova do que eu, que falam para mim olha, eu, arrumei [ 16 uma segunda casa ], arrumei [17 uma segunda família], porque olha,[ 18 conviver com vocês], foi, acho que a [ 19 melhor coisa que aconteceu] na minha vida, aí você pergunta: porque ? "Ah! porque vocês são ..., são [ 20 irmãs, são ..., é mãe, é tudo aqui], aqui não tem ninguém, com [ 21 preconceito de nada, nem racismo ], não tem ninguém, quando você ..., para você ter uma idéia, as meninas que tem tido problemas com família, perdeu o pai, perdeu o filho, elas vão na ginástica buscar o quê ? – [ 22 buscar paz] , é ... [ 23 conversar] , ter [ 24 mais amizade], ter mais [ 25 carinho], porque quando tem uma pessoa que tem problema, chega outra e pergunta; o que que aconteceu que você tá triste ? – aí você [ 26 desabafa] , vem aquela lá, vem [ 27 a mãe conselheira, o pai conselheiro] , em fim, é tudo isso que ..., que eu tenho para falar da ginástica.

<b>UNIDADES DE SIGNIFICADO</b>	<b>REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA</b>
1) não vir na ginástica eu não, o meu dia não foi completo	1) Mulheres em movimento como ginástica e como forma de completar o dia
2) muitas amigas	2) Encontrar muitas amigas
3) convivência com todo tipo de gente, branco, preto, japonesa, chinesa, chilena	3) Conviver com todo o tipo de gente
4) minha segunda família	4) Encontrar a segunda família
5) é uma família	5) Encontrar nas Mulheres em movimento uma família
6) é amigos que você arruma	6) Participar para arrumar amigos
7) ajuda aquela amiga, a outra te dá um conselho	7) Participar das Mulheres em movimento para poder ajudar amiga e receber conselho
8) conselho para a sua amiga	8) aconselhar amiga
9) amizade	9) Ter amizade
10) carinho com todo mundo	10) Ter carinho com todo mundo
11) gostar do que você faz	11) Participar das Mulheres em movimento é gostar do que faz
12) porque é muito bom	12) Participar é encontrar algo bom
13) mexe, você é, é perna, é braço, é cabeça, é problema de coluna	13) Participar das Mulheres em movimento como forma de mexer o corpo e tratar de problemas na coluna
14) igual um consultório médico	14) Mulheres em movimento é um consultório médico
15) fica boa, não sente mais nada	15) Mulheres em movimento como forma de ficar boa
16) uma segunda casa	16) Encontrar uma segunda casa
17) uma segunda família,	17) Encontrar uma segunda família
18) conviver com vocês	18) Encontrar a convivência com outros
19) melhor coisa que aconteceu na minha vida	19) Encontrar a melhor coisa na vida
20) irmãs, são é mãe, é tudo aqui	20) Mulheres em movimento para encontrar irmãs, mãe
21) preconceito de nada, nem racismo	21) Por não encontrar preconceito nem racismo
22) buscar paz	22) Procura paz nas mulheres em movimento
23) conversar	23) Procura para conversar
24) ter mais amizade	24) Participar para ter mais amizade
25) ter carinho	25) Participar para ter carinho
26) desabafa	26) Mulheres em movimento para desabafar
27) a mãe conselheira, o pai conselheiro	27) Forma de encontrar conselhos de mãe e pai

CONVERGÊNCIAS NO DISCURSO	UNIDADES DE SIGNIFICADO INTERPRETADAS
<p><b>Cuidar do corpo</b>  1. mulheres em movimento como ginástica e forma de completar o dia. (1) Participar das Mulheres em movimento como forma de mexer o corpo e tratar de problemas na coluna. (13) Mulheres em movimento é um consultório médico. (14) Mulheres em movimento como forma de ficar boa. (15)</p>	<p><b>Cuidar do corpo</b>  1. Fazer ginástica, como uma forma de mexer, cuidar de problemas na coluna, movimentar o corpo e trata-lo como num consultório médico, para desta forma ficar boa.</p>
<p><b>Constituir novas possibilidades de interações sociais ampliando os significados afetivos e construindo outros valores éticos</b>  2. encontrar muitas amigas.(2) participar para arrumar amigos.(6) ter amizade. (9) ter carinho de todo mundo (10) encontrar a convivência com outros. (18) Conviver com todo o tipo de gente. (3) Por não encontrar preconceito nem racismo (21) procura paz nas mulheres em movimento (22) procura para conversar.(23) participar para ter mais amizade. (24) participar para ter carinho. (25)</p>	<p><b>Constituir novas possibilidades de interações sociais ampliando os significados afetivos e construindo outros valores éticos</b>  2. Obter na convivência com outros, a ampliação dos vínculos sociais simbolizados pela amizade, participando da circulação das trocas afetivas e da reelaboração de valores éticos e políticos para si e para os outros.</p>
<p><b>Reconhecer-se em outro grupo reelaborando papéis e compartilhando necessidades</b>  3. encontrar a segunda família. (4) encontrar nas mulheres em movimento uma família. (5) Participar das Mulheres em movimento para poder ajudar amiga e receber conselho. (7) aconselhar amiga. (8) Participar das mulheres em movimento é gostar do que faz . (11) participar é encontrar algo bom. (12) encontrar uma segunda casa. (16) encontrar a segunda família. (17) encontrar a melhor coisa da vida. (19) mulheres em movimento para encontrar irmãs, mãe. (20) mulheres em movimento para desabafar. (26) forma de encontrar e receber conselhos de mãe e pai (27)</p>	<p><b>Reconhecer-se em outro grupo reelaborando papéis e compartilhando necessidades</b>  3. Constituir um outro grupo para interagir, reelaborando papéis oriundos dos vínculos do grupo primário (família), e compartilhar suas necessidades de expressar sentimentos, atribuindo valores positivos às possibilidades de trocas.</p>

## **ANÁLISE IDEOGRÁFICA**

### **SUJEITO 1.**

Participar do “Mulheres em Movimento” significa cuidar do corpo através da ginástica e tratá-lo como num consultório médico, para ficar boa. É uma convivência com outras pessoas que amplia suas amizades e favorece trocas afetivas, possibilitando reelaborar valores éticos ligados ao preconceito, constituindo um novo grupo para interagir, reelaborar papéis e valores oriundos do grupo primário (família) e compartilhar suas necessidades de expressar sentimentos, e atribuir valores positivos às inúmeras possibilidades de trocas.

## Sujeito n.2

### Descrição n.2

Eu passei e vi um cartaz, uma amiga tinha falado [ 1 fazia um tempo que eu queria conhecer, não podia antes] ,mas um dia vi umas pessoas saindo da sala e perguntei , daí vim].Já faz um tempinho, 7, 8 anos, depois que vim a primeira vez nunca mais sai,[ 2 é bom aprender a se soltar mais], [ 3 todo mundo junto fica mais fácil não dá vergonha], [ 4 e você faz amizade que é importante para a mulher , assim, a gente,dona de casa], que só fica lá, então [5 vem para a sala e conversa de tanta coisa] e ainda [ 6 movimentava o seu corpo de um outro jeito que sai mais feliz]. É [ 7 um jeito de ter uma alegria extra, assim, para poder chegar e olhar nas coisas da casa, dos filhos] , [ 8 você faz amigas que são suas e todas contam seus problemas, não dá vergonha de falar se tem problema, por isso acho que a gente fica feliz, eu fico feliz] .Quando faz uma dança sabe, [ 9 daquelas dança que a gente faz e todas apresentam junto, eu gosto a gente se solta e tudo fica certo, é muito bonito] . [ 10 Não tive mais dores nas costas que ia tanto no médico e não descobria] [ 11 a dor passou acho que foi da ginástica, pra relaxar é muito bom], você também [ 12 esquece um pouco se tá difícil naquele dia porque tem dificuldade na vida de todo mundo ,mas da gente, eu penso que dona de casa é mais difícil, ficar olhando as coisas que faltam para o marido, os filhos] e [ 14 quem vai olhar para mim ].Aqui, [ 14 nas mulheres eu sinto que eu sou uma pessoa também] .Não quero nunca faltar, eu gosto do [ 15 passeio que a gente faz de vez em quando para conhecer lugares],[ 16 quando cheguei aqui eu só pensava nas dores que tinha , parecia que o corpo todo ficava difícil todo dia], mas só [ 17 aprendi aqui, eu aprendi coisas novas que não sabia] . As [ 18 amigas são muito divertidas e ajudam a soltar] , eu acho que [ 19 encontrei uma outra família , elas ajudam, a professora é amiga também] , [ 20 tem problema que só conto aqui]. Por isso [ 21 acho que é essa alegria, sabe,né, que eu não tinha]. Já de [ 22 ficar sem as dores eu melhorei] ,mas [ 23 dá alegria se soltar]. Para mim é isso que eu vejo aqui e [ 24 fiz muitas amizades,] [ 25 eu era muito presa, tinha

medo de tudo de por exemplo fazer uma coisa e errar ],daí eu [ 26 faço ginástica ,mas acho que não é só ginástica assim para o corpo, é para a minha mente que ela faz bem,a mente solta assim junto com meu corpo e eu fico feliz] . Depois que eu vim para cá eu [ 27 encontrei mais amizades], [28 antes era só problema do marido, dos filhos, e quando os filhos casam?] Então eu achei bom,[ 29 achei aqui as coisas que só em casa não ia achar]. [ 30 Tem festa de aniversário, passeio, tem dia que para o final de semana junta umas e vamos com a professora, ela que movimenta isso pra gente, vamos passear, quando chega no lugar é aquela festa]. Até todo mundo em casa estranha, que [ 31 às vezes as coisas de casa é que ficam atrasadas, porque antes não tinha nada disso, mas eu gosto, deixo as coisas de casa esperando, e não largo, de jeito nenhum daqui], acho que é isso.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA
1) fazia um tempo que eu queria conhecer, não podia antes	1) algo queria conhecer antes mas não pode
2) é bom aprender a se soltar mais	2) aprender a se soltar mais
3) todo mundo junto fica mais fácil não dá vergonha	3) fazer todo mundo junto para não dar vergonha
4) e você faz amizade que é importante para a mulher, assim, a gente, dona de casa	4) fazer amizade é importante para dona de casa
5) vem para a sala e conversa de tanta coisa	5) vir para conversar de tanta coisa
6) movimentar o seu corpo de um outro jeito que sai mais feliz	6) movimentar o corpo de um outro jeito que sai mais feliz
7) um jeito de ter uma alegria extra para poder chegar e olhar nas coisas da casa, dos filhos	7) um jeito de ter uma alegria extra para chegar em casa e olhar nas coisas dos filhos
8) você faz amigas que são suas e todas contam seus problemas, não dá vergonha de falar se tem problema, por isso acho que a gente fica feliz, eu fico feliz	8) ficar feliz em fazer amigas que são suas e não ter vergonha de contar problemas
9) daquelas dança que a gente faz e todas apresentam junto, eu gosto a gente se solta e tudo fica certo, é muito bonito	9) participar das danças nas apresentações que todas estão juntas, porque se solta e fica tudo muito bonito
10) Não tive mais dores nas costas que ia tanto no médico e não descobria	10) não sentir mais dores nas costas
11) a dor passou acho que foi da ginástica, pra relaxar é muito bom	11) para relaxar com a ginástica
12) esquece um pouco se tá difícil naquele dia porque tem dificuldade na vida de todo mundo, mas da gente, eu penso que dona de casa é mais difícil, ficar olhando as coisas que faltam para o marido, os filhos	12) esquecer um pouco a dificuldade daquele dia, uma vez que para a dona de casa é mais difícil pois fica olhando as coisas que faltam para marido e filhos
13) quem vai olhar para mim	13) olhar para si
14) nas mulheres eu sinto que eu sou uma pessoa também	14) nas mulheres em movimento sente que é uma pessoa
15) passeio que a gente faz de vez em quando para conhecer lugares	15) para fazer passeios e conhecer lugares
16) quando cheguei aqui eu só pensava nas dores que tinha, parecia que o corpo todo ficava difícil todo dia	16) só pensava em dores, parecia que o corpo ficava difícil todo dia
17) aprendi aqui, eu aprendi coisas novas que não sabia	17) aprender coisas novas que não sabia
18) amigas são muito divertidas e ajudam a soltar	18) encontrar amigas divertidas que ajudam a se soltar
19) encontrei uma outra família, elas ajudam, a professora é amiga também	19) encontrou uma segunda família, com ajuda das outras participantes e da professora amiga também
20) tem problema que só conto aqui	20) único lugar no qual conta alguns problemas
21) acho que é essa alegria, sabe, né, que eu não tinha	21) uma alegria que não tinha

<b>(cont) UNIDADES DE SIGNIFICADO</b>	<b>REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA</b>
22) ficar sem as dores eu melhorei	22) ficar sem dores e melhorar
23) dá alegria se soltar	23) a alegria de se soltar
24) fiz muitas amizades	24) fazer amizades
25) eu era muito presa, tinha medo de tudo de por exemplo fazer uma coisa e errar	25) antes era presa, tinha medo de errar
26) faço ginástica ,mas acho que não é só ginástica assim para o corpo, é para a minha mente que ela faz bem,a mente solta assim junto com meu corpo e eu fico feliz	26) faz ginástica e sente que solta a mente junto com o corpo e fica feliz
27) encontrei mais amizades	27) encontrar mais amizades
28) antes era só problema do marido, dos filhos, e quando os filhos casam?	28) antes era só problema de marido e filhos
29) achei aqui as coisas que só em casa não ia achar	29) encontrar coisas que se ficasse só em casa não encontraria
30) Tem festa de aniversário, passeio, tem dia que para o final de semana junta umas e vamos com a professora, ela que movimenta isso pra gente, vamos passear, quando chega no lugar é aquela festa	30) Participar de festas, passeios juntas
31) às vezes as coisas de casa é que ficam atrasadas, porque antes não tinha nada disso, mas eu gosto, deixo as coisas de casa esperando, e não largo, de jeito nenhum daqui	31) gostar de poder deixar as coisas por fazer, mesmo que atrasadas, esperando em casa, pois antes não tinha nada disso

CONVERGÊNCIAS NO DISCURSO	UNIDADES DE SIGNIFICADO INTERPRETADAS
<p><b>Reconhecer-se num espaço público e no fortalecimento da auto percepção constituir autoimagem positiva</b></p> <p>1. queria conhecer antes mas não pode.(1) Esquecer um pouco a dificuldade daquele dia, uma vez que para a dona de casa é mais difícil pois fica olhando as coisas que faltam para maridos e filhos (12) olhar para si (13) nas mulheres em movimento sente que é uma pessoa (14) encontrar amigas divertidas que ajudam a se soltar (18) antes era só problema de maridos e filhos (28) gostar de deixar as coisas por fazer, mesmo que atrasadas, esperando em casa, pois antes não tinha nada disso (31)</p>	<p><b>Reconhecer-se num espaço público e no fortalecimento da auto percepção constituir autoimagem positiva</b></p> <p>1. Participar de aprendizagens num espaço que ensina a cuidar de si, fortalece a auto percepção e reelaboração de uma autoimagem positiva através das interações com outras mulheres, fora da esfera da rotina das tarefas domésticas.</p>
<p><b>Constituir novas possibilidades de interações sociais ampliando os significados afetivos e construindo outros valores éticos</b></p> <p>2. fazer amizade é importante para a dona de casa (4) Vir para conversar de tantas coisas (5) um jeito de ter uma alegria extra para chegar em casa e olhar nas coisas dos filhos (7) ficar feliz em fazer amigas que são suas e não ter vergonha de contar problemas (8) o único lugar no qual conta alguns problemas (20) fazer amizades (24) encontrar mais amizades (27)</p>	<p><b>Constituir novas possibilidades de interações sociais ampliando os significados afetivos e construindo outros valores éticos</b></p> <p>2. Participar das Mulheres em movimento é construir uma experiência de convivência com outros, que permite a ampliação dos vínculos sociais com significados afetivos simbolizados pelas amizades, que busca para expressar os seus problemas sem envergonhar-se.</p>

<p><b>Cuidar do corpo</b>  3. aprender a se soltar mais (2) fazer todo mundo junto para não dar vergonha (3) Movimentar o corpo de um outro jeito que sai mais feliz (6) participar das danças nas apresentações que todas estão juntas, por que se solta e fica tudo muito bonito (9) Não sentir mais dores nas costas (10) para relaxar com a ginástica (11) só pensava em dores, parecia que o corpo ficava difícil todo dia (16) ficar sem dores e melhorar (22) a alegria de se soltar (23) antes era presa tinha medo de errar (25) faz ginástica e sente que solta a mente junto com o corpo e fica feliz (26)</p>	<p><b>Cuidar do corpo</b>  3. Fazer a ginástica para perceber que pode movimentar o seu corpo de um outro jeito, sem medo de errar, que pode ficar sem sentir mais dores nas costas, sentindo que melhora quando se solta junto com o corpo, conseguindo ficar mais feliz.</p>
<p><b>Expandir, ampliar e produzir conhecimentos construindo espaços de novas aprendizagens</b>  4. Para fazer passeios e conhecer lugares (15) Aprender coisas novas que não sabia (17) Encontrar coisas novas que se ficasse só em casa não encontraria (29) participar das festas, passeios juntas (30)</p>	<p><b>Expandir, ampliar e produzir conhecimentos construindo espaços de novas aprendizagens</b>  4. Ampliar seus conhecimentos, participando de experiências de novas aprendizagens que são significativas, e realizadas fora da esfera doméstica</p>
<p><b>Reconhecer-se em outro grupo reelaborando papéis e compartilhando necessidades</b>  5. Encontrou uma segunda família, com ajuda das outras participantes e da professora amiga também (19)</p>	<p><b>Reconhecer-se em outro grupo reelaborando papéis e compartilhando necessidades</b>  5. Constituir um outro grupo para interagir, reelaborando papéis oriundos dos vínculos do grupo primário (família), e compartilhar suas necessidades, contando com o auxílio de outras pessoas.</p>

## **ANÁLISE IDEOGRÁFICA**

### **SUJEITO 2.**

Participar do “Mulheres em Movimento” significa aprender a cuidar de si, fortalecer sua autopercepção e reelaborar uma autoimagem positiva através das interações sociais com outras mulheres e fora da rotina das atividades domésticas. Ao construir essa experiência de convivência com outras pessoas, amplia laços afetivos de amizade e pode expressar seus problemas e sentimentos sem constranger-se. Poder fazer ginástica e movimentar o corpo em novas formas aprendidas, sentindo que melhora ao ampliar seus conhecimentos participando dessas novas aprendizagens. Constituindo um outro grupo para interagir, reelabora os papéis oriundos do grupo primário (família) e compartilha suas necessidades com o auxílio de outras pessoas.

### Sujeito n.3

#### Descrição n. 3

Para mim, [ 1 é abrir novos horizontes], [ 2 fazer amizades], [3 expandir conhecimento] [4 depois que eu entrei aqui, eu aprendi muito, muito mesmo], porque [ 5 antes eu era aquela assim ..., só pensava em casa, marido, filhos], [ 6 depois que eu vim para cá, aí eu procurei , até a aparência, renovar, procurei cuidar] Você vê, [ 7 fotos da época em que eu entrei aqui, você diz, não é essa mulher não é essa que está falando agora, porque eu não ligava, para nada, eu só ligava para filho, casa, marido e pronto] . Aí [ 8 depois que eu vim para aqui eu voltei a estudar, procurei ter mais conhecimento], [ 9 entrosamento com outras pessoas], e [ 10 também interessar pela cidade né, que era uma coisa, que dona de casa não se interessa], [11 depois que eu vim para cá, para mim abriu novos horizontes né, inclusive fui até procurar faculdade para fazer, faculdade da melhor idade] , que lá eu encontro gente da minha idade, que pensa como eu, que quer o mesmo que eu quero e é isso.Inclusive o meu [ 12 marido, agora diz: “ De uns anos para cá, não sei o que está acontecendo com você, porque você está muito rebelde”. Diz que eu estou rebelde, porque tudo que eu quero eu vou à luta, eu vou, e faço, e quero, eu saio, passeio, vou ao teatro, cinema ]..., e [ 13 estou fazendo mais esportes], né, e sem contar que [ 14 eu renovei mais de 10 (dez) anos, que eu vou fazer 51 (cinquenta e um) anos e, todo mundo diz assim: “Nossa! Nem parece”. Eu chego assim, para um lugar assim, para a terceira idade – “Não, você não tem terceira idade”] . Mas [ 15 é um bem que tem feito para mim, esse grupo] né.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA
1) é abrir novos horizontes	1) abrir novos horizontes
2) fazer amizades	2) fazer amizades
3) expandir conhecimento	3) Expandir conhecimento
4) depois que eu entrei aqui, eu aprendi muito, muito mesmo	4) Aprender muito, muito mesmo
5) antes eu era aquela assim ..., só pensava em casa, marido, filhos	5) Antes pensava somente na casa, no marido e nos filhos
6) depois que eu vim para cá, aí eu procurei , até a aparência, renovar, procurei cuidar	6) procurar renovar a aparência, se cuidar
7) fotos da época em que eu entrei aqui, você diz, não é essa mulher não é essa que está falando agora, porque eu não ligava, para nada, eu só ligava para filho, casa, marido e pronto	7) antes não ligava para nada, só para filho, casa e marido
8) depois que eu vim para aqui eu voltei a estudar, procurei ter mais conhecimento	8) procurar ter mais conhecimento, voltar a estudar
9) entrosamento com outras pessoas	9) se entrosar com outras pessoas
10) também interessar pela cidade né, que era uma coisa, que dona de casa não se interessa	10) se interessar pela cidade que é uma coisa que dona de casa não se interessa
11) depois que eu vim para cá, para mim abriu novos horizontes né, inclusive fui até procurar faculdade para fazer, faculdade da melhor idade	11) abrir novos horizontes, foi procurar até uma faculdade da melhor idade
12)...marido, agora diz: " De uns anos para cá, não sei o que está acontecendo com você, porque você está muito rebelde". Diz que eu estou rebelde, porque tudo que eu quero eu vou à luta, eu vou, e faço, e quero, eu saio, passeio, vou ao teatro, cinema	12) Tudo o que quer vai à luta, e faz, e quer, sai, passeia, vai ao teatro, cinema.
13) estou fazendo mais esportes	13) Fazer mais esportes
14) eu renovei mais de 10 (dez) anos, que eu vou fazer 51 (cinquenta e um) anos e, todo mundo diz assim: "Nossa! Nem parece". Eu chego assim, para um lugar assim, para a terceira idade – "Não, você não tem terceira idade	14) Renovar a aparência, tem 51 anos de idade e todo mundo que não parece.
15) é um bem que tem feito para mim, esse grupo	15) Esse grupo tem lhe feito um bem

CONVERGÊNCIAS NO DISCURSO	UNIDADES DE SIGNIFICADO INTERPRETADAS
<p><b>Expandir, ampliar e produzir conhecimentos construindo espaços de aprendizagens significativas</b></p> <p>1. é abrir novos horizontes (1) expandir conhecimento (3) depois que eu entrei aqui, eu aprendi muito, muito mesmo (4) depois que eu vim para aqui eu voltei a estudar, procurei ter mais conhecimento (8) também interessar pela cidade né, que era uma coisa, que dona de casa não se interessa (10) depois que eu vim para cá, para mim abriu novos horizontes né, inclusive fui até procurar faculdade para fazer, faculdade da melhor idade (11) marido, agora diz: “ De uns anos para cá, não sei o que está acontecendo com você, porque você está muito rebelde”. Diz que eu estou rebelde, porque tudo que eu quero eu vou à luta, eu vou, e faço, e quero, eu saio, passeio, vou ao teatro, cinema (12)</p>	<p><b>Expandir, ampliar e produzir conhecimentos construindo espaços de aprendizagens significativas</b></p> <p>1. Ampliar seus conhecimentos, ao participar de experiências propiciadoras de novas aprendizagens significativas e realizadas fora da esfera doméstica, que incentivaram seu retorno ao processo de escolarização e motivaram o interesse pelas questões pertinentes à cidade,.</p>
<p><b>Constituir novas possibilidades de interações sociais ampliando os significados afetivos e construindo outros valores éticos</b></p> <p>2. fazer amizades (2) entrosamento com outras pessoas (9)</p>	<p><b>Constituir novas possibilidades de interações sociais ampliando os significados afetivos e construindo outros valores éticos</b></p> <p>2. Participar de experiências que trazem possibilidades de estabelecer novos vínculos sociais, ampliando amizades e trocas com outras pessoas.</p>
<p><b>Reconhecer-se num espaço público e no fortalecimento da autopercepção constituir autoimagem positiva</b></p> <p>3. antes, só pensava em casa, marido, filhos (5) depois que eu vim para cá, aí eu procurei , até a aparência, renovar, procurei cuidar (6) fotos da época em que eu entrei aqui, você diz, não é essa mulher não é essa que está falando agora, porque eu não ligava, para nada, eu só ligava para filho, casa, marido e pronto (7) eu renovei mais de 10 (dez) anos, que eu vou fazer 51 (cinquenta e um) anos e, todo mundo diz assim: “Nossa! Nem parece”.Eu chego assim, para um lugar assim, para a terceira idade –“Não, você não tem terceira idade” (14) é um bem que tem feito para mim, esse grupo (15)</p>	<p><b>Reconhecer-se num espaço público e no fortalecimento da autopercepção constituir autoimagem positiva</b></p> <p>3. Participar das Mulheres em movimento é constituir um espaço onde fortalece sua autopercepção, aprendendo a cuidar de si e depois cuidar dos outros, reelaborando uma autoimagem positiva através da renovação que sente na percepção desses cuidados de si.</p>

<b>(Cont) CONVERGÊNCIAS NO DISCURSO</b>	<b>UNIDADES DE SIGNIFICADOS INTERPRETADAS</b>
<b>Cuidar do corpo</b> 4. estou fazendo mais esportes	<b>Cuidar do corpo</b> 4. Cuidar do corpo praticando esporte

## **ANÁLISE IDEOGRÁFICA**

### **SUJEITO 3.**

O “Mulheres em Movimento” significa ampliar seus conhecimentos, participando de novas aprendizagens significativas que estão fora da esfera doméstica. Participar desse grupo incentivou seu retorno ao processo de escolarização e motiva seu interesse por temáticas relativas à cidade. Ao participar dessas experiências, cuida do próprio corpo praticando esporte, amplia vínculos sociais que possibilitam trocas com outras pessoas, constituindo um espaço onde fortalece sua autopercepção, aprende a cuidar de si e depois cuidar dos outros, reelaborando sua autoimagem de forma positiva, ao fazer aquilo que gosta e quer.

#### **Sujeito n. 4**

#### **Descrição n. 4**

A princípio [ 1 eu busquei mulheres em movimento assim, foi uma recomendação médica, eu tive um problema de ácido úrico e o remédio não estava me fazendo bem, então eu achei, eu pedi para o médico se não havia condição de fazer exercício físico, procurar alguma coisa assim, ele disse que sim] e como já sabia de mulheres em movimento, então eu fui, aliás na época não era mulheres em movimento era ginástica feminina, então aí eu fui, fiz a minha inscrição e comecei fazer para fazer uma análise com o médico, sobre o trabalho é, sobre o ácido úrico, se ia baixar, se ia permanecer. Aí eu fiz um mês e voltei a fazer o exame, aí a recomendação dele foi, ele deu o remédio, o exercício físico e nada mais porque eu transpirava muito, ia perdendo toxina e então aquilo foi bom para mim por isso ], mas independente da saúde, também, assim, a coisa de você [ 2 estar convivendo com outras pessoas, com outros problemas, porque às vezes você fica em casa e você acha que o teu problema é o único, ninguém tem problemas, só você que tem, aí você vai para a ginástica, chega lá você começa a ver , no fim você esquece o seu problema para ajudar no problema da outra pessoa]. E, você no fim, você [ 3 começa a fazer ginástica, uma questão física, uma questão mental] , uma questão mesmo de [ 4 vivenciar com outras pessoas, estar assim, tipo ter outras pessoas do teu lado para você estar conversando, trocando idéias, trocando experiências] e também assim, um [ 5 calor humano, uma coisa que existe de calor humano entre as pessoas] , e a gente passa assim horas, [ 6 as vezes uma hora de ginástica para a gente é uma coisa assim de muito tempo, ali junto, a gente consegue descobrir muita coisa]. Então a [ 7 minha procura por mulheres em movimento talvez, indiretamente foi essa coisa de sair de casa, deixar um pouquinho essa coisa de dona de casa, assim tipo, liga na tomada, vai lavar roupa, passar roupa, fazer comida, limpar casa] e tal , então você [ 8 começa a ter outros valores, nessa convivência que a gente com o professor, com as alunas, com todas as atividades que a gente faz] . Porque é uma questão assim,

não fica só na sala de ginástica, nós saímos para [ 9 passeios, a gente faz assim, confraternização no final do ano, é, fazemos festa junina] . Então se torna [ 10 uma coisa mais, além da ginástica, é, uma coisa muito também do mental, trabalhar essa coisa da cabeça, de, porque a dona de casa é uma pessoa que trabalha muito a cabeça, porque ela pensa em marido, filho] , e a ginástica mulheres em movimento é tudo isso, ela ajuda você a [ 11 jogar seus bichos fora, então. Não que você chegue lá e você vai se agredir, mas não, você relaxa, faz o teu exercício, vai para a tua festa, vai para o teu encontro]. às vezes a gente promove bingos, chás. Então é [ 12 uma convivência com outras pessoas] , além, quer dizer, [13 este trabalho não é um trabalho condicionado à parte física e sim à parte, trabalha toda a nossa parte mental, o espiritual também, porque você começa a olhar para dentro de si] , entendeu ? Porque você [ 14 vê vários e várias pessoas com problemas de saúde, de família, de marido]. É, uma questão assim, é muito complexo tudo isso, é, tem que analisar ponto por ponto porque é uma coisa de, nossa é, muito, é [15 muita coisa aqui que a gente aprende] , que a gente [ 16 constrói juntas e começa a criar ramificações também, além de mulheres em movimento] , começa a, tudo vai abrangendo assim, mulheres em movimento mais assim, começa ir para: ah! vamos fazer isso, que é bom para a comunidade, vamos [ 17 fazer aquilo que é bom para nós], vamos brigar por um espaço maior, porque o fulano, as meninas lá, vamos supor, elas estão sem sala, vamos lá brigar pela sala dela , então existe essa [ 18 convivência em todos os sentidos né, tanto na parte física como na parte de ajuda, da colaboração, companheirismo].E essa confraternização que a gente faz, a gente também acaba assim, [ 19 conhecendo o outro] , porque nós somos um número muito grande de mulheres, então quando nós fazemos [ 20 essa confraternização, essa confraternização é com todos os bairros] . Então o que acontece nós nos juntamos num lugar só e começa, aí aumenta mais, então é uma bola de neve que não pára].Mulheres em movimento é mulheres e movimento mesmo, na questão do movimento, na questão da procura, [ 21 da busca por outras coisas melhores dentro da ginástica, ou fora da ginástica para nossa cidade] . É, eu acho que mulheres em movimento, abrange uma coisa bem grande, né, em relação à

Diadema, mulheres que moram em Diadema, as donas de casa, a gente busca à vezes mulheres na rua. Têm pessoa que às vezes vem: ah! eu estou com problemas assim e tal, eu estou cansada, vai para ginástica, vai fazer ginástica, então as pessoas começam a conhecer, começam a gostar, porque [ 22 os profissionais, eles fazem um trabalho é, assim eles não fazem só este trabalho físico, eles fazem o trabalho todo, é um todo, que eles trabalham conosco] . Então existe aquela coisa também, eles que nos ensinaram essa coisa de [ 23 confraternização, de estar buscando, né, aumentar esse elo da corrente cada vez mais]. Então a gente faz trabalhos assim, estamos surgindo com um trabalho também paralelo ao mulheres em movimento que surgiu dentro do mulheres em movimento, porque você [ 24 começa a ver a política, então você começa a participar, aí mulheres em movimento quer participar. Aí na religião, tem alguma coisa na igreja, a mulheres em movimento quer participar] . Então graças a Deus, nós somos [ 25 um grupo muito ativo, tanto para nós, como, a gente não fica para o umbigo, a gente vai e olha para as outras pessoas que estão a nossa volta também ] e vamos trabalhar, vamos fazer, estamos fazendo um grupo de voluntárias baseado em mulheres em movimento, porque é uma coisa assim, é numeroso em todos os bairros, então porque não aproveitar esse grupo de mulheres em movimento para estar fazendo várias coisas que é ajudar a sociedade, [ 26 ajuda a gente, e ajuda as outras pessoas que estão à nossa volta, inclusive assim, é, abrange os idosos, as crianças, e a gente vai trabalhando com isso] . E a gente, é incrível porque, se você fala às vezes, uma pessoa que não foi participar do grupo, e você fala : - Não, eu sou de mulheres em movimento. Ah!, já sei mulheres em movimento. Então é um grupo que criou, a gente está assim, enraizada realmente, a gente está tentando ver, estamos levando até homens para a sala de ginástica, marido, filhos, namorado da filha, então está começando ficar assim, eles já estão querendo cobrar os homens em movimento né. Então graças a Deus esse grupo consegue mobilizar a população de Diadema. Então isso que é, quer dizer, eu [ 27 busquei na hora certa e estou feliz com isso] . Já tem vinte anos que eu faço ginástica, e eu acho que se me tirarem a ginástica, me tiram uma perna , porque [ 28 mulheres em movimento é tudo na minha vida também, por esse lado né, de informação, de

**política, de educação, de lazer, até cultura ] a gente participa, então é uma coisa de procurar mulheres em movimento hoje, na época que eu procurei era uma coisa mais restrita, assim, muito quietinha, aí a gente começou, começou a aparecer a liderança , a gente começou a fazer uma coisa mais forte, então hoje é isso aí que tá, tá aflorando em Diadema, e espero que cada vez mais cresça e enraíze e, nós vamos para frente, mais uns vinte, trinta, quarenta anos aí, mulheres em movimento.**

UNIDADES DE SIGNIFICADO	REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA
1) eu busquei mulheres em movimento assim, foi uma recomendação médica, eu tive um problema de ácido úrico e o remédio não estava me fazendo bem, então eu achei, eu pedi para o médico se não havia condição de fazer exercício físico, procurar alguma coisa assim, ele disse que sim. Aí eu fiz um mês e voltei a fazer o exame, aí a recomendação dele foi, ele deu o remédio, o exercício físico e nada mais porque eu transpirava muito, ia perdendo toxina e então aquilo foi bom para mim.	1) Buscou porque a medicação que usava não lhe fazia bem, solicitando ao médico se poderia praticar exercícios físicos.
2) estar convivendo com outras pessoas, com outros problemas, porque às vezes você fica em casa e você acha que o teu problema é o único, ninguém tem problemas, só você que tem, aí você vai para a ginástica, chega lá você começa a ver, no fim você esquece o seu problema para ajudar no problema da outra pessoa.	2) Estar convivendo com outras pessoas, ver outros problemas, e ajudar.
3) começa a fazer ginástica, uma questão física, uma questão mental.	3) Fazer ginástica como uma questão física e mental.
4) vivenciar com outras pessoas, estar assim, tipo ter outras pessoas do teu lado para você estar conversando, trocando idéias, trocando experiências.	4) Vivenciar com outras pessoas, trocar idéias, experiências
5) calor humano, uma coisa que existe de calor humano entre as pessoas.	5) Calor humano que existe entre as pessoas
6) às vezes uma hora de ginástica para a gente é uma coisa assim de muito tempo, ali junto, a gente consegue descobrir muita coisa.	6) Conseguir descobrir muita coisa junto.
7) minha procura por mulheres em movimento talvez, indiretamente foi essa coisa de sair de casa, deixar um pouquinho essa coisa de dona de casa, assim tipo, liga na tomada, vai lavar roupa, passar roupa, fazer comida, limpar casa	7) Sair da rotina de dona-de-casa, lavar, passar, fazer comida, limpar a casa.
8) começa a ter outros valores, nessa convivência que a gente com o professor, com as alunas, com todas as atividades que a gente faz.	8) Ter outros valores, aprendidos na convivência com professor, com alunas.
9) passeios, a gente faz assim, confraternização no final do ano, é, fazemos festa junina.	9) Fazer passeios, confraternizações.
10) uma coisa mais, além da ginástica, é, uma coisa muito também do mental, trabalhar essa coisa da cabeça, de, porque a dona de casa é uma pessoa que trabalha muito a cabeça, porque ela pensa em marido, filho.	10) Trabalhar a cabeça, o mental, porque dona de casa é uma pessoa que trabalha muito a cabeça pensando em filho, marido.

<b>(cont.) UNIDADES DE SIGNIFICADO</b>	<b>REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA</b>
11) uma convivência com outras pessoas.	12) Conviver com outras pessoas
12) este trabalho não é um trabalho condicionado à parte física e sim à parte, trabalha toda a nossa parte mental, o espiritual também, porque você começa a olhar para dentro de si.	13) Começar a olhar para dentro de si, trabalhando a parte física, mental e espiritual.
13) vê vários e várias pessoas com problemas de saúde, de família de marido.	14) Ver os problemas de outras pessoas.
14) muita coisa aqui que a gente aprende.	15) Aprender muita coisa.
15) constrói juntas e começa a criar ramificações também, além de mulheres em movimento	16) Construir coisas juntas e criar ramificações em outras participações.
16) fazer aquilo que é bom para nós	17) fazer aquilo que é bom.
17) convivência em todos os sentidos né, tanto na parte física como na parte de ajuda, da colaboração, companheirismo	18) Conviver em todos os sentidos, na parte física e na colaboração, no companheirismo.
18) conhecendo o outro	18) Conhecer o outro.
19) essa confraternização, essa confraternização é com todos os bairros	19) Confraternizar com todos os bairros.
20) da busca por outras coisas melhores dentro da ginástica, ou fora da ginástica para nossa cidade.	20) Buscar outras coisas na ginástica e fora da ginástica, para a cidade.
21) os profissionais, eles fazem um trabalho é, assim eles não fazem só este trabalho físico, eles fazem o trabalho todo, é um todo, que eles trabalham conosco.	21) Procurar profissionais que atuam oferecendo mais do que o trabalho com o físico.
22) confraternização, de estar buscando, né, aumentar esse elo da corrente cada vez mais.	22) Buscar confraternizar e aumentar o elo da corrente
23) começa a ver a política, então você começa a participar, aí mulheres em movimento quer participar. Aí na religião, tem alguma coisa na igreja, a mulheres em movimento quer participar.	23) Começar a participar de política, assuntos religiosos.
24) um grupo muito ativo, tanto para nós, como, a gente não fica para o umbigo, a gente vai e olha para as outras pessoas que estão a nossa volta também	24) Buscar um grupo muito ativo, de gente que não olha só para o próprio umbigo, e olha para outras pessoas que estão à sua volta.
25) ajuda a gente, e ajuda as outras pessoas que estão à nossa volta, inclusive assim, é, abrange os idosos, as crianças, e a gente vai trabalhando com isso	25) Ajudar outras pessoas, adultos, idosos, crianças.
26) busquei na hora certa e estou feliz com isso.	26) Procurar na hora certa e ficar feliz.
27) mulheres em movimento é tudo na minha vida também, por esse lado né, de informação, de política, de educação, de lazer, até cultura a gente participa	27) Buscar mulheres em movimento é tudo na vida, informação, política, educação, lazer e cultura.

CONVERGÊNCIAS NO DISCURSO	UNIDADES DE SIGNIFICADO INTERPRETADAS
<p><b>Cuidar do corpo</b></p> <p>1. Buscou porque a medicação que usava não lhe fazia bem, solicitando ao médico se poderia praticar exercícios físicos. (1) Fazer ginástica como uma questão física e mental (3) Sair da rotina de dona-de-casa, lavar, passar, fazer comida, limpar a casa (7) Trabalhar a cabeça, o mental, porque dona de casa é uma pessoa que trabalha muito a cabeça pensando em filho, marido (10) Começar a olhar para dentro de si, trabalhando a parte física, mental e espiritual (13) Procurar profissionais que atuam oferecendo mais do que o trabalho com o físico (22)</p>	<p><b>Cuidar do corpo</b></p> <p>1. Fazer ginástica e começar a olhar para si, sair da rotina dos trabalhos de casa, e ao reconhecer sua integralidade - aspectos físicos, mentais e espirituais -, encontrou algo além do condicionamento físico .</p>
<p><b>Constituir novas possibilidades de interações sociais ampliando os significados afetivos e construindo outros valores éticos</b></p> <p>2. Estar convivendo com outras pessoas, ver outros problemas, e ajudar (2) Vivenciar com outras pessoas, trocar idéias, experiências (4) Calor humano que existe entre as pessoas (5) Conseguir descobrir muita coisa junto (6) Ter outros valores, aprendidos na convivência com professor, com alunas (8) Fazer passeios, confraternizações (9) Relaxar, jogar fora as tensões, fazer exercícios, ir para festa, para encontro (11) Conviver com outras pessoas (12) Ver os problemas de outras pessoas (14) Construir coisas juntas e criar ramificações em outras participações (16) fazer aquilo que é bom (17) Conviver em todos os sentidos, na parte física e na colaboração, no companheirismo (18) conhecer o outro (19) Confraternizar com todos os bairros (20) Buscar confraternizar e aumentar o elo da corrente (23) Buscar um grupo muito ativo, de gente que não olha só para o próprio umbigo, e olha para outras pessoas que estão à sua volta (25) Ajudar outras pessoas , adultos, idosos, crianças (26)</p>	<p><b>Constituir novas possibilidades de interações sociais ampliando os significados afetivos e construindo outros valores éticos</b></p> <p>2. Participar de experiências coletivas que ativaram a solidariedade e o companheirismo e trouxeram possibilidades de estabelecer novos vínculos sociais e trocas e laços afetivos com outras pessoas. Descobrir outros valores para si que auxiliaram na percepção da importância de conviver e de expandir e ramificar suas ações para também ajudar outras pessoas, grupos e bairros da cidade, fazendo do encontro, das festas e confraternizações um elo das aprendizagens coletivas.</p>

**Atribuir novos significados para a ação ampliando-se na esfera de participação política na cidade**

3. Buscar outras coisas na ginástica e fora da ginástica, para a cidade (21) Começar a participar de política, assuntos religiosos (cont)(24) buscou na hora certa e fica feliz (28) Buscar mulheres em movimento é tudo na vida, pois encontra informação, política, educação, lazer e cultura (29)

**Atribuir novos significados para a ação ampliando-se na esfera de participação política na cidade**

3. Participar das mulheres em movimento significa estar informada sobre outras coisas, e propicia a ampliação da participação em outros temas, tais como a política, religião, lazer, educação, cultura, incentivando a participação nas questões relacionadas à ginástica e à cidade.

## **ANÁLISE IDEOGRÁFICA**

### **SUJEITO 4.**

Participar do “Mulheres em movimento” é fazer ginástica e começar a olhar para si, sair da rotina dos trabalhos domésticos e reconhecer sua integralidade, nos aspectos físicos mentais e espirituais, encontrando algo além do condicionamento físico. As experiências coletivas que realiza ativam a solidariedade e o companheirismo, trazendo possibilidades de enriquecer as trocas sociais e os vínculos com outras pessoas. Ao descobrir novos valores expandiu suas ações para também ajudar outras pessoas, outros grupos de outros bairros da cidade. Essas experiências de trocas, encontros, festas, das confraternizações, constituem um elo de aprendizagens coletivas que ampliaram significativamente suas informações nas questões de religião, política, lazer, educação, cultura e incentivaram sua participação não somente na ginástica, mas também no conhecimento da cidade.

## Sujeito n. 5

### Descrição n. 5

No começo foi [ 1 para melhorar de uns problemas, um médico que pediu, eu vim procurar.] [ 2 Por uns problemas que eram assim, me deixavam sem vontade de fazer nada, eu tinha engordado muito, eu tomava remédio para a pressão, mais uns remédios para ficar calma, sabe, e não ajudava ] , minha filha estuda em frente e fiquei sabendo que tinha matrícula e vim. [ 3 Ficava em casa só brigando com todo mundo, eu tinha problema de tontura também, não ficava bem com nada, era uma tristeza mesmo] . [ 4 Minha filha falava que era para eu conhecer outras pessoas e o médico também. Tinha até ficado internada um tempo por causa desses problemas]. Foi difícil até para vir aqui na sala, sem vontade de sair de casa, não dava, né. Eu [5 precisava melhorar mas não dava vontade, fiquei até com medo de ficar com coisa mais grave] . Quando fiz minha ficha [ 6 pensei na minha saúde, na minha mente queria ser mais alegre]. [ 7 As amigadas daqui ajudaram bastante no começo, as meninas, que eu falo assim porque sou mais velha um pouco, vinham logo perguntar se eu tava melhorando]. Não conseguia fazer a ginástica direito no começo, porque ficava com a cabeça girando mas eu sentava e ficava [ 8 olhando as outras, fazia e sentava e assim foi indo que eu aprendi, fui me soltando.] Quando eu pensava, assim... que tinha dia que eu ficava em casa sem vontade, eu pensava que [ 9 precisava vencer isso, a falta de vontade na vida para minha pessoa ] . Hoje eu tenho uns 9 anos que já venho aqui e nem penso mais em largar e cada dia eu [ 10 quero ter mais vontade pois foi uma..um jeito de ter uma vida nova], me [11 relacionar com as pessoas, participar das festas que são bonitas] e [ 12 também de ter assim, que nem uma ajuda corporal] , eu acho que é que nem [ 13 um tratamento sem os remédios, deu mais vontade ainda] , eu acredito que [ 14 consegui melhorar para mim] . Foi assim. Agora todos em casa gostam. Eu vim [ 15 para melhorar minha vida] , e [ 16 as meninas que são muito divertidas, elas são como irmãs, filhas, pensam em todas e cuidam, incentivam, passam aquela vontade para todas] , hoje [ 17 eu também cuido] . Quando vim

para cá, na sala, eu [ 18 não sentia que podia ajudar ninguém, não sabia,daí fui vendo.] Depois de um tempo ,lá pelos 2 anos que vinha [ 19 nas mulheres em movimento já sentia que a vida, minha saúde tinha melhorado muito,] [ 20 melhorava assim, era no coração,era na cabeça, não era assim do coração por causa de remédios, era das coisas que a gente aprende e começa a fazer, assim...fica mais alegre e ajudando, mas tá ajudando você também] ... entende... quando vim, fui [ 21 ficando alegre e com mais disposição] . Eu [ 22 faço essas coisas e faço outras todo dia hoje] , sabe que até [ 23 para os passeios eu sou a primeira que fica querendo ir] como falam as meninas, eu posso , [ 23 eu vejo que as meninas da sala gostam de mim, isso é importante também] , você [ 24 aprende, conversa, vai acertando, todos ajudam, é importante, muitas são donas de casa,] mas [ 24 aqui é que nem arrumar uma casa que é a gente] , sabe né, [ 25 aprender que primeiro é a gente] (risos) . Eu acho que vim para cá e [ 25 encontrei um jeito da saúde e felicidade, junto. Sou muito feliz com as mulheres em movimento] , é isso então, né.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA
1) Para melhorar de uns problemas, um médico que pediu, eu vim procurar	1) Buscou por recomendação médica
2) Por uns problemas que eram assim, me deixavam sem vontade de fazer nada, eu tinha engordado muito, eu tomava remédio para a pressão, mais uns remédios para ficar calma, sabe, e não ajudava	2) Melhorar de problemas que deixavam sem vontade de fazer as coisas.
3) Ficava em casa só brigando com todo mundo, eu tinha problema de tontura também, não ficava bem com nada, era uma tristeza mesmo	3) Buscou as mulheres em movimento porque não ficava bem com nada e era triste.
4) Minha filha falava que era para eu conhecer outras pessoas e o médico também. Tinha até ficado internada um tempo por causa desses problemas	4) Buscou por ter sido internada por causa de problemas e a filha e o médico aconselharam a conhecer outras pessoas
5) precisava melhorar mas não dava vontade, fiquei até com medo de ficar com coisa mais grave	5) Precisava melhorar pois tinha medo de sentir coisas mais graves
6) pensei na minha saúde, na minha mente queria ser mais alegre	6) Buscar as mulheres em movimento para ser mais alegre, pensando na sua saúde
7) As amigadas daqui ajudaram bastante no começo, as meninas, que eu falo assim porque sou mais velha um pouco, vinham logo perguntar se eu tava melhorando	7) Buscar pelas amigadas das mais jovens, que ajudaram bastante ao se interessarem pela sua melhora.
8) olhando as outras, fazia e sentava e assim foi indo que eu aprendi, fui me soltando	8) Aprender olhando as outras e ir se soltando
9) precisava vencer isso, a falta de vontade na vida para minha pessoa	9) Buscar as mulheres em movimento para vencer a falta de vontade na vida
10) quero ter mais vontade pois foi uma..um jeito de ter uma vida nova	10) Querer ter mais vontade e um jeito de ter uma vida nova
11) relacionar com as pessoas, participar das festas que são bonitas	11) Buscar se relacionar com as pessoas participando de festas
12) também de ter assim, que nem uma ajuda corporal	12) Procurar a atividade física para ajudar o seu corpo
13) um tratamento sem os remédios, deu mais vontade ainda	13) Procurar um tratamento sem remédios que dá mais disposição
14) consegui melhorar para mim	14) para conseguir auto-percepção da melhora
15) Para melhorar minha vida	15) Buscou para melhorar a vida
16) as meninas que são muito divertidas, elas são como irmãs, filhas, pensam em todas e cuidam, incentivam, passam aquela vontade para todas	16) Buscou pelo incentivo de outras mulheres que são como irmãs e filhas e que cuidam de uma forma divertida
17) Eu também cuido	17) Procurar participar para também cuidar
18) não sentia que podia ajudar ninguém, não sabia, daí fui vendo	18) Procurar para sentir que também podia ajudar outras pessoas
19) nas mulheres em movimento já sentia que a vida, minha saúde, tinha melhorado muito	19) Buscar as mulheres em movimento para sentir melhora na vida e na saúde

<b>(CONT) UNIDADES DE SIGNIFICADO</b>	<b>REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA</b>
20) melhorava assim, era no coração,era na cabeça, não era assim do coração por causa de remédios, era das coisas que a gente aprende e começa a fazer, assim...fica mais alegre e ajudando, mas tá ajudando você também (cont)	20) Procurar as atividades para melhorar, por estar aprendendo e podendo fazer sem ajuda de remédios, e sentir que ao ajudar também está se ajudando com alegria.
21) ficando alegre e com mais disposição	21) Buscar as atividades para estar mais disposta e alegre
22) Faço essas coisas e faço outras todo dia hoje	22) Conseguir fazer e conciliar as atividades do cotidiano
23) eu vejo que as meninas da sala gostam de mim, isso é importante também	23) buscou para sentir que as mais jovens gostam de sua participação
24) Aqui é que nem arrumar uma casa que é a gente	24) Buscou as mulheres em movimento para arrumar uma casa que é ela mesma
25) aprender que primeiro é a gente	25) para aprender a sentir se colocando em prioridade
26) encontrei um jeito da saúde e felicidade, junto. Sou muito feliz com as mulheres em movimento	26) Buscar mulheres em movimento para ter saúde e felicidade junto

<b>CONVERGÊNCIA NO DISCURSO</b>	<b>UNIDADES DE SIGNIFICADO INTERPRETADAS</b>
<p><b>Reconhecer-se num espaço público e no fortalecimento da auto percepção constituir autoimagem positiva</b></p> <p>1. Buscou por recomendação médica (1) Buscou por ter sido internada por causa de problemas e a filha e o médico aconselharam a conhecer outras pessoas (4) Melhorar de problemas que deixavam sem vontade de fazer as coisas (2) Buscou as mulheres em movimento porque não ficava bem com nada e era triste (3) Precisava melhorar pois tinha medo de sentir coisas mais graves (5) Buscar as mulheres em movimento para ser mais alegre, pensando na sua saúde (6) Buscar as mulheres em movimento para vencer a falta de vontade na vida (9) Querer ter mais vontade e um jeito de ter uma vida nova (10) Procurar um tratamento sem remédios que dá mais disposição (13) Buscou mulheres em movimento para conseguir uma auto percepção da melhora (14) Buscou para melhorar a vida (15) Buscar as mulheres em movimento para sentir melhora na vida e na saúde (19) Procurar as atividades para melhorar, por estar aprendendo e podendo fazer sem ajuda de remédios, e sentir que ao ajudar também está se ajudando com alegria (20) Buscar as atividades para estar mais disposta e alegre (21) Buscou as mulheres em movimento para arrumar uma casa que é ela mesma (24) para aprender a sentir se colocando em prioridade (25) Buscar mulheres em movimento para ter saúde e felicidade junto (26)</p>	<p><b>Reconhecer-se num espaço público e no fortalecimento da auto percepção constituir autoimagem positiva</b></p> <p>1. Participar das Mulheres em movimento é constituir um espaço onde fortalece sua auto percepção, melhorando seu ânimo e sua disposição para a vida, para ficar mais alegre, podendo melhorar sem ajuda de remédios. Ao aprender a cuidar de si, arrumar a sua casa interior e se colocar como prioridade, reelabora sua auto percepção e constrói uma autoimagem positiva, obtendo vontade para viver, tendo saúde e felicidade nas atividades coletivas.</p>
<p><b>Reconhecer-se em outro grupo reelaborando papéis e compartilhando necessidades</b></p> <p>3. Buscou pelo incentivo de outras mulheres que são como irmãs e filhas e que cuidam de uma forma divertida (16)</p>	<p><b>Reconhecer-se em outro grupo reelaborando papéis e compartilhando necessidades</b></p> <p>3. Constituir um outro grupo para interagir, reelaborando papéis oriundos dos vínculos do grupo primário (família), e compartilhar suas necessidades, contando com o auxílio de outras pessoas que a cuidam de uma forma divertida.</p>

**(CONT) Cuidar do corpo**

4. Procurar a atividade física para ajudar o seu corpo (12) Conseguir fazer e conciliar as atividades do cotidiano (22)

**Cuidar do corpo**

4. Fazer ginástica como uma atividade física para ajudar o seu corpo a conseguir realizar outras tarefas do cotidiano

## **ANÁLISE IDEOGRÁFICA**

### **SUJEITO 5.**

Participar do “Mulheres em Movimento” significa constituir um espaço onde fortalece sua autopercepção, melhora seu ânimo pela vida, aprendendo a cuidar de si, construindo uma autoimagem positiva tendo saúde e felicidade ao participar de atividades coletivas, que são experiências que trazem possibilidades de estabelecer novos vínculos sociais, ampliando seus laços de amizade com pessoas e grupos etários mais jovens, que ensinam a se cuidar e a cuidar. Constituinte um outro grupo para interagir, pode reelaborar os papéis oriundos do grupo primário (família) e compartilhar suas necessidades com outras pessoas que a ajudam de forma alegre, divertida, e também consegue fazer uma atividade física para ajudar seu corpo a realizar outras atividades do cotidiano.

CATEGORIAS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS INTERPRETADAS	DISCURSOS					
		1	2	3	4	5	T
<b>CUIDAR DO CORPO</b>							
	1. Fazer ginástica, como uma forma de mexer, cuidar de problemas na coluna, movimentar o corpo e trata-lo como num consultório médico, para desta forma ficar boa (D1.1)	X					
	2. Fazer a ginástica para perceber que pode movimentar o seu corpo de um outro jeito, sem medo de errar, que pode ficar sem sentir mais dores nas costas, sentindo que melhora quando se solta junto com o corpo, conseguindo ficar mais feliz. (D2.3)		X				
	3. Cuidar do corpo praticando esporte (D3.4)			X			
	4. Fazer ginástica e começar a olhar para si, sair da rotina dos trabalhos de casa, e ao reconhecer sua integralidade - aspectos físicos, mentais e espirituais - , encontrou algo além do condicionamento físico . (D4.1)					X	
	5. Fazer ginástica como uma atividade física para ajudar o seu corpo a conseguir realizar outras tarefas do cotidiano (D5.4)						X
							<b>5</b>

CATEGORIAS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS INTERPRETADAS	DISCURSOS					
		1	2	3	4	5	T
<b>CONSTITUIR NOVAS POSSIBILIDADES DE INTERAÇÕES SOCIAIS</b> <b>AMPLIANDO OS SIGNIFICADOS AFETIVOS E CONSTRUINDO OUTROS VALORES ÉTICOS</b>							
6. Obter na convivência com outros, a ampliação dos vínculos sociais simbolizados pela amizade, participando da circulação das trocas afetivas e da reelaboração de valores éticos e políticos para si e para os outros. (D1.2)		X					
7. Participar das Mulheres em movimento é construir uma experiência de convivência com outros, que permite a ampliação dos vínculos sociais com significados afetivos simbolizados pelas amizades, que busca para expressar os seus problemas sem envergonhar-se. (D2.2)			X				
8. Participar de experiências que trazem possibilidades de estabelecer novos vínculos sociais, ampliando amizades e trocas com outras pessoas. (D3.2)					X		
9. Participar de experiências coletivas que ativaram a solidariedade e o companheirismo e trouxeram possibilidades de estabelecer novos vínculos sociais e trocas e laços afetivos com outras pessoas. Descobrir outros valores para si que auxiliaram na percepção da importância de conviver e de expandir e ramificar suas ações para também ajudar outras pessoas, grupos e bairros da cidade, fazendo do encontro, das festas e confraternizações um elo das aprendizagens coletivas. (D.4.2)						X	
10. Participar de outras experiências que trazem possibilidades de estabelecer novos vínculos sociais, ampliando amizades, trocas e laços afetivos com outras pessoas, especialmente as mais jovens que a incentivam, preocupadas com sua melhora, assim aprende com outras pessoas que também pode cuidar e ajudar e que gostam de sua participação. (D5.2)							X
							5

CATEGORIAS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS INTERPRETADAS	DISCURSOS					
		1	2	3	4	5	T
<b>RECONHECER-SE EM OUTRO GRUPO REELABORANDO PAPÉIS E COMPARTILHANDO NECESSIDADES</b>							
11. Constituir um outro grupo para interagir, reelaborando papéis oriundos dos vínculos do grupo primário (família), e compartilhar suas necessidades de expressar sentimentos, atribuindo valores positivos às possibilidades de trocas. (D1.3)		X					
12. Constituir um outro grupo para interagir, reelaborando papéis oriundos dos vínculos do grupo primário (família), e compartilhar suas necessidades, contando com o auxílio de outras pessoas. (D.2.5)			X				
13. Constituir um outro grupo para interagir, reelaborando papéis oriundos dos vínculos do grupo primário (família), e compartilhar suas necessidades, contando com o auxílio de outras pessoas que a cuidam de uma forma divertida. (D5.3)					X		
							3



CATEGORIAS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS INTERPRETADAS	DISCURSOS					
		1	2	3	4	5	T
<b>EXPANDIR, AMPLIAR E PRODUZIR CONHECIMENTOS CONSTRUINDO ESPAÇOS DE APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS</b>							
17. Ampliar seus conhecimentos, participando de experiências de novas aprendizagens que são significativas, e realizadas fora da esfera doméstica. (D2.4)			X				1

CATEGORIAS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS INTERPRETADAS	DISCURSOS					
		1	2	3	4	5	T
<b>ATRIBUIR NOVOS SIGNIFICADOS PARA A AÇÃO AMPLIANDO-SE NA ESFERA DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA CIDADE</b>							
<p>18. Ampliar seus conhecimentos, ao participar de experiências propiciadoras de novas aprendizagens significativas e realizadas fora da esfera doméstica, que incentivaram seu retorno ao processo de escolarização e motivaram o interesse pelas questões pertinentes à cidade. (D3.1)</p>		X					
<p>19. Participar das mulheres em movimento significa estar informada sobre outras coisas, e propicia a ampliação da participação em outros temas, tais como a política, religião, lazer, educação, cultura, incentivando a participação nas questões relacionadas à ginástica e à cidade. (D4.3)</p>		X					
							2